

Universidade Estadual Paulista

"Julio de Mesquita Filho"

Instituto de Artes

Ricardo Bezerra de Albuquerque

*Auké - A Ilha Invisível: Pintura e Dramaturgia*

São Paulo

2017

Rcardo Bezerra de Albuquerque

*Auké - A Ilha Invisível: Pintura e Dramaturgia*

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - UNESP, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Artes Visuais, Área de concentração: Artes Visuais, pintura.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Mauro Romagnolo

São Paulo

2017

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de  
Artes da UNESP

A345a	Albuquerque, Ricardo Bezerra de, 1963-
	<i>Auké - A Ilha Invisível: Pintura e Dramaturgia</i> / Ricardo Bezerra de Albuquerque. - São Paulo, 2017.
	272 f. : il. color.
	Orientador: Prof. Dr. Sergio Mauro Romagnolo.
	Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.
	1. Pintura. 2. Arte contemporânea – Séc. XXI. 3. Teatro. I. Romagnolo, Sergio Mauro. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

Ricardo Bezerra de Albuquerque

*Auké - A Ilha Invisível: Pintura e Dramaturgia*

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Artes Visuais no Curso de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - UNESP, com Área de concentração em Artes Visuais, pintura pela seguinte banca examinadora.

---

Prof. Dr. Sergio Mauro Romagnolo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Lúcia Regina Vieira Romano

---

Prof. Dr. José Paiani Spaniol

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rosa Gabriella de Castro Gonçalves

---

Prof. Dr. Alvaro Seixas

São Paulo, 20 de junho de 2017

## Agradecimentos

Sérgio Romagnolo, Lucia Romano, Rosa Gabriella, José Spaniol,

Alvaro Seixas , Iuri Pereira e Cristina Guerreiro

Para Ana Lúcia, Luiza e João Vicente

## RESUMO:

O trabalho apresenta o processo de criação do texto dramático *Auké - A Ilha Invisível* e a produção pictórica criada especificamente para ele. O texto dramático discute os desdobramentos que a comunicação cria a partir do encontro entre personagens oriundos de mundos diferentes e os desentendimentos relacionais consequentes.

O trabalho busca integrar a pintura com a dramaturgia teatral para compor uma nova sintaxe estética tanto visual quanto teatral a partir das afinidades e diferenças entre as duas linguagens. A tese aborda também a transformação da pintura ao estar nesse novo lugar que não é o espaço expositivo tradicional público e/ou privado.

A pesquisa revela o processo de escrita do texto dramático e o resultado obtido dessa inter-relação com a pintura. Assim, a dramaturgia e a pintura ao se fundirem num propósito comum criam um campo conceitual e experimental que se desdobra em uma nova *práxis* artística.

Palavras-chave: Arte contemporânea, Pintura, Teatro, Linguagem visual, Linguagem teatral, *Site specific*.

## ABSTRACT:

The work presents the process of creation of the dramaturgic text *Auké – A Ilha Invisível* (*Auké – The Invisible Island*) and the pictorial production specially created for it. The dramaturgic text discusses the unfolding ways that communication creates from the meeting of the characters coming from different worlds and the consequent quarrels in their relationship;

The work aims at integrating the painting with theatrical dramaturgy to compose a new aesthetics syntax both visual as well as theatrical starting with the similarities and differences between the two languages. The thesis also approaches the transformation of picture by being in that new place which is not the private and or public traditional space for exhibition.

The research reveals the process of writing the dramaturgic text and the result obtained out of that interrelation with the painting. Therefore, the dramaturgy and the painting when merging in a common purpose create a conceptual and experimental field that unfolds into a new artistic practice.

Key-words: Contemporary art, Painting, Theater, Visual Language, Theatrical Language, Site specific.

## Sumário

1. Antecedentes	8
1.2. <i>A Última Almôndega</i>	28
1.3. <i>Gou Gou</i>	36
2. Cadernos de Registros e os Rastros Alegóricos	40
3. A Escrita do Texto Dramatúrgico <i>Auké - A Ilha Invisível</i>	56
3.1. A primeira leitura	62
4. Pinturas, Trípticos e Ilustrações	65
4.1. A Linguagem Pictórica	65
4.2. Série Auké: pinturas e comentários	81
4.3. Trípticos e Ilustrações	109
5. <i>Auké - A Ilha Invisível</i>	116
Considerações finais	164
Bibliografia	166
Apêndice	171

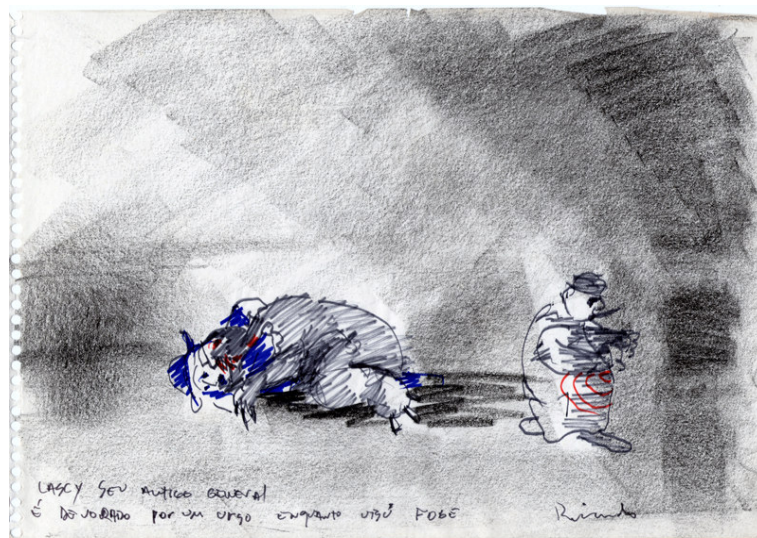


## 1. Antecedentes

Minha primeira experiência com teatro e desenho se deu na década de oitenta do século passado, quando, funcionário da livraria Capitu, vendia livros na porta do Teatro Ruth Escobar em São Paulo durante os festivais que lá ocorriam. Logo que o sinal de entrada para o teatro tocava, recolhia os livros e assistia às peças. Foi em 1986 que assisti *UBU / Folias Physicas, Pataphysicas e Musicaes* do grupo Teatro do Ornitórrinco. Ainda que desenhada posteriormente, os dezoito desenhos de Ubu foram o meu primeiro registro visual de peças de teatro. Fixei as imagens do espetáculo na minha cabeça. Isso é de certa maneira emocionante para mim pois tive que fazê-las prontamente de primeira, antes que desaparecessem da minha cabeça. Formatei-os juntamente com recortes do *folder* do espetáculo criando um álbum que se folheava acompanhando a sequência dos registros até o fim.



*UBU / Folias Physicas, Pataphysicas e Musicaes*. Desenho 3/18, 1986, caneta e giz sobre papel.



UBU / *Folias Physicas, Pataphysicas e Musicaes*. Desenho 2/18, 1986, caneta e giz sobre papel.



UBU / *Folias Physicas, Pataphysicas e Musicaes*. Desenho 11/18, 1986, caneta e giz sobre papel.

Foi um espetáculo marcante por muitos aspectos. A visualidade que a Lina Bo Bardi (1914-1992) criou era espetacular e o grupo captou de modo muito sensível toda a virulência do texto de Alfred Jarry (1873-1907) que segundo o depoimento abaixo de Lina Bo Bardi foi a única vanguarda sobrevivente do início do século XX.

Jarry praticamente representou aquilo que era antítese que ainda hoje continua. É a única vanguarda que sobrevive... as outras vanguardas, os *ismos* acabaram praticamente, mas a vanguarda do Jarry continua. É a vanguarda da destruição positiva, quer dizer, do cinismo. Enfrentar o terrível como era, como foi e como é o século XX... uma destruição que é praticamente uma dialética de reconstrução. É muito importante, é nesse sentido que eu acho que o Jarry é importante muito importante ainda hoje.<sup>1</sup>

Posteriormente, já nos anos 2000, meu interesse de fato por teatro ressurgiu pela prática de acompanhar minha esposa, Ana Lúcia, às apresentações. Sucessivas peças de teatro foram assistidas ao longo dos anos e, a partir de 2010, passei a assisti-las munido de um caderno de desenho, onde na penumbra do teatro registrava as cenas durante as apresentações.

A prática do registro das peças ganhou uma dimensão visual grande. Desenhei mais de uma centena de peças que culminaram numa proposição para o *Prêmio Funarte de Arte Contemporânea 2012* - Galerias Funarte de Artes Visuais São Paulo intitulada *Desenhos, Teatros e Pinturas*. Uma pequena

---

1

VIEIRA, Pedrão; JUNGLE, Tadeu. *UBU, Foliae Physicas, Pataphysicas e Musicaes*. Teatro do Ornitorrinco. Depoimento de Lina Bo Bardi. Disponível em: <<https://youtu.be/5adhldmo0mA>>. Acesso em 09 abr. 2017.

exposição com aproximadamente vinte desenhos no teatro *CIT – Ecum* em São Paulo, em 2014, intitulada *Teatro e Desenho e 3 Peças: desenhos e pinturas*<sup>2</sup>, na *Oficina Cultural Oswald Andrade*, em 2013.

O Prêmio FUNARTE, apesar de meu projeto não ter sido contemplado, foi o primeiro exercício importante de fundamentação teórica, organização e desdobramento dos registros teatrais de quatro importantes peças de teatro que realizei durante os anos 2011 e 2012 em São Paulo: *Ópera do Vivos – Companhia do Latão*, 2011; *Macumba Antropófaga – Oficina Uzyna Uzona*, 2011; *As Três Velhas – Grupo Pândega*, 2011 e *O Idiota, Uma Novela Teatral – Mundana Companhia*, 2012. O projeto reunia 64 desenhos e quatro pinturas de grande formato.

Em parceria com Débora Oelsner Lopes montamos todo o material que consistia nesse núcleo expositivo, contrapartidas sociais, palestras e material impresso. Essa experiência, entre outras coisas, foi importante porque pela primeira vez criei pinturas a partir do material desenhado durante os espetáculos. Sobre pinturas e teatro voltarei a falar neste capítulo. No momento vou falar sobre os desenhos.

A técnica de desenhar espetáculos teatrais consiste em dispor de um bloco com folhas soltas (ou um caderno maleável) onde coloco a data, nome da peça na primeira folha e numero as páginas, o que me garante que posso deixar esquecidos os desenhos sem perder as seqüências e informações gerais. Normalmente, como chego um pouco antes, desenho o palco para me situar espacialmente na folha e ter também a visão geral; às vezes desenho a platéia. Os registros vão se sucedendo por escolhas e motivos os mais variados: luz, diálogos, movimento etc. Muitas vezes eu faço anotações de cor e luz indicando pontos e referências.

---

2

O registro da exposição pode ser encontrado em <http://www.rbezerra.art.br/pinturas/>.

Alguns desenhos são linhas muito abstratas, de uma gestualidade cega porque na maioria das vezes desenhava no escuro; pode-se notar no desenho abaixo como o palco – esboçado previamente – me deu uma estrutura mínima que me garantiu, ao apagar das luzes da platéia, localizar espacialmente os três personagens que apesar de ficarem tronchos e desfigurados estão inseridos no espaço cenográfico representado do papel.



*As Três Velhas*, 2011. Lápis sobre papel, 21 X 14,8 cm.

Posteriormente aos registros *in loco* realizo um trabalho de pesquisa de imagem que me auxilia na construção da cena representada. Ainda que muitas imagens fotográficas não reproduzissem o mesmo ângulo ou nem mesmo a mesma cena, isso me fazia lembrar o clima, me proporcionando referências de cor e muito mais.



À esquerda, *Ópera dos Vivos*, 2011. Lápis sobre papel, 21 x 14,8 cm. À direita, fotografia do espetáculo *Ópera dos Vivos*.



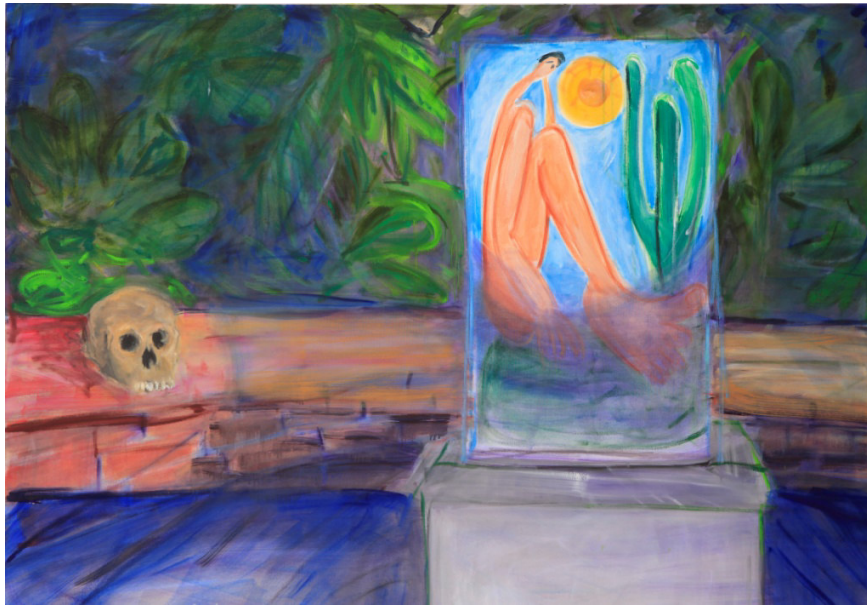
À esquerda, *O Idiota* 2012. Desenho executado durante o espetáculo. À direita, o mesmo desenho com a finalização posterior. Lápis e aquarela sobre papel 21 x 14.8 cm.

O desejo de imitar era mais forte que o desejo de abstrair do real. Isso de uma certa maneira é uma ruptura de todo um caminho que fiz na arte; foi um retorno a um tipo de pintura e registro narrativo presentes em minhas pinturas dos anos 1980.



*Autorretrato*, anos 1980-90 (aprox.). Óleo sobre tela. 134 x 145 cm.

Os desenhos de espetáculos teatrais foram – como poderemos notar nas obras posteriores – evoluindo naturalmente para um desprendimento em relação a representações fincadas numa realidade imitativa dos espetáculos e criando um mundo poético mais próprio. Tanto era profundo o desejo de imitar essas cenas teatrais que Paulo Monteiro, artista brasileiro da geração 80 do século passado, comentou para mim sobre as pintura que o incrível era como elas (as pinturas) eram tão idênticas aos desenhos.

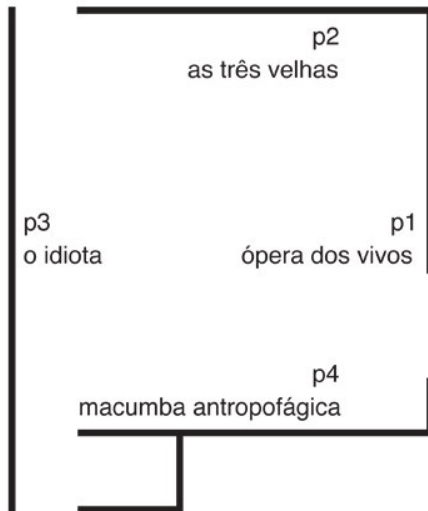


*Macumba Antropófaga*, 2012. Óleo sobre tela. 190 x 145 cm.



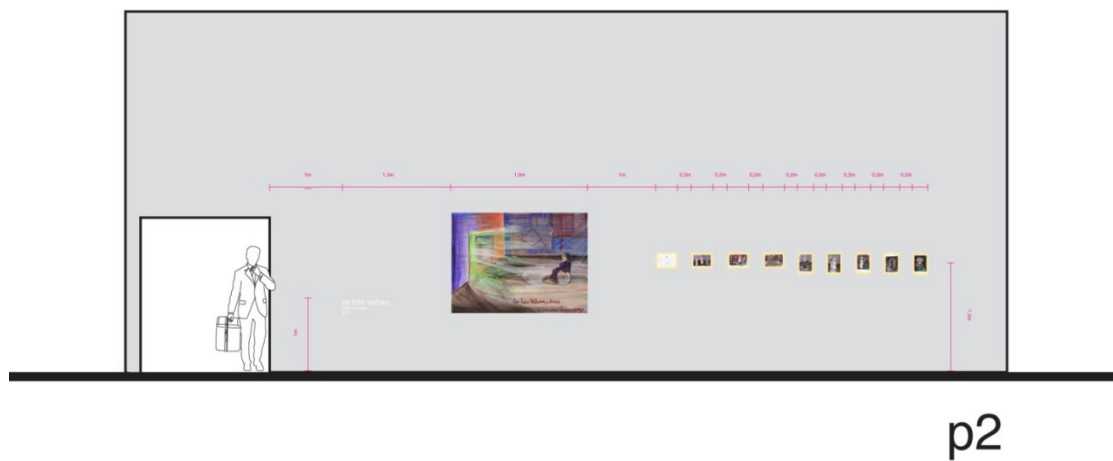
*Ópera dos Vivos*, 2012. Óleo sobre tela. 190 x 145 cm.





planta  
sala mario schenberg

Planta da Sala Mario Schenberg com as localização das paredes e obras.



Detalhe do projeto da parede 2 da sala Mario Schenberg com as cotas das obras.

\* \* \*

*Teatro e Desenho* foi uma pequena exposição com aproximadamente vinte desenhos que fiz no *hall* do teatro CIT - Ecum. Essa parceria com o teatro me permitiu assistir aos espetáculos selecionados pelo diretor artístico Ruy Cortez durante os anos de 2013 e 2014, o que infelizmente não se prolongou porque o teatro teve que fechar as portas para entrega do imóvel para construção civil<sup>3</sup>. O combinado que propus era uma permuta de dois ingressos por peça e como troca eu entregava um desenho.

Nesta exposição não expus todas as peças registradas mas um pequeno recorte de desenhos selecionados por Ruy Cortez e eu. Do pequeno texto que escrevi para exposição cito três parágrafos que esclarecem essa postura que tive do desenho frente ao teatro.

- Aí comecei a desenhar peças sempre que dava. Imaginei desenhar como costumava fazer, e foi assim mesmo: Sentar num bom lugar na platéia, dar uma enquadrada do palco e cenário no papel e administrar as escolhas do que registrar.
- ...Cada peça tem um espírito que se transforma em linguagem visual. As mudanças no trabalho aconteciam nesse embate entre o teatro e a linguagem visual.

---

3

Sobre o fechamento do CIT – Ecum, ver <http://culturafm.cmais.com.br/cultura-agora/sobpressao-da-especulacao-imobiliaria-teatro-cit-ecum>.

- Todas as peças foram desenhadas do começo ao fim... Mesmo completos, representam apenas recortes e fragmentos de luzes, vozes, cenários e personagens. Não dá para entender nenhuma peça a partir deles, nem deles é essa função... O que eles devem ser é ser desenhos mesmo.



*Myrna sou Eu 1*, 2013. Lápis e aquarela sobre papel, 21 X 29,7 cm.



*Discurso do Coração Infartado*, 2013. Lápis, guache e aquarela sobre papel, 21 X 29,7 cm.

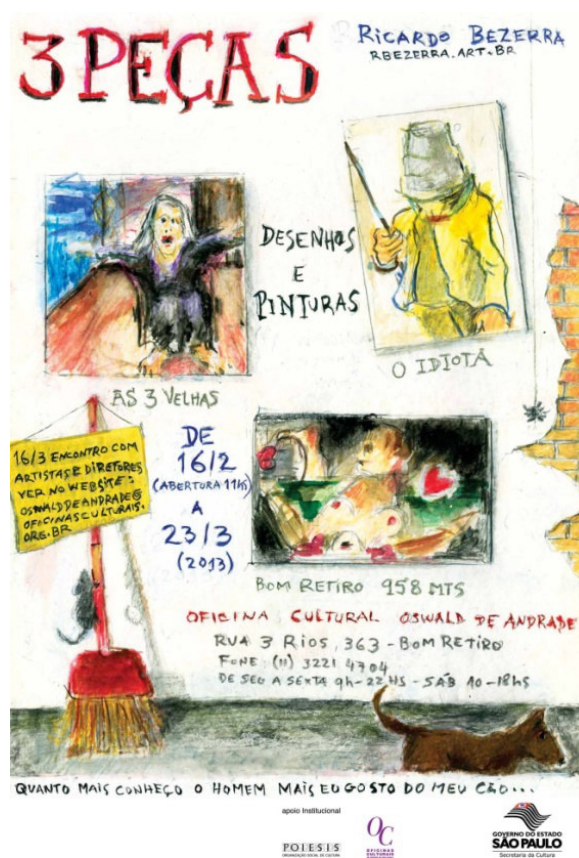


*O Natimorto 1*, 2013. Lápis, guache e aquarela sobre papel, 24 X 32 cm.



*O Fantástico Reparador de Feridas* 20, 2013.. Lápis e aquarela sobre papel, 21 X 29,7cm

Uma outra experiência foi a exposição *3 Peças: desenhos e pinturas*. Nesta exposição individual na Oficina Cultural Oswald Andrade em 2013 reuni os registros que fiz dos espetáculos *As Três Velhas* – Teatro Pândega, 2011; *O Idiota, Uma Novela Teatral* – Mundana Companhia, 2012 e *Bom Retiro 958 metros* – Teatro da Vertigem, 2012 juntamente com pinturas sobre tela e papel.



Cartaz da exposição 3 Peças: desenhos e pinturas.



Vista da exposição 3 Peças: Desenhos e Pinturas.



Dois desenhos da exposição: *As Três Velhas* (esquerda) e *O Idiota* (direita) 2012. Lápis e aquarela sobre papel, 21 x 14.8 cm (cada).

Dessas experiências saliento dois aspectos importantes:

- Todo o receio que se tem ao expor registros poéticos observados e trabalhados posteriormente é ficar refém do próprio registro, é subtrair o que o desenho tem de potência da linguagem em si mesma para transformá-lo numa representação simples dos espetáculos; o público fica empobrecido e refém também na busca por tentar entender a peça de teatro olhando os desenhos. As peças não se comparam aos desenhos e pinturas assim como estes não representam as peças.
- Em cada uma das pinturas – executadas sobre papel e tela – existiam diferentes pensamentos no que se referem às referências à história da arte. Em algumas pinturas buscava abstrair a cenografia criando obras mais formalistas com questionamentos sobre a luz, ritmo, composição e gestualidade como em *Cenário das Três Velhas*; em outras pinturas fiz

composições e recriações ampliadas dos desenhos estilo aparentemente neo-expressionista como em *o Sonho de Míchkin*; e em outras pinturas formas mais realista como *Caçamba*, formalizações essas influenciadas pelos próprios espetáculos. As ampliações dos desenhos nas pinturas da exposição *3 Peças* criaram uma materialidade ampliada importantíssima para o que chamei posteriormente de “significantes abstratos da linguagem visual” que apresento no capítulo 3 – *Pinturas, Trípticos e Ilustrações*.



*Cenário das Três Velhas*, 2012. Óleo sobre tela, 100 x 145,5 cm.





*O Sonho de Michkin*, 2012 - (O Idiota). Óleo sobre tela, 140 x 190 cm.



*Caçamba*, 2013 - (BR 958 metros). Óleo sobre tela, 146 x 100 cm.

- Essas pinturas mais figurativas são um resultado poético muito diferente de toda minha obra dos anos 1990 e 2000, mais formalistas e abstratas; elas são um retorno, como já disse, a uma poética dos anos oitenta do século passado. Essa discussão plástica entre as duas poéticas, formalista e conteudista, nas pinturas já não fazia mais sentido; meu interesse com o teatro alterou a minha concepção poética da arte que passa a ser uma relação de configurações novas que misturam as linguagens da pintura e a escrita teatral, assunto esse que se encontra no centro da dramaturgia do texto *Auké - A Ilha Invisível*.
- A temporalidade de uma exposição não é a mesma temporalidade de uma peça de teatro, pois o público passeou pela exposição de várias maneiras, uns seguiam as paredes da esquerda para a direita, outros iam direto para a obra que lhe chamou mais a sua atenção, por isso não expus os desenhos na forma linear/temporal do registro das peças. Isso tampouco garantiria um entendimento do conteúdo da peça. O público tinha um percurso livre para olhar, e as legendas, o texto e a ficha da exposição davam a cada um e mais àqueles que haviam visto os espetáculos condições para entender a proposta de maneira clara e simples. O público poderia "abster-se do papel de mero observador que permanece parado e impassível diante de um espetáculo distante"<sup>4</sup> e fortalecidos por essa autonomia de percurso imergir numa reunião de imagens poéticas de cenas teatrais podendo assim construir suas próprias histórias ressignificadas por associações subjetivas, que imagino terem sido tão variadas quantas foram as pessoas.

---

4

RANCIÈRE, Jacques. "O Espectador Emancipado" (2008). Artigo publicado originalmente em inglês na revista ArtForum de março de 2007. Disponível em: <<http://www.questaodecritica.com.br/2008/05/o-espectador-emancipado/>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

A exposição *3 Peças: Desenhos e Pinturas* possuía um texto curto que escrevi salientando a importância desses registros executados durante as peças bem como as pinturas subsequentes. Mantive aqui a formatação, pois a considero relevante:

### **3 Peças: Desenhos e Pinturas**

O movimento do pensamento não remete aqui a contradições sucessivas num processo progressivo, mas muito mais a um fazer e desfazer lúdico e figurativo, ao movimento da metáfora. A dimensão temporal não consiste tanto na linearidade, mas mais na contiguidade, não num depois do outro, mas num ao lado do outro. Nessa descontinuidade fundamental há momentos privilegiados em que ocorrem condensações, reuniões entre dois instantes antes separados que se juntam para formar uma nova intensidade e, talvez, possibilitar a eclosão de um verdadeiro outro.

Jeanne-Marie Gagnebin. *Perspectivas*, São Paulo, 16: p.84, 1993.

Tenho um amigo que cultivava uma caixa cheia de pequenas coisas misturadas. Há anos ele a possui e recentemente tive a oportunidade de revê-la... Não é nada demais, são parafusos, clipes, miolo de chaves, botões, enfim, pedaços e pedaços de coisas que sabemos ou não para que servem mas que por dó não jogamos fora por acreditar que um dia podemos precisar... Quando trabalhávamos juntos, ele tentou convencer a coordenação a autorizar o uso livre do conteúdo da caixa para trabalhos de arte educação com crianças. A autorização só viria se desfizesse a caixa e distribuísse as coisas misturadas de acordo com algum critério classificatório como todos os materiais que estavam na classe; preferiu não desmontar a caixa pois acreditava que a lógica da caixa é ser uma caixa daquele jeito mesmo... a gente fuça ela e encontra uma arruela, uma porca, um pedaço de correntinha, olha a caixa dentro e descobre coisas

que podem se combinar mesmo sem nada a ver entre o que se vê e para o que serve, como se a forma de algo sugerisse algo de outro.....

Um criado-mudo é outro desses lugares onde se alojam essas coisas misturadas como um relógio que um dia pensa em arrumar, uma caixinha de plástico, um manual de celular; são espaços pessoais que mesmo nós, os donos, dificilmente lembramos o que e por que os deixamos lá... Para a arte, são arqueologias que criam pequenas narrativas visuais independentes das origens e destinos, jogar o jogo lúdico das poéticas visuais, um olhar que constrói um pensamento visual na descoberta do olhar a forma.....

.....

O intuito de reunir as 3 peças de teatro com outras pinturas é de uma certa maneira colocar e embaralhar tudo dentro de um criado-mudo e retirar de lá imagens que se combinam por novos critérios que não são as temporalidades cronológicas das peças, e sim por uma nova narrativa recriada da combinação de outras afinidades eletivas. Não há nenhuma garantia de que o que vejo e entendo das formas seja a mesma coisa que meu vizinho veja e entenda, ainda mais se forem coisas muito pessoais, a 'diversão' reside aí, nos desdobramentos que revelem em cada um a sua narrativa recriada.....

.....

Ricardo Bezerra SP 16-10-2012

## 1.2. A Última Almôndega

Não me recordo muito bem por que escrevi meu primeiro texto teatral. Creio que tenha sido motivado por assistir tantos espetáculos teatrais e ministrar cursos de desenho sobre o assunto e que isso possa ter me instigado a escrever. Mas creio que o desejo veio sobretudo por uma vontade de assistir uma peça irreverente e fazê-la existir do modo como imaginei; continuo imaginando assisti-las pois nunca foram encenadas. Tentei também com os dois primeiros textos teatrais a possibilidade de transformá-los em histórias em quadrinhos; cheguei a mandar para editais e graças a Deus não fui aceito. Antes de receber a notícia dos editais já havia esboçado os desenhos de quase os dois textos, o que me fez desesperar diante do trabalho que teria pela frente caso fosse contemplado.



*A Última Almôndega*, 2013. Estudos iniciais. Lápis e aquarela sobre papel, 21 x 14.8 cm (cada).

A minha formação em artes visuais obviamente levou a escrita a reunir desenhos e pinturas com texto teatral, o que gerou esse desafio cada vez maior de integrar artes visuais e teatro para compor novos significados a partir das afinidades e diferenças entre as duas linguagens.

Antes de *Auké - A Ilha Invisível* escrevi dois outros textos importantes para esse estudo e que estão no Apêndice desta tese: *A Última Almôndega*, 2013 e *Gou Gou*, 2013.

*A Última Almôndega* foi lida dramaticamente no dia 10 de agosto de 2014 no Espaço *Jã* em São Paulo<sup>5</sup>. A história é uma alegoria sobre a especulação imobiliária na cidade de São Paulo e os conflitos gerados aos cidadãos por ela vitimados. A idéia surgiu a partir de um casarão abandonado e espremido entre prédios da rua Gabriel dos Santos, no bairro Santa Cecília, na cidade de São Paulo. *A Última Almôndega* combina citações de Walter Benjamin, Valéry, Brecht, entre outros, com diálogos cômicos dando à narrativa uma oscilação entre profundidade em certos momentos com irreverência e deboche em outros.



À esquerda, 14. *A Última Almôndega*, 2013. Lápis e gouache sobre papel. À direita, foto do casarão da rua.

---

5

Atores: Ana Lucia Anonni de Mello, Carolina Maluf, Luiza Annoni, Julia Klein, Walter Tabax, Gabriela Mafud, Wilton Azevedo, Caco Mattos. Direção: Rodrigo Fidelis; Efeitos especiais: Marcos Bertoni; Produção: Julian Lepick.  
<https://www.youtube.com/watch?v=hsIOKIT0mFw&t=3s>.

O texto conta a vida de Sill, uma vendedora de obras e objetos artísticos duvidosos, que vive num velho casarão herdado de seu pai cuja propriedade será vendida por sua irmã Vara, procuradora dos bens da família e advogada da construtora interessada. A trama se desenrola na tentativa de barrar a venda e impedir que Sill seja despejada junto com os outros dois moradores do casarão, o mordomo e jardineiro Lordão, e um pássaro preto chamado Tição.



Estudos de personagens. Lápis, guache e aquarela sobre papel 21 x 29,7 cm (cada).

Composto por um texto dramático, 73 desenhos, trilha sonora e fotos que funcionaram como contrapontos e complemento do texto e vice-versa, a peça tinha as artes visuais não só nas imagens mas também no conteúdo do texto teatral que discutia relações entre obras de arte, o mercado e questões ligadas à linguagem visual e escrita, assunto este que será posteriormente o tema central do texto dramaturgico *Auké - A Ilha Invisível*. Apenas como um exemplo disso (que desenvolvo no próximo capítulo) cito abaixo o diálogo inicial entre Sill e seu mordomo Lordão. O casal discute, exatamente como o Rato e o Xamã em *Auké*

- *A Ilha Invisível*, a relação significante/significado entre palavras e imagens. O trecho em questão, além de ser um bom exemplo do conteúdo das questões de linguagem, expressa e exemplifica também o tom irreverente do texto dramaturgico:

**SILL:** É O QUE DIGO LORDÃO... EU FAÇO A MINHA PARTE E VC A SUA....QUANTAS VEZES ME PERGUNTO O QUE SERIA DE UM SEM O OUTRO...

**LORDÃO:** SIRVO A MADAME COMO A CHUVA PARA A TERRA: SE NÃO CHOVER A TERRA MORRE....PREFERIRIA QUE NÃO FOSSE ASSIM.....

**SILL:** MENTIROSO... *SILL OLHA PARA O QUADRO 'ANTÚRIOS' QUE ESTÁ NA PAREDE:* ESSES ANTÚRIOS SÃO PORNOGRÁFICOS... NÃO SÃO, LORDÃO?

**LORDÃO:** NÃO SÃO ANTÚRIOS, MADAME. ANTÚRIOS CRESCEM, CHEIRAM E MORREM....

*NESTA HORA LORDÃO APROXIMA-SE DE SILL E RECITA OLHANDO ENTRE AS PERNAS DELA*

*RESPIRE-SE À VONTADE UMA FLOR AGRADÁVEL NO OLFATO; JAMAIS SE CHEGARÁ A ESGOTAR ESSE PERFUME CUJO GOZO RENOVA A NECESSIDADE...(Valéry) SEUS OLHOS É QUE SÃO PORNOGRÁFICOS, MADAME.*

**SILL:** *AS COISA QUE VEJO ME VEEM COMO EU AS VEJO (Valéry).* É ISSO MESMO! MAS, LORDÃO, SE NÃO SÃO ANTÚRIOS, A SUA PICA ENTÃO O QUE É? HAHAHA

*LORDÃO ABAIXA A CABEÇA ENVERGONHADO.*



**SILL:** DAS CABEÇAS, SÓ ESSA É QUE VOCÊ ABAIXA?...  
HAHAHA

**LORDÃO:** MADAME, ASSOBIE O CANTO DE UM  
PÁSSARO QUE LOGO OUTRO SURGIRÁ... ELE  
ACHARÁ QUE OUVIU SEU SEMELHANTE.... ELES SE  
ILUDEM ASSIM COMO A MADAME.

**SILL:** *SILL PULA NAS COSTAS DE LORDÃO.*

OS PINTOS TAMBÉM SE ILUDEM?

**LORDÃO:** OS PINTOS SEGUEM AS GALINHAS... SE  
ELAS SE ILUDIREM ELES TAMBÉM SE ILUDIRÃO...

A *Última Almôndega* foi uma rudimentar integração de linguagens onde percebe-se a predominância do texto teatral cuja escrita se sobrepõe em relação às linguagens visual e sonora que acompanharam em segundo plano o conjunto interpretativo. Esteticamente falando, ou seja, a concepção visual dos desenhos e imagens para reunir-se ao texto teatral foi um exercício muito importante para o desenvolvimento de uma poética visual voltada para uma dramaturgia. Era divertido antecipar e adiar reações através das imagens e o público divertia-se com isso ao ver nas projeções as reações interpretadas nos desenhos, muitas vezes com resultados *nonsense*.

O uso do software *Photoshop* como recurso gráfico – ainda que de uso rudimentar – para compor as imagens projetadas resultaram numa ampliação das possibilidades visuais de arranjos, colagens e montagens visuais que posteriormente vim a utilizar com mais propriedade em *Auké - A Ilha Invisível*.



*A Última Almôndega*, 2013. Imagem projetada na leitura dramática. Lápis e gouache sobre papel, 29,7 x 21 cm. Colagem digital.



*A Última Almôndega*, 2013. Imagem projetada na leitura dramática. Lápis e gouache sobre papel 29,7 x 21 cm. Colagem digital.



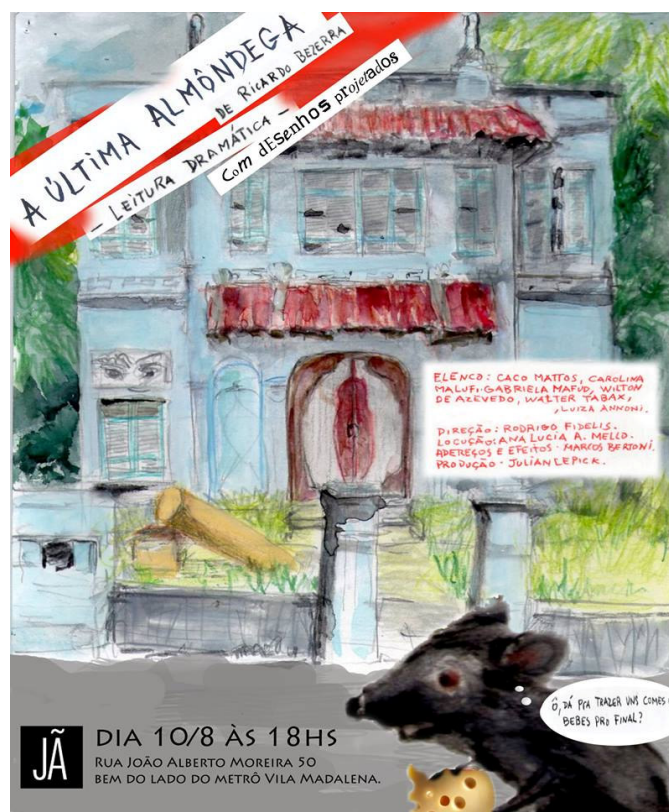
*A Última Almôndega*, 2013. Imagem projetada na leitura dramática. Lápis e guache sobre papel, 29,7 x 21 cm. Colagem digital.



*A Última Almôndega*, 2013. Imagem projetada na leitura dramática. Lápis, gouache e montagem digital sobre papel, 29,7 x 21 cm. Colagem digital.



*A Última Almôndega*, 2013. Fotografia da apresentação.



*A Última Almôndega*, 2013. Convite para leitura dramática.

### 1.3 Gou Gou



Gou Gou, 2013. Lápis, guache e aquarela sobre papel, 29,7 x 42 (cada).

*GOU GOU* é uma história sobre as aventuras de um velho avaro e aposentado chamado Gou Gou que possui um armário inteiro repleto de barras de ouro, fruto de todas as suas economias.

Aficionado pelo Egito antigo, Gou Gou numa de suas viagens às pirâmides decide comprar uma semente de um místico chamado Mudads, que, segundo as sagradas escrituras, gerará um lagarto com asas chamado Teremun. Teremun tem a missão sagrada de levar o armário de Gou Gou cheio de ouro até o céu, onde o mesmo viverá essa vida nova com todos os seus pertences num outro plano espiritual.



Gou Gou, 2013. Lápis, guache e aquarela sobre papel, 29,7 x 42 (cada).

Gou Gou cria Teremun com todo seu amor e carinho; chama-o de filho e o educa, entretanto, Teremun é na verdade um embuste que, junto com Mudads, surrupiará toda a fortuna de Gou Gou e fugirá com Evangelina, a sobrinha do avaro. O conflito é solucionado quando Gou Gou decide comprar seu retorno à terra para vingar-se da traição de Teremun e reaver sua fortuna. Gou Gou mata Teremun e sofre uma transformação interior. Depois desta experiência traumática ele decide abdicar de todos os apegos materiais e buscar, junto com seu amigo Flatione, a verdadeira essência do ser embrenhando-se na floresta amazônica em busca do aurífero Eldorado Maia e Asteca.

*Gou Gou* é inspirado num parente solteiro meu, que ao falecer deixou uma pequena fortuna em dinheiro e bens em seu testamento. Este testamento – que incluía quatro apartamentos, aplicações em fundos da Petrobrás e muito dinheiro em conta corrente – foi alterado por um enteado que junto com sua irmã advogada deu o *golpe de mestre* na família herdeira. Como este meu parente

não deixou filhos muito menos se casou a família não teve sequer a chance de partilhar metade dos valores a que juridicamente teríamos direito.

A criação do texto *Gou Gou* foi muito rápida porque me apareceu imediatamente a imagem do texto pronto; ainda que haja alguns elementos das ruas, ele não é um texto que veio “das ruas”, que reúne registros de fragmentos recolhidos e reconstruídos na ficção; ele contém muitas informações e hábitos pessoais desse meu parente, apenas isso. *Gou Gou* portanto parte de um fato real e torna-se, como as outras duas peças, alegorias de uma experiência humana. Não houve leitura pública do texto, muito menos dramática; *Gou Gou* é um texto inédito.



Gou Gou, 2013, Lápis, gouache e aquarela sobre papel, 29,7 x 42 cm.

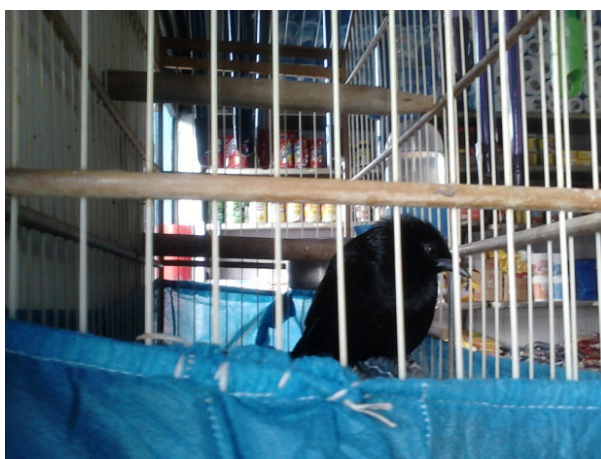
*A Última Almôndega e Gou Gou*, assim como *Auké - A Ilha Invisível*, são estruturas alegóricas (assunto a ser tratado mais à frente) de escrita do gênero fábulas tanto pela prosa do texto quanto pela presença de animais que falam e pensam; as três histórias possuem em comum também lições de moral nem sempre ortodoxas e politicamente corretas que, em estilo irônico e sarcástico, expõem conflitos de conduta moral e ética.



## 2. Cadernos de Registros e os Rastros Alegóricos

“Nossa linguagem pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas; e isto cercado por uma quantidade de novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes.”

Wittgenstein, *Investigações Filosóficas*.



Fotografia do pássaro preto do bar do Alonso (São Paulo) e desenho de observação do pássaro, que inspirou o personagem Tição do texto dramático *A Última Almôndega*. Lápis sobre papel, 21,5 X 14 cm.

Creio que nenhum artista estrutura seu discurso de forma lógica, ou melhor, o estrutura a partir de uma lógica interna que se constrói num processo artístico. Acidentes, idas e vindas, constituem um universo fragmentado de experiências que fazem parte da arte. A ordem de escrita poética ou a forma de criação de uma pintura não podem ser entendidas como uma receita metodológica científica, ou seja, as experiências repetidas com os mesmos elementos por

outras pessoas e até mesmo pelo próprio artista não garantem os mesmos resultados para cada uma das pessoas que desejarem experimentar fazê-las.

A consciência sobre o processo é, e creio que deva ser sempre, parcial. O artista adquire segurança no percurso na medida em que acumula experiências no seu fazer e os percebe próximos ou distantes de suas intuições. Assim, os acasos que fazem parte do percurso são bem-vindos quando as conseqüências do seu surgimento possuem as afinidades necessárias com as intuições do artista.

*Auké - A Ilha Invisível e A Última Almôndega* tiveram (bem mais que *Gou Gou*) boa parte das idéias das obras, imagens e frases do texto escrito extraídos de registros em pequenos cadernos de esboços feitos nas ruas da cidade de São Paulo. Os registros são cadernos com frases ouvidas, anotações de pensamentos e desenhos.

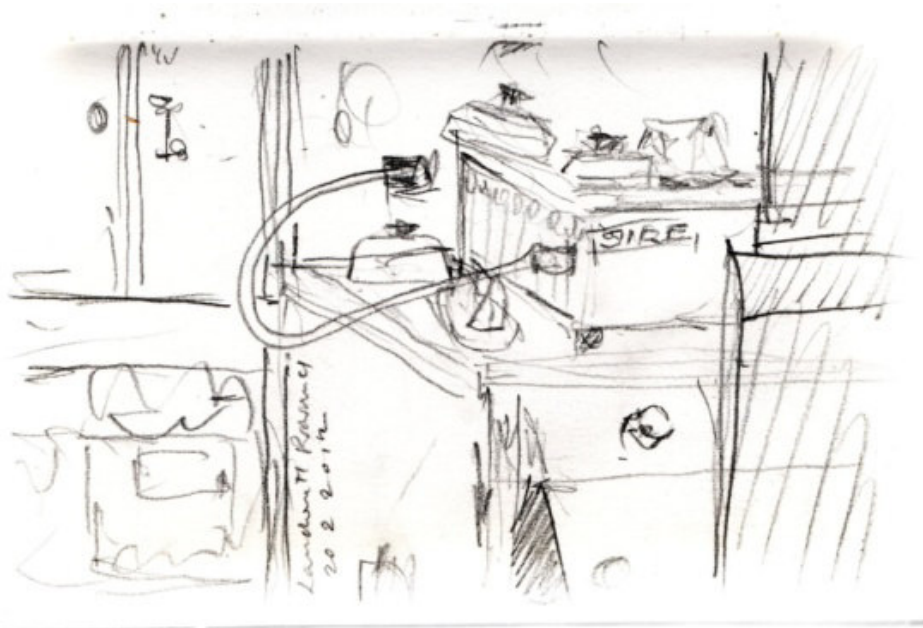
As ruas a que me refiro dizem respeito a uma área pequena de São Paulo. Ainda que tudo que é pequeno em São Paulo seja grande para qualquer outro lugar do planeta – a cidade de São Paulo, sem incluir as periferias, possui um raio de 20 quilômetros –, a região do meu “estudo” são as zonas oeste e centro da capital paulista. Destes “bons lugares” da cidade meu campo de percepção e observação são os ônibus, as ruas, os estabelecimentos comerciais de pequeno porte e botecos tradicionais brasileiros onde os trabalhadores até a categoria de gerente frequentam para tomar um café, almoçar e beber depois do expediente. Exploro os bairros mudando caminhos a pé ou de carro. Minhas saídas não são errâncias sem destino. Saio de casa porque tenho algo a fazer, seja ir trabalhar, fazer ginástica, compras etc. Os registros se dão nessas “zonas mortas” onde as pessoas acham que nada acontece, aliá não percebem que estão na própria cidade, tamanho o foco no compromisso futuro que ficam cegos, surdos e mudos para experiências vividas na cidade entre os compromissos (JACQUES, 2014).

Todos que frequentam esses locais a que me refiro têm mais ou menos seus dinheiros contados e vivem – com muitas variações e variáveis – no fio da linha entre estar bem ou bem mal. O espírito dos registros é mostrar que exatamente nas relações interpessoais que são estabelecidas em pequenos encontros regulares ou não, é que se funda um reconhecimento de pertencer a uma dinâmica criada por estas relações, que orienta e educa parte dos pontos de vista e opiniões sobre a vida, a política e o trabalho dos seus. Freqüento esses locais porque gosto de estar nesse fluxo da cidade e como um artista, retiro muitas, mas muitas narrativas fragmentadas que estruturam minha poética artística, que é uma interface entre artes plásticas e teatro. Interagir e viver é a primeira camada que devemos experimentar na cidade para percebermos essas estruturas narrativas fragmentadas que compõem um conjunto infinito e incessante de experiências sociais.

Os registros, independentemente das relações com os textos teatrais, sempre foram entendidos como uma prática desinteressada em si e para si mesma cuja produção acabava ficando acumulada nos cadernos tornando-se um simples álbum de recordações de pouco interesse artístico posterior, como por exemplo esboços para pinturas etc. Esses desenhos recorrentes naturalmente produziram séries como *Pessoas no Ponto*, *Cobrador Dormindo*, *Chapa de Buteco* etc. Os registros normalmente incluem também data e local e muitas vezes frases ou algo complementar. É possível desenvolver uma boa pesquisa sobre os cadernos de registro pois são uma importante base de trabalho para análise e estudos futuros.



*Balcão*, 2012. Lápis sobre papel, 10 x 15 cm.



*Lanchonete Provence*, 2012. Lápis sobre papel, 10 x 15 cm.

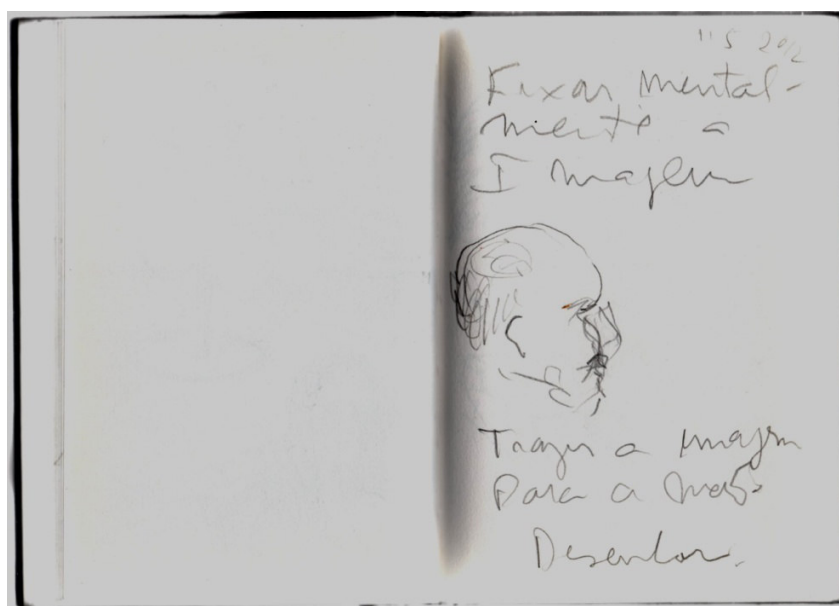


Acima, *Buteco na Martins*, 2011. Lápis sobre papel, 10 x 15 cm. Abaixo, *India Magnólia*, 2012.

Lápis sobre papel, 10 x 15 cm.



À esquerda, *Mulher no ponto*, 2012. Lápis sobre papel, 10 x 15 cm. À direita, *Molho de Chaves*, 2012. Lápis sobre papel, 10 x 15 cm.



*Pensamento*, 2012. Lápis sobre papel, 10 x 15 cm (esquerdo).



*Cobrador dormindo*, 2012. Lápis sobre papel, 13,7 x 21,5 cm. (cada).

Só posteriormente, um novo tipo de registro foi surgindo ao mesmo tempo que a prática de desenho de observação diminuiu. Assistindo e desenhando espetáculos teatrais, os desenhos passaram a ocupar metade do espaço dos registros e o uso de escrita se intensificou; os espaços públicos tornaram-se conscientemente numa plataforma sensorial de dados e reflexões informais e “desinteressadas” como anotações específicas sobre a arte e processos criativos.

Esses pedaços de frases lidas ou ouvidas em áudios, televisores, de pessoas, em placas, recolhidos como pequenos fragmentos era uma motivação para mim sobretudo pelo jogo lúdico de construir uma obra a partir desses vestígios. O jogo seria recolher elementos que ressoassem aos olhos, ouvidos, paladar, tato e olfato, que fossem percebidos como significativos e que dessas páginas folheadas como uma matriz fragmentada esse caldo caótico de signos poderia funcionar como uma protolinguagem na qual os sinais recombinaos poeticamente poderiam vir a ser uma potência criadora de novos jogos semânticos.

Não é no olhar rotineiro do cotidiano, em princípio, que podem residir chances de perceber o potencial de um resíduo. É necessário, em uma situação contemplativa, agir como observador capaz de perceber a realidade imediata e, ao mesmo tempo, entender cada objeto como uma potência latente do que não foi dito, por ter sido silenciado ou por ter havido esquecimento.<sup>6</sup>

---

6

GINZBURG, Jaime. “A interpretação do rastro em Walter Benjamin”. In: SEDLMAYER, Sabrina et al (Org.). *Walter Benjamin: Rastro, aura e história*. Belo Horizonte: UFMG, 2012, p. 110.



De fato os registros não foram realizados com um olhar rotineiro pela cidade mas com um olhar atento sobre o cotidiano do ônibus, do boteco ou da rua do qual participo.

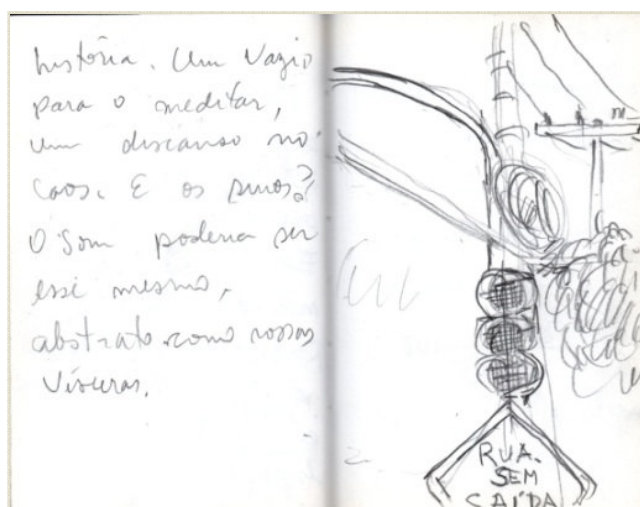
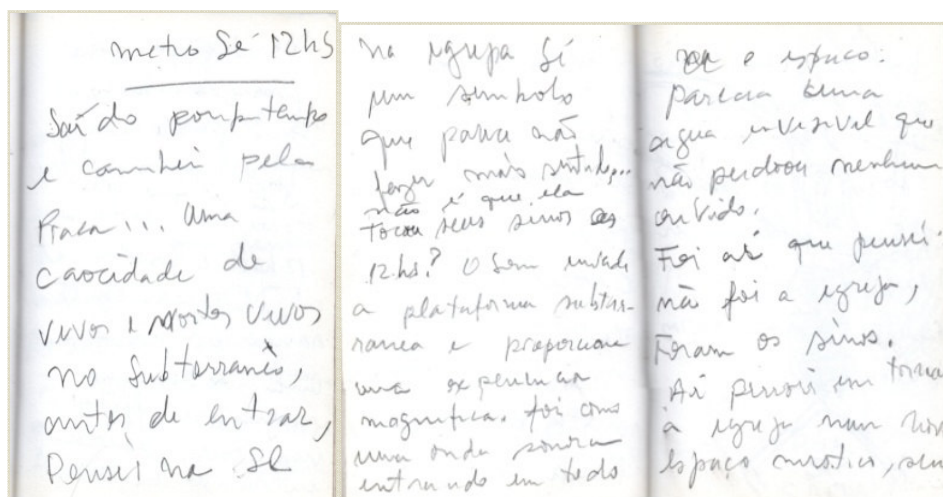
A expressão “situação contemplativa” a que Guinzburg se refere é um estado de atenção sensorial objetiva sobre o mundo. O registro passa a ser importante desde que – metafisicamente falando – ele “pediu para ser enxergado”, que o reconhecesse como tal, não só como potência latente do real, mas também como um rastro alegórico ou, seja dizer *B* para significar *A*. Este rastro alegórico está presente na realidade imediata, e é dele que eu retiro um sinal que posteriormente possa utilizar poeticamente. Seguem alguns exemplos de um rastro alegórico.

#### Exemplo 1.

O primeiro exemplo é o texto intitulado *Metrô Sé 12 hs* escrito no dia 26/12/2014 numa ocasião que precisei ir à praça da Sé para retirar minha carteira de motorista no Poupatempo.

#### *Metrô Sé 12 hs*

Saí do Poupatempo e caminhei pela praça... Uma caocidade de vivos e mortos vivos no subterrâneo, antes de entrar, pensei na Sé, na igreja Sé. Um símbolo que parece não fazer mais sentido... não é que ela tocou seus sinos às 12 hs? O som invadiu a plataforma subterrânea e proporcionou uma experiência magnífica. Foi como uma onda sonora entrando em todo o espaço. Parecia uma água invisível que não perdoou nenhum ouvido. Foi aí que pensei: não foi a igreja, foram os sinos. Aí pensei em tornar a igreja um novo espaço místico sem história. Um vazio para meditar, um descanso no caos. E os sinos? O som poderia ser esse mesmo, abstrato como nossas vísceras. (26/12/2014)



Metro Sé, 2014. Lápis sobre papel, 10 x 15 cm. (cada página).

Esse conjunto de significantes que soam como imagens/palavras tais como *caocidade*, *vivos e mortos vivos*, *onda sonora*, *água invisível*, *abstrato como vísceras* tem uma potência poética forte que podem muito bem ser aproveitada em combinações ou adaptações que criarão as alegorias; os rastros são recolhidos não só da observação da cidade mas também nos tecidos da

linguagem, ou seja, os rastros se espalham infinitamente pela cidade, são recolhidos na forma de registros e posteriormente esses pedaços interessantes retirados indicialmente ou interpretativamente alimentam as estruturas dos textos e pinturas que realizo. O texto *Metro Sé 12hs* foi adaptado para o diálogo entre a *Sra. Mulher* e a *Cantora Lírica* no texto dramaturgico em *Auké - A Ilha Invisível*. A adaptação do texto ficou assim:

**Sra. Mulher:** Antes de embarcar para esse congresso religioso no Caribe, saí da Sé para o metrô. Quando fui entrar olhei para trás e vi aquela arquitetura religiosa, o símbolo máximo da riqueza Universal do reino de Deus. Nessa hora, nas escadas do metrô, os sons dos sinos das 12 horas começaram a badalar. Eles invadiram a plataforma subterrânea proporcionando uma experiência magnífica. Foi como uma onda sonora entrando em todos os espaços. A espiritualidade da igreja se tornara uma água invisível penetrando como uma graça divina em todos os ouvidos, dos fiéis e dos infiéis. Ainda ouço eles penetrando em mim...

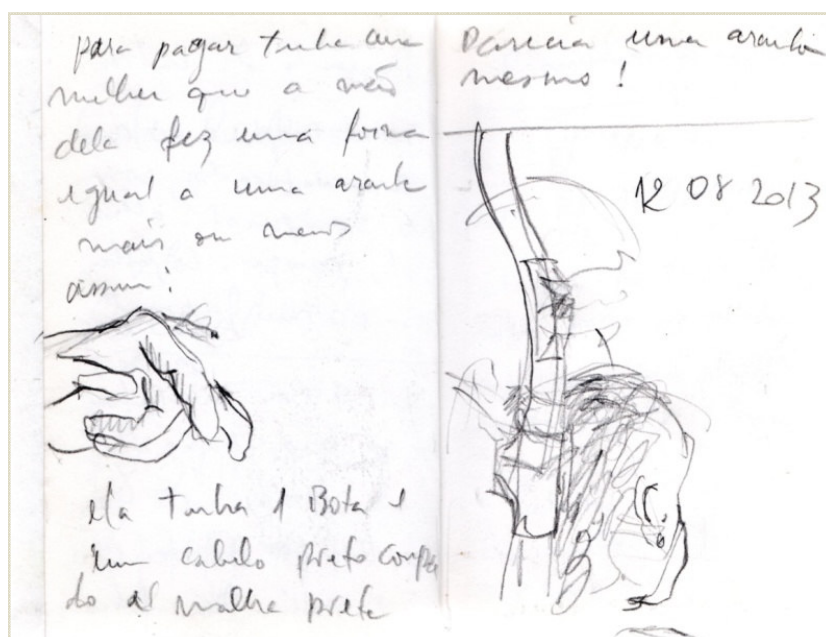
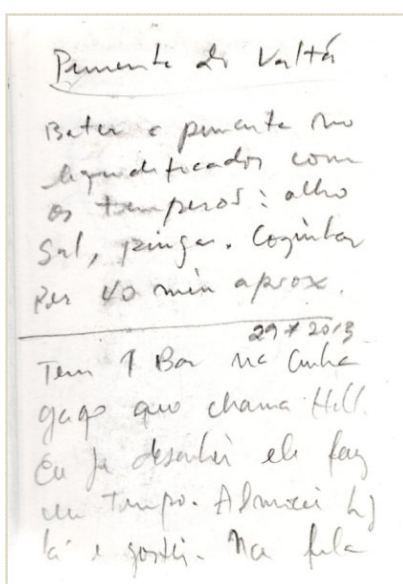
**Cantora:** Não foi a igreja que penetrou em seus ouvidos, foi o som dos sinos, eu ajudei a afiná-los...

Exemplo 2.

Um outro exemplo foi o texto escrito dia 29/09/2013:

Tem um bar na Cunha Gago que chama *Hill*. Eu já desenhei ele faz um tempo. Almoçei hj lá e gostei. Na fila

para pagar tinha uma mulher que a mão dela fez uma forma igual a uma aranha mais ou menos assim: [ver desenho abaixo]. Ela tinha 1 bota e um cabelo preto comprido e malha preta. Parecia uma aranha mesmo!

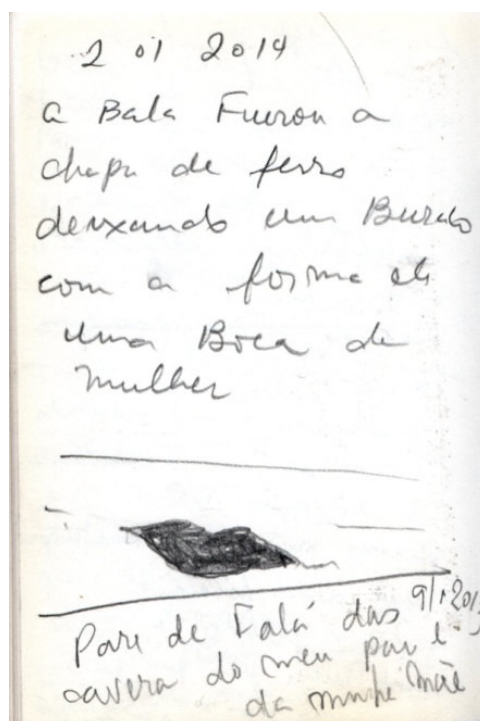


Mulher Aranha, 2013. Lápis sobre papel, 10 x 15 cm. (cada página).

Exemplo 3.

O terceiro exemplo foi escrito dia 02/01/2014:

A bala furou a chapa de ferro deixando um buraco com a forma de uma boca de mulher.



*A Bala furou...*, 2014. Lápis sobre papel, 10 x 15 cm.

O rastro alegórico como se nota nos exemplos acima surge a partir de uma percepção de que a imagem possui um significado que não está nela mesma e sim que a imagem nos remete a uma construção alegórica e que é exatamente esse reconhecimento de uma potência latente de que algo foi dito na imagem mas que está em outro lugar.

#### Exemplo 4.

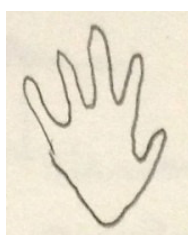
O quarto exemplo expõe um procedimento alegórico que, creio, ocorre naturalmente na linguagem no seu exercício diário de comunicação. Este texto registrei no dia 11 de dezembro de 2016 no bar do Adilson e trata-se de uma conversa, quase um monólogo, da cliente Soninha da Barra com quatro outros clientes e o próprio Adilson. O texto é fragmentado porque escrevia num smartphone e o assunto corria rápido. O texto não tem as entonações, risos, falas calmas, sons da rua, televisão com som, imagens, transeuntes, elementos que considero importantes pois são significantes que vão interferindo na sinergia da conversa.

“Num to aqui pra curti gente, tô aqui pra come cu di gente. Pago minhas dívidas... pode demorar um pouco... Sou a Soninha da Barra. Sem estresse, sem roubo, ganhei todas... fiz barraco na minha rua. A menina tem problema psicológico. 12 anos num é 12 dias não. Num tenho marido... tu tem que vê o tipo da puta. Cabelo duro. Seu único problema é só mulher... chego, baixou. Amanhã será um novo dia. A comadre dele disse que tava pegando o marido dela. Quem pegava era amiga dela. Ninguém arruma mulher pra ninguém. Só com uma arma na cabeça. Você, volte logo que eu fico com saudade. Aonde é Irecê? Irecê é longe... Depois de feira é longe.... Coxinha é meu brother. 7 e meia agora pernambucano. 7:33!! Prefiro você do que ele... Adilson meta o facão.

Este texto, que soa como um monólogo intenso, não o é. Soninha narrou um fato cujo encaminhamento na conversa não foi propriamente lógico, ou seja, não se discutiu um tema. Foi aí que notei que algumas palavras opinadas no assunto encaminhavam a conversa para outro rumo. Na medida em que essas palavras

soavam, acionavam outras relações não do conteúdo da conversa mas dos significantes que puxavam novas idéias e caminhos para a conversa. Era portanto uma conversa alegórica sobre violência e traição onde o conteúdo não estava na informação que a Soninha transmitia, estava em outros lugares diferentes, nos jogos que iam sendo criados com a interferência das pessoas na conversa. Assim, as palavras soavam livres e as analogias e metáforas iam se construindo livremente, num encaminhamento orientado pelos jogos de linguagem. A linguagem adquire uma autonomia, e as regras são criadas e trazidas pelo próprio jogo, alicerçado nas formas de vida que estão nas atividades que os cidadãos praticam no seu cotidiano.

Dia 11 de fevereiro de 2017, num curto trecho da viagem de um ônibus, encontrei nas ruas estas palavras e imagem. Sem nada que me incentivasse a registrar precisei aguardar calma e atentamente para encontrar algo que me chamasse a atenção: primeiro foi um luminoso vermelho de semáforo na forma de mão; em seguida fui buscando outras palavras ou imagens que de algum modo me interessaram. Assim terminado vi que o texto é um breve jogo de significantes que podiam ser organizados em qualquer ordem e que suscitavam imagens poéticas relativas às ações de andar, parar, ajudar, precisar, acolher etc.

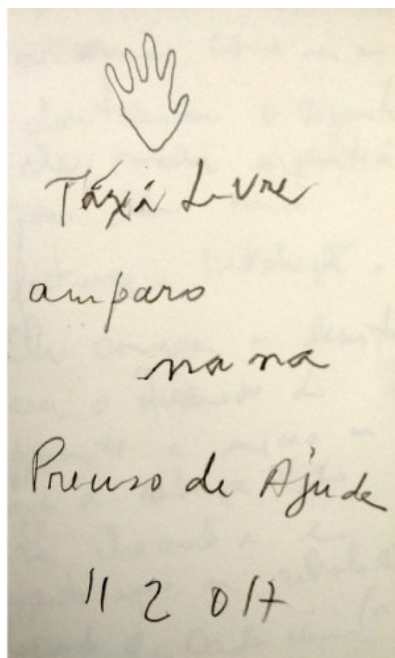


Táxi Livre

Amparo

Nana

Preciso de Ajuda



*Táxi Livre*, 2017. lápis sobre papel. 10 x 15 cm.

Concluindo, os registros são parte de uma linguagem poética que é uma operação intuitiva de que o artista não é plenamente consciente e que encaminha o olhar a buscar um sinal visual, textual, sonoro numa percepção, que vai se guiando para objetos, palavras e sons que nos indicam algo que não está lá. Esse interesse oculto é, no meu entender, um movimento alegórico interno em atividade.



### 3. A Escrita do texto dramaturgico: Auké A Ilha Invisível

"Não está em nenhum mapa; os verdadeiros lugares nunca estão".

Herman Melville, *Moby Dick*

O texto dramaturgico *Auké – A Ilha Invisível* possui um tema central que é o choque entre dois mundos que jamais haviam se encontrado. Esse encontro criou para ambos uma circunstância excepcional. Esse choque é representado principalmente nas confusões de comunicação entre significantes e significados dos personagens dos dois mundos.

O ponto de partida do choque é a troca de visão (olhares) entre os humanos que chegaram à ilha e seus habitantes. Essa primeira imagem entre os personagens, chamada aqui de olhar enfeitiçado (LEBRUN,1983), é caracterizada pelo sentido excepcional do acontecimento onde os seres que se enxergam não conseguem ver nada além do que aquilo que o olho capta, porque é algo tão impactante que eles não têm os referenciais comparativos nem mesmo um tempo de imaginação para encontrar estes mesmos referenciais. Enquanto os personagens de ambos os mundos não encontram um lugar na cabeça de cada um onde essas coisas possam “morar” o que os olhos estão enxergando paira sobre um mundo que mistura significantes e significados flutuando e sem sentido nas linguagens de cada um: "vamos ao lugar dos monstros cheirá-los, ouvi-los, vê-los e tocá-los...", diz o *Xamã* (personagem do texto dramático) que recorrerá a todos os sentidos para entender o que são aquelas coisas.

Antes da chegada dos humanos, chamados também de “fenomenais monstros”, à Ilha Auké, significantes e significados do outro mundo eram discutidos entre os personagens Rato e Xamã. Quando o Rato encontra um urubu morto na praia e tenta compará-lo com uma reprodução gráfica do animal,

o Xamã não entende essa transposição de um ser real para uma representação cômica desse ser, do mesmo modo como não se entenderam, no já citado diálogo, os personagens Sill e Lordão em *A Última Almôndega*.

Vejamos um exemplo.

**Rato:** Olhe a semelhança!... a bolsa carrega a imagem da coisa.

**Xamã:** Eu sou um Lagarto na pedra. Nada é explicado. Que tal essa: isso, não tem nada a ver com aquilo.... O sargaço juntou os 2... hein?

**Rato:** O que se vê não é só o que se vê. Existe um segredo escondido nas coisas. O sentido está no rastro que o segredo deixa.

**Xamã:** *Em cima da pedra olhando pro céu.* O que se vê não é o que se vê nem o que parece ser. Um sinal pode não estar nessa evidência do rastro. Para entender as coisas é preciso fechar os olhos ou buscar coisas que não estamos vendo...

O Xamã acha que a comparação do Rato não é correta pois não se trata de dois significantes semelhantes, já que não consegue enxergar a transposição de um ser real (urubu morto) para uma representação (reprodução gráfica de um urubu). Em seguida, ambos concordam que pode haver um sentido oculto na imagem, ou seja, que ela "interessa porque indica alguma coisa que não está na

imagem: pelo que nos deixa adivinhar, ou pelo que continua a ocultar"<sup>7</sup>, isto é, as metáforas e alegorias que indicam outros lugares para o significado que não é a própria imagem.

A circunstância excepcional do encontro entre dois mundos instaura esse impulso de tentar decifrar como seres pensam, comem, dormem, comunicam-se e como eles entendem correspondências entre conceitos. A tradução e principalmente as interpretações sobre o significado das coisas é que geram todas as confusões tragicômicas do texto dramatúrgico.

\* \* \*

Vejo num *post* no *facebook* uma foto de um pão caseiro feito por uma conhecida... A disposição da foto juntamente com a forma do pão me remeteu a um assunto completamente diferente do significado que ela transmitiu com o intuito de divulgar o trabalho culinário dela. A interpretação alegórica que dei à imagem na montagem da foto não tinha nada a ver com pães ou culinária, ou seja, ainda que uma imagem venha a ser produzida com um caráter objetivo e claro, mesmo assim dentro de nós a linguagem cria as ambiguidades num espaço semântico que não é plenamente controlado e é nessa tessitura da linguagem que a alegoria opera dentro do homem. É por isso que a frase dita por um amigo meu, "não sei efetivamente, se o que eu falo a uma pessoa é a mesma coisa entendida, às vezes parece que não", é uma predisposição natural de operar constantemente no espaço da alegoria: grego *allós* (outro) e *agourein* (falar) = dizer *B* para significar *A*. Assim são os atos falhos, os espelhamentos de escrita, as falas por oposição que muitas crianças fazem, por exemplo, "pai apaga a luz" querendo dizer "pai acenda a luz" e outros exemplos que

---

7

LEBRUN, Gérard. "A mutação da obra de arte". In: LEÃO, Emanuel Carneiro. *Arte e Filosofia*. Rio de Janeiro: Funarte/Inap, 1983, p. 28-29.

atribuímos à natureza humana que o artista transforma em recurso poético nas linguagens.

No texto dramaturgico, a ideia de desconstrução de mundos e de sua reconstrução a partir de fragmentos é importante também neste sentido alegórico, pois uma alegoria é uma construção de muitas partes cujas interpretações podem ser tão variadas quanto for a imaginação. A alegoria se distancia da coesão do símbolo, ela produz lapsos e opera com disjunções entre significantes e significados.

O texto dramaturgico *Auké – A ilha Invisível* é, portanto, esse espaço de discussão sobre o procedimento alegórico muito mais que o desejo de uma alegoria bem escrita. O texto não se apresenta como uma alegoria específica e nem desejei que o tivesse. Todos os elementos significantes de uma construção alegórica que poderiam vir a ser um conjunto consistente e coerente se perdem nas misturas entre uma narrativa tradicional e jogos de linguagem que se originam dos fragmentos inseridos propositadamente dentro dos diálogos para serem confusos e engraçados por isso mesmos. Se *Auké* for uma alegoria, ela é uma alegoria da alegoria ainda que no tecido do texto dramaturgico cada espectador possa criar a sua.

O procedimento alegórico que se faz das disjunções entre os significantes e suas interpretações progride ao longo do texto dramático inteiro criando todo tipo de situações cômicas. Esse é o ponto onde de ambos os lados os comportamentos dos personagens no texto vão sendo sendo revistos, reavaliados e mal interpretados também entre si. A ideia de religião ensinada pela personagem Sra. Mulher ao Rato encontra uma diferença brutal no que concerne à morte e sacrifício para o Rato e todos os outros animais da ilha. Um bom exemplo dessas diferenças dos significantes e suas interpretações veio de uma entrevista dada por Francis Bacon a David Sylvester na qual Bacon assinala que, para ele, a iconografia da crucificação de Jesus Cristo é comparável a toda iconografia de matadouros e carnes, apenas isso.

Sempre me tocaram muito os quadros que mostram matadouros e carnes, e para mim eles fazem parte de todo esse negócio da crucificação. Existem excelentes fotografias de animais que foram tomadas um instante antes de os bichos serem abatidos; e também me toca o cheiro da morte. Nós não sabemos, é claro, mas, por essas fotografias, parece que os animais têm consciência do que vai acontecer com eles e fazem de tudo para ver se conseguem escapar. Acho que esses quadros foram muito baseados nesse fato, que para mim está perto, muito perto de todo esse negócio de crucificação. Sei que para pessoas religiosas, para cristãos, a crucificação tem um significado totalmente diferente. Mas para um ateu, ela não passa de um ato de comportamento humano, uma forma de comportar-se em relação ao outro<sup>8</sup>.

Essa descrição do Bacon é a diferença fundamental entre as visões do Rato e da Sra. Mulher que originaram a cena trágica final do texto dramatúrgico:

**Sra. Mulher:** Por que Rato?

**Rato:** Não foi a morte o amor no sacrifício? *Mais uma flechada.*

---

8

SYLVESTER, David. *Entrevistas com Francis Bacon: A brutalidade dos fatos*. São Paulo: Cosac & Naify, 1995, p. 28.

**Sra. Mulher:** Ai como dói... agora sei o que São Sebastião sentiu... Meu Deus, estou sangrando... dai-me a paz... Rato pensei que você gostasse de mim...

**Rato:** Esse é o maior gesto de amor da religião... *Mais uma flechada.*

**Sra. Mulher:** Ai. Isso não é amor, Rato estúpido... você está me matando... *Ela arranca o crucifixo do Rato.*

**Rato:** Não sou eu quem está matando. *Mais uma flechada.*

**Sra. Mulher:** Ai, a dor vai e volta... hoje eu lhe mataria...

**Rato:** Não sabia que você me amava...

A Sra. Mulher tentou doutrinar o Rato porque é da natureza da religião cristã evangelizar. O Rato por sua vez entendeu o sacrifício cristão de maneira literal, pois desconhecia as metáforas e, além disso e por isso, interpretou a religião como uma forma de caça, ou seja, abater um animal para se alimentar dele é uma forma de amor religioso, "morro de não morrer", e como a Sra. Mulher era carne, o rato a sacrifica.

### 3.1 - A primeira leitura

A primeira leitura do texto dramaturgico *Auké – a Ilha Invisível* ocorreu no dia 13 de junho de 2015 no Teatro Maria de Lourdes Sekeff do Instituto de Artes da UNESP<sup>9</sup>. A leitura fez parte do evento intitulado *Alegorias Insulares*, ocorrido entre os dias 8 e 13 de junho. Durante a leitura foram projetadas 57 imagens entre fotografias, colagens gráficas, áudios, cinco vídeos e uma *performance* executada por Suiá Ferlauto. Os atores possuíam objetos e alguns adereços que eram utilizados também como recurso dramático.



*Auké – a Ilha Invisível*. Leitura dramática Teatro Maria de Lourdes Sekeff. Foto de Maira Imenes Ishida.

---

9

*Auké – a Ilha Invisível*. Texto e seleção de imagens: Ricardo Bezerra; Direção: Eduardo Frin; Atores: Ana Mello, Andre Camargo, Anelise Ferrão, Renata Boaventura, Ricardo Ferré, Sonia Imenes, Walter Tabacniks; Performance: Suiá Ferlauto; Performance dos caraguejos: Ricardo Bezerra, Beatriz Lennert, Andre Barion. Vídeo: André Schutz. Link para acompanhar a leitura na íntegra no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=qjdhz0tHRA0>.



*Auké – a Ilha Invisível*. Fotografia da dança do cadáver. Leitura dramática Teatro Maria de Lourdes Sekeff. Foto de Maira Imenes Ishida.



*Auké – a Ilha Invisível*. Leitura dramática Teatro Maria de Lourdes Sekeff. Foto de Maira Imenes Ishida.

Esta leitura, vista por apenas pouco mais de vinte pessoas, merece algumas observações:



- A leitura foi realizada por estudantes de teatro e não-atores. Isso não foi prejudicial do ponto de vista da qualidade da leitura. Como Eduardo Frin – que dirigiu muito bem a leitura – teve apenas três ensaios para organizar a apresentação, houve, no meu entender por falta de tempo, pouco desenvolvimento dos personagens pelos atores.
- A forma que os atores desempenharam os papéis não correspondeu às minhas expectativas. Uma atitude mais fabular infantil dos atores prevaleceu sobre uma expectativa mais irônico-tragicômica que esperava para a leitura.
- O *timing* das imagens com o texto foi bom. Mas ainda acho que foram utilizadas de maneira elementar as relações entre texto e imagem. As imagens devem produzir deslocamentos de linguagens por oposição e não por afirmação e concordância com o texto. A imagem deve ser dialética, misteriosa e paradoxal.
- As projeções devem ser feitas mais próximas dos atores, digo, no mesmo nível (chão do palco) e não acima como se fossem quadros pendurados nas paredes.
- A *performance* da dança do cadáver do comandante do navio, executada por Suiá Ferlauto, juntamente com o vídeo de André Schutz e a música “Empty Boat” do Caetano Veloso foi um momento da leitura no qual as linguagens do vídeo, da dança e da música convergiram para esse momento espírita da leitura no qual um cadáver retorna do mundo dos mortos, ergue-se e dança para os vivos. Essa metafísica do que existe além da nossa existência é colocada performaticamente e não por escrito e poderia ser mais bem aproveitada como discussão dos limites da linguagem e como ela se manifesta.

## 4. Pinturas, Trípticos e Ilustrações

### 4.1. A Linguagem Pictórica

Que é a linguagem, como contorná-la para fazê-la aparecer em si mesma e em sua plenitude?

M. Foucault, *As palavras e as coisas*

Quando empregamos o termo “linguagem pictórica” para tratar da pintura, circunscrevemos o assunto dentro de um pensamento visual que, mesmo partilhando significados com outras linguagens, mantém uma gramática própria que é ordenada pelo artista para comunicar expressivamente suas intenções poéticas.

Se o pensamento é comunicado expressivamente de forma visual, concreta, a materialidade inerente à linguagem pictórica constitui em si um significado. Neste sentido, as propriedades materiais intrínsecas que a definem como linguagem são portadoras de sentido, são parte do conjunto simbólico da linguagem “não no sentido de que designam na forma de imagem, na alegoria indicadora e explicadora, um real existente, mas sim, no sentido de que [...] gera e parteja seu próprio mundo significativo”<sup>10</sup>.

Quando Gombrich afirma sobre o quadro que “a primeira consequência da idéia “janela” é que não se pode conceber nenhuma parte do painel que não seja “significante”, que não represente alguma coisa. Assim o vazio chega facilmente a significar luz, ar e atmosfera, e interpreta-se a forma vaga como se

---

10

CASSIRER, E. *Linguagem e mito*. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 22 (Coleção Debates).

estivesse envolvida pelo ar”<sup>11</sup>, estamos diante de uma arte pautada na representação da realidade sensível do mundo chamada *mímese*. A *mímese* na pintura é o resultado obtido por uma representação visual bidimensional que nos faz acreditar que ao olhar um quadro estamos diante de uma janela, de um anteparo de vidro cuja imagem descrevemos como o mundo ao nosso redor.

O suporte da pintura onde se organizam esses significantes da *mímese* chama-se quadro ou tela de pintura. Sobre esse quadro utilizamos materiais tais como o lápis, os pincéis e as tintas que são compostas por um conjunto de resinas, pigmentos, médiuns, solventes etc. Para que esses elementos que nada nos dizem sobre o mundo imitado possam dar forma a ele será necessário um artista que transformará esses materiais inertes numa linguagem visual imitativa do mundo. O artista, sabendo como fazer, tornará o pedaço de tecido preso à madeira num recorte visual do mundo, as tintas dispostas e organizadas sobre uma base de desenho perspectivado-imitativo o próprio mundo imitado, o verniz que cobre essa superfície quando a pintura estiver pronta o vidro que nos separa desse mundo imitado, e finalmente a moldura que funciona como um anteparo que isola, a imagem imitativa do mundo real. Esse conjunto integrado das linhas, planos e cores sobre uma superfície pintada que circunscrevem os corpos Alberti (1404-1472) denominou de composição:

“Digo que composição é aquele processo de pintar pelo qual as partes se compõem na obra pintada. A grande obra do pintor é a história; os corpos são partes dessa história;

---

11

GOMBRICH, E. H. *Meditações sobre um cavaleiro de pau*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 10.

os membros são partes desses corpos; as superfícies são parte dos membros”<sup>12</sup>.

Para representar o mundo sensível foi necessário também um dispositivo perspectivo para tornar a ilusão de uma janela que vê o mundo através dela mais próxima possível do real. A perspectiva foi o sistema geométrico que permitiu representar de maneira imitativa e artificial as formas e os objetos do mundo no espaço bidimensional. Oriunda das ciências matemáticas, especialmente a geometria, a perspectiva pressupõe um sujeito observador que de um ponto fixo único observa a cena representada. Para que o observador que está diante da obra possa corretamente perceber e desfrutar a obra, a ilusão exige que o mesmo se posicione num distanciamento correto.

“O ofício do pintor é este: descrever com linhas e pintar com cores, em qualquer quadro ou parede que se lhe apresente, superfícies vistas de qualquer corpo, os quais, a uma certa distância e em uma certa posição do centro, parecem estar em relevo e ter muita semelhança com os corpos”<sup>13</sup>.

A pintura tem portanto em suas origens uma estrutura abstrata da linguagem geométrica que com seus signos, linhas, curvas e números auxiliaram os artistas a representar corretamente o mundo que habitamos.

---

12

ALBERTI, Leon Battista. *Da Pintura*. Trad. Antonio da Silveira Mendonça. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1999, p. 177.

13

Idem, p. 137.

Enquanto houve a *mímese*, a linguagem pictórica se manifestou à luz de um código visual inteligível, podia-se ver uma mão, um cinto, uma espada e todas as formas imitativas produzindo significados, e o que não era signo de algo era visto como defeito, erro ou sujeira.

O quadro mudou quando a arte moderna procurou criar a sua própria natureza e, segundo Gadamer (1900-2002), ao deixar de representar o mundo, a imagem emudeceu e “este emudecimento é na realidade um tipo de fala [...] para o qual precisamos encontrar novas palavras”<sup>14</sup>.

Ainda segundo Gadamer, esse processo de emudecimento que instaura a modernidade começa lentamente no século XVII com as pinturas de gênero paisagem e em especial as naturezas-mortas. Os arranjos compositivos deste gênero, as disposições dos objetos sobre a mesa, a translucidez dos vidros, os brilhos, as superfícies das coisas denotam um interesse dos artistas pela própria exposição do significante independentemente das revelações visuais metafóricas e alegóricas dos objetos:

“[...] o tema mesmo da representação em toda sua sensual riqueza expressa a sua própria transitoriedade. Em minha opinião, é a autopreservação significativa residindo na própria aparência das coisas como tais que pertence à verdadeira iconografia da natureza-morta, aquém ou além dos elementos capazes de explicitar a interpretação simbólica”<sup>15</sup>.

---

14

GADAMER, Hans-georg. “A imagem emudecida.” *Gávea: Revista de História da Arte e Arquitetura*, Rio de Janeiro, n. 6, dez. 1988. p. 123.

15

Idem, p. 125-126.

O emudecimento é a transformação do olhar do artista que vê as coisas do mundo de uma nova forma. A natureza-morta representa a projeção desse novo olhar nos objetos imitados que passam a ser não só metáforas ou alegorias, mas também jogos de significantes, o que os leva a começar a pensar abstratamente as relações entre as imagens e conseqüentemente sua fatura. Assim, a comunicação da obra não será apenas para um discurso narrativo literário, mas para outros sistemas perceptivos de compreensão, sistemas esses que internamente organizam nossas experiências cognitivas e sensoriais. Trata-se de um começo bem germinal da linguagem comunicando conteúdos de si própria falando do fazer de si mesma, um jogo mais livre e desinteressado da linguagem.

Este processo percorre por um longo tempo histórico e a arte costurando-se a si própria precisará de trezentos anos para encontrar em sua materialidade uma nova forma visual abstrata. Esta nova pintura cujo entendimento tornou-se difícil exigirá um novo sujeito, uma interlocução nova para uma mesma linguagem. A pintura como *mímese* não possui mais um lugar hegemônico na linguagem, mas certamente a *mímese* ou suas aproximações serão sempre a grande potência significativa da arte.

No Impressionismo, a relação da obra com o mundo sensível começa a ser mediada por um novo sistema de significação, no qual o artista, segundo Francastel, "inventa uma composição que, no plano intelectual, suscita no espírito sensações *assimiláveis* às experimentadas em presença do mundo"; *assimiláveis*, e não mais semelhantes.<sup>16</sup> Um novo código visual se interpõe entre a representação de um objeto e a maneira como ele é representado. São as próprias ações pictóricas que lentamente criam signos "abstratos", mas que mantêm latentes a experiência com o mundo visível por uma analogia de

---

16

LEBRUN, Gérard. "A mutação da obra de arte". In: LEÃO, Emanuel Carneiro. *Arte e Filosofia*. Rio de Janeiro: Funarte/Inap, 1983. p. 29.

sensações. O Impressionismo é ao mesmo tempo um resultado e o início da transformação do grande paradigma da arte até então: a *mímese*.

Duas mudanças significativas que iniciaram-se no Impressionismo, a transformação da superfície pictórica e a obra de arte como pesquisa que se desenvolve por séries de trabalhos.

Com o Impressionismo a superfície pictórica passa a ser enfatizada por sua materialidade e conseqüentemente como um significante em si. A linha também deixa de ser o elemento que circunscreve de maneira quase invisível configurando formas e passa agora a possuir peso e espessura, ela desloca-se um pouco da circunscrição do contorno e reage sobre a superfície da pintura prefaciando sua autonomia.

Sobre a superfície pictórica evidencia-se mais materialidade cromática cuja espessura naturalmente cria um achatamento da imagem criando uma maior tensão superficial na tela e, conseqüentemente, a ambigüidade entre a ilusão de janela e a superfície do quadro diminui. A cor, que agora se manifesta como “objetual” no quadro e que pode ser transparente, brilhante, opaca adere à superfície e constrói por diluições e espessuras a matéria cromática não mais pela perspectiva. São essas soluções que passam a enfatizar mais a superfície da pintura e expõem uma forma nova de pensamento e sintaxes da linguagem.

O procedimento de desenvolver séries surgiu no Impressionismo trouxe uma nova característica importantíssima para a arte moderna e contemporânea por apresentar obras como forma visual de pesquisa em processo, prática que posteriormente veio a ser usual. As séries nos fazem observar cada obra e estabelecer suas ligações e comparações com as seguintes criando uma formação visual que suplanta a singularidade de cada uma e ao mesmo tempo as reforça. Monet desenvolveu várias séries, dentre elas destaco a dos Montes de Feno.



Claude Monet. *Monte de Feno à Luz do Sol*, 1891. Óleo sobre tela 60 x 100 cm. Zurique, Kunsthaus Zürich.

Nesta série dos Montes de Feno, Monet explora o motivo em diferentes pontos no espaço e suas distâncias em relação ao primeiro plano. Em *Monte de Feno à Luz do Sol*, 1891 (imagem acima), Monet chega a ampliar o motivo a ponto de “sangrá-lo” na borda superior do quadro; toda luminosidade do sol se esconde atrás dessa massa colorida “rebaixada” pela sombra; o corte no topo da meda avoluma o motivo que se espalha até apoiar-se na própria sombra. Toda uma área cromática de um amarelo puro salpicado de brancos vibra na base do monte. Trata-se ainda de uma representação de um fenômeno cromático da natureza, mas o recorte torna-se quase abstrato, lembrando a forma de uma certa maneira a pintura *Italian Bronze* (1959) de Morris Louis, quando esta cria um véu negro sombreando toda área cromática; a tela crua nas bordas remete a uma intensa luminosidade solar. Kandinsky (1866-1944) comentou os montes de feno numa exposição que viu em Moscou em 1895 dizendo:



“e de repente, pela primeira vez, vi um quadro. Foi o catálogo que me disse que se tratava de um monte de feno. Não consegui reconhecê-lo... senti que neste quadro não havia objeto... mas o que reconheci perfeitamente foi a força da paleta nunca pensada e que nunca tinha visto antes...”<sup>17</sup>



Morris, Louis. *Italian Bronze*, 1959. Acrílica sobre tela, 190,5 x 254 cm.

Kandinsky percebeu o potencial de renovação da linguagem pictórica onde o quadro adquire um novo significado, é uma representação do mundo e ao mesmo tempo uma superfície matéria e cromática que se afirma também como significantes que se abstraem da identidade do próprio objeto representado.

---

17

DÜCHTING, Karin Sagner-. *Claude Monet: Uma festa para os olhos*. Köln: Benedikt Taschen, 1993, p. 160.

Nesta quase abstração o formato da pintura ou sustenta uma contenção do campo cromático ou permite que o mesmo se expanda fugindo do enquadramento.

“O objetivo quase científico que ele estabeleceu para si na década de 1890 – registrar os efeitos da luz no mesmo objeto em diferentes momentos do dia e sob diferentes condições climáticas – talvez contenha uma ideia errada a respeito da finalidade da arte; mas era também, e mais fundamentalmente, parte de um esforço para encontrar um novo princípio de consistência para a arte. O que ele encontrou no final foi, entretanto, não tanto um princípio novo mas um mais abrangente; e este princípio não estava na natureza, como ele pensava, mas na própria essência da arte, na sua ‘abstração’.<sup>18</sup>

Das pesquisas pós-impressionistas de Cézanne, Van Gogh e Gauguin desembocamos no século XX com o Cubismo, o Expressionismo, o Fauvismo e muitos outros *ismos* que as vanguardas do início do século passado proporcionaram para a arte internacional. A arte abstrata surge também desta radical transformação na linguagem visual que o mundo viveu no início do século XX.

A arte abstrata, nome dado à representação visual sobre a superfície de um quadro onde não há *mímese*, ou seja, onde não existe uma intencionalidade do

---

18

GREENBERG, Clement. *Arte e cultura*. Trad. Otacílio Nunes. São Paulo: Atica, 1996, p. 56.

artista em imitar o mundo sensível, foi um desenvolvimento da própria linguagem ao criar novos signos que por sua vez se manifestam plasticamente trazendo nessa nova visualidade possibilidades ainda maiores de arranjos e associações de significantes. E o que a modernidade pôde contribuir para isso talvez tenha sido sua autocrítica, cuja essência, segundo Greenberg, estava “no uso dos métodos característicos de uma disciplina para criticar essa mesma disciplina não para subvertê-la, mas para firmá-la ainda mais na área de sua competência.”<sup>19</sup>

A arte abstrata é uma forma visual que desprende os elementos que constituem a linguagem, que são o ponto, a linha, o plano e a cor das suas atribuições de unidade, circunscrição, forma e superfície da imitação do mundo sensível e passa a desenvolver uma autonomia da linguagem que se revê criticamente e se reconstrói visualmente.

Todo aquele conjunto semântico de linhas e planos do desenho que estruturavam, que estavam escondidos, vestidos pela forma imitativa do mundo agora surgem como protagonistas do campo visual. Assim, a estrutura de desenho perspectivo, os desenhos dos contornos das formas as hachuras construídas para significar sombras são agora significantes autônomos dentro de um campo visual abstrato.

“[...] nessas novas pinturas os próprios processos de projeção e criação pareciam ter sido incluídos na tela; a

---

19

GREENBERG, Clement. *A pintura moderna*. In: BATTCKOCK, Gregory et al (Org.). *A nova arte*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 96.

forma pura antes mascarada por um conteúdo estranho fora libertada, e podia então ser percebida diretamente”<sup>20</sup>.

Essa nova potência expressiva que se abriu proporcionou, segundo Schapiro (1904-1996), uma liberdade até então inimaginada e essa descoberta que ampliou o campo semântico da pintura se desdobra ainda mais não só devido a sua própria história mas a outras culturas que puderam ser mais bem apreciadas, entendidas e graças à expansão da sintaxe da linguagem pictórica

[...]tornaram possível admirar artes remotíssimas, aquelas em que objetos representados não eram mais inteligíveis, mesmo os desenhos de crianças e loucos e especialmente as artes primitivas com sua drástica distorção das figuras, que eram consideradas curiosidades desprovidas de arte até pelos críticos mais estéticos”<sup>21</sup>.

Essa notável passagem do texto de Schapiro demonstra uma originalidade incrível na observação do fenômeno da arte abstrata. Sua análise não se debruça sobre os modelos formais ou historicistas específicos mas sobre uma pesquisa que identifica as germinações dos movimentos na espessura do fazer, daquilo que emana da imagem da obra e uma descoberta dessas conseqüências que uma linguagem cria ao se reinventar.

---

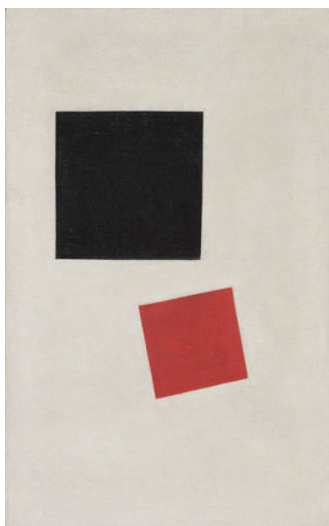
20

SCHAPIRO, Meyer. “A natureza da arte abstrata”. In SCHAPIRO, Meyer. *A arte moderna. Séculos XIX e XX: ensaios escolhidos*. Trad. Luiz Roberto Mendes Gonçalves. São Paulo: Edusp, 1996, p. 251.

21

Idem, p. 252.

No texto *A Natureza da Arte Abstrata* Schapiro relaciona arte abstrata com a possibilidade de conexão com estruturas formais de representação, numa espécie de operação que se dá no interior do processo artístico do pintor. O exemplo de Malevich (1878-1935) salienta a semelhança do equilíbrio existente entre o quadrado vermelho e preto da obra *Composição Suprematista Quadrado Vermelho e Quadrado Preto*, 1914-16, com a obra *Mulher com Baldes de Água: Arranjo Dinâmico*, 1912.



Malevich. *Composição Suprematista Quadrado Vermelho e Quadrado Preto*, 1914-16 (esquerda). *Mulher com Baldes de Água: Arranjo Dinâmico*, 1912.

“Aqui a preocupação com o equilíbrio como princípio estético básico que governa as relações de duas unidades opostas é incorporada num tema elemento de gênero [...]”<sup>22</sup>

---

22

Idem, p. 266.

Schapiro enfatiza que mesmo abstratas as obras carregam “carga de sensação do mundo sensível, seja nos títulos *sensação de sons metálicos, sensação de voo, sensação de espaços infinitos*”...ou nas analogias formais dos elementos abstratos com o mundo possível.

“Mesmo na obra ‘*Composição*’ podemos ver como o caráter formal da abstração repousa no desejo de isolar e exteriorizar concretamente elementos subjetivos e profissionais da antiga prática pictórica.”<sup>23</sup>

A linguagem da pintura se ampliou com a arte abstrata; essa imagem emudecida agora fala silenciosamente de um conteúdo próprio onde seus signos almejam também representar uma nova língua, desreificar a própria linguagem, como desejou Mallarmé (1842-1898), criar uma nova língua dentro da mesma língua, uma reorganização da sintaxe poética que tivesse como essência a experiência subjetiva do autor, suas sensações em relação aos objetos, pessoas e fenômenos do mundo. Essa nova sintaxe requer educação para o novo público, os códigos não são os mesmos e, segundo Hubert Damisch, olhar *Broadway Boogie-Woogie* de Piet Mondrian (1872-1944) requer um novo sujeito:

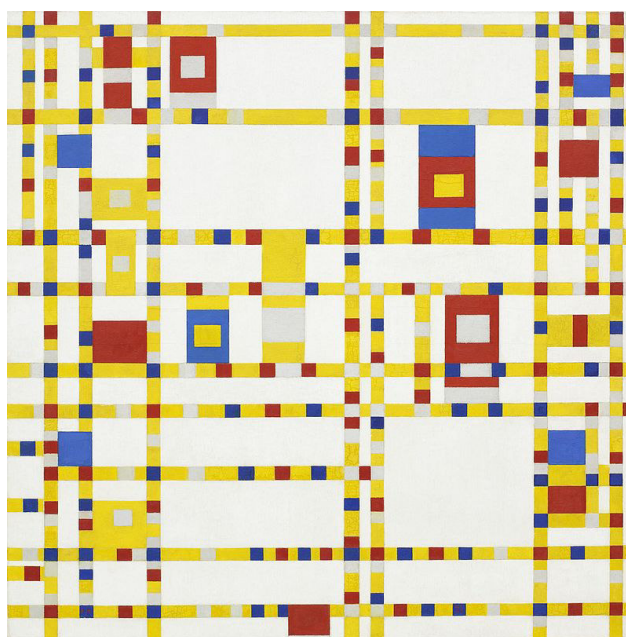
Diante de *Broadway Boogie-Woogie*, não posso deixar de perguntar a mim mesmo: “O que estou fazendo aqui? Tenho meu lugar aqui? Há espaço para mim?” Diante de

---

23

Idem, p. 265.

uma pintura tradicional, sentimo-nos mais seguros, ela foi feita com essa intenção.<sup>24</sup>



Mondrian. *Broadway Boogie Woogie*, 1942-43. Óleo sobre tela, 127 x 127 cm.

Em todo seu percurso no tempo tanto os artistas quanto quem as vê, a pintura como linguagem muito pouco esclareceu sobre o sentido que cada obra resulta para o observador: como as sensações das obras se desdobram nas pessoas? Mutante como é, a linguagem muda também no tempo e, se for certo que o conteúdo da obra não é necessariamente o que ela mostra ao nosso entendimento, um conhecimento sobre a pintura não está no que vemos em cada obra mas no trânsito do olhar que transforma esta primeira obra vista em

---

24

DAMISCH, Hubert et al. "Hubert Damisch e Stephen Bann: Uma conversa". *Ars*, São Paulo, n. 27, 2014, p. 43. Semestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ars/v14n27/1678-5320-ars-14-27-00017.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

relação às demais: quando olhamos conjuntos de obras que definimos como relacionais, nossa experiência com a linguagem visual nos mostrará que os significantes operam numa zona relacional e dialética, seja na forma abstrata e conceitual ou sensorial como emoções:

“Eu tinha em mente que o que importa em uma obra de arte não é tanto o que ela representa mas o que transforma. E isto significa olhar para a obra de arte como transformadora de outra obra ou de um conjunto de obras.”<sup>25</sup>

A questão e o curioso no que concerne ao ato de ver uma obra abstrata por comparação em detrimento de uma imitativa do mundo é que ambas dispõem do mesmo conjunto de elementos constituintes da linguagem, e é neste ponto que creio ser a questão fundamental de toda essa explanação sobre a pintura. As pinturas desta série que desenvolvi especificamente para o texto *Auké – A Ilha invisível* e que comentarei a seguir buscam operar nestes dois campos semânticos da linguagem visual: de que as imagens imitativas (caranguejos, aves, esqueletos etc.) operam como imagens alegóricas do texto tanto quanto os elementos abstratos não imitativos (manchas cromáticas, linhas com matérias pictóricas espessas informes etc.).

As pinturas – independentes do texto – são significantes alusivos; o conjunto de pinturas deve operar sua visualidade para que surja o conceito que estrutura a peça que são as confusões nos significados das coisas, que no fundo é a dúvida que muitas vezes temos ao perceber que talvez estejamos falando coisas

---

25

Idem, p. 26-27.



diferentes mas ao mesmo tempo nos comunicando. Já no texto dramático busco tentar demonstrar com as palavras e as pinturas que a operação da linguagem visual e textual pode criar sinergias, gerando misturas entre significantes do texto e da imagem.

#### 4.2. Série Auké: pinturas e comentários

O intuito destes comentários é aproximar e expor algumas conexões formais entre o texto dramático e a série de pinturas. Essa série de obras foram pintadas na sua grande maioria entre novembro 2016 e fevereiro de 2017. É importante salientar que esta série de trabalhos foram a formalização de um processo pictórico mais amplo que se iniciou a partir da escrita do texto em 2014. Como foram escritas três versões do texto, as versões foram sofrendo influências recíprocas das imagens e pinturas para o texto e vice-versa.

A expressão *série* é dada ao conjunto porque ao mesmo tempo em que cada pintura possui seu mundo próprio, sua autonomia, por outro lado elas ganham mais significação quando observadas por comparação relacional, por afinidades formais e associativas ao texto. Essas variadas percepções dão força ao conjunto reforçando também as individualizações; toda essa dinâmica é específica e característica das séries em um tipo de desenvolvimento de uma poética que se efetiva por sequências de trabalhos semelhantes. Sobre isso Francis Bacon diz:

"[...] na série, um quadro reflete o outro continuamente e às vezes eles ficam melhores quando estão juntos do que quando estão separados, e também porque, infelizmente, eu ainda não consegui fazer aquelas imagem que é capaz de reunir nela todas as outras. Por isso, uma imagem ao lado da outra parece que pode comunicar muito mais"<sup>26</sup>.

---

26

SYLVESTER, David. *Entrevistas com Francis Bacon: A brutalidade dos fatos*. São Paulo: Cosac & Naify, 1995, p. 21-22.

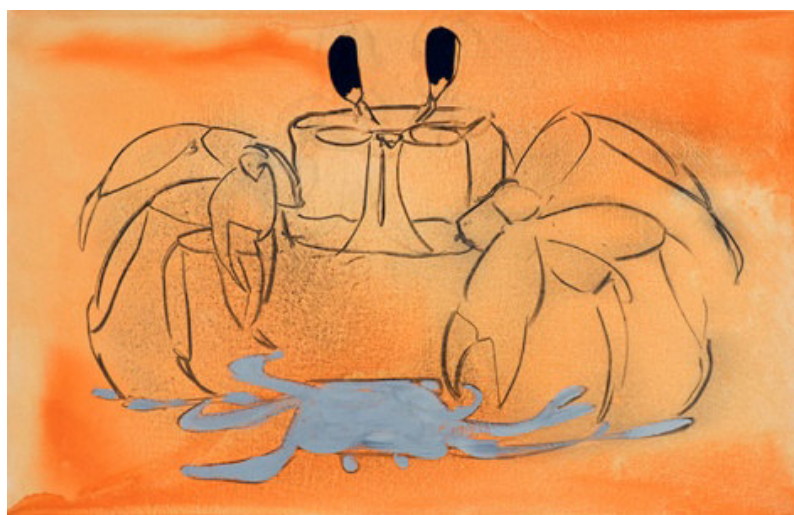
Essas pinturas que comento e que compõem junto com vídeos e fotografias as imagens projetadas nos trípticos são parte do dispositivo visual da dramaturgia, não da cenografia propriamente dita. Essas obras possuem uma vida dupla: por um lado, o objetivo da série foi espelhar, manifestar, dar presença visual e ser parte de todo o conjunto dramático da obra *Auké – A Ilha Invisível*. Por outro lado cada obra em si possui sua singularidade, é um sistema-pintura, que opera na linguagem e no gênero, são obras de arte para serem vivenciadas como pinturas, em espaços expositivos com as características de apresentação que as artes visuais exigem.

As pinturas não poderiam jamais ser ilustrações do texto teatral apenas. Ser uma ilustração é existir como mediação de um discurso que conta uma história. O intuito das imagens não é mediar discursos, é ser presença significativa das partes e do todo do texto dramático. Me propus aproximar linguagem visual e textual de tal modo que os significantes de ambas as linguagens pudessem confluír nas afinidades e diferenças entre os signos. A peça teatral reunirá esses signos que buscam se espelhar entre si e cuja efetivação bem ou mal sucedida só poderei verificar quando na dramaturgia do teatro todos os elementos estiverem reunidos: visuais, literários, sonoros, olfativos e corporais.

Os signos visuais a que me refiro são os registros do fazer. Na obra é o que podemos definir também como significantes que evidenciam o processo, são os vestígios visuais das ações de realização, os riscos, as manchas cromáticas, os contornos indefinidos, sejam dos significantes imitativos do real sejam das estruturas da composição que se afirmam como operativos da linguagem. Neste sentido é que as obras são um espelhamento das questões conceituais que o texto *Auké – A Ilha Invisível* aborda que são a autonomia das linguagens como criadoras constantes de sentidos bem como as formas incorretas, as idiosincrasias e as confusões dos significados que a experiência de comunicação entre as linguagens proporciona.

Essas pinturas serão projetadas nos trípticos do cenário como imagens de um plano narrativo visual da peça complementadas com outros signos e dispositivos visuais como vídeos e fotos. Ampliar, recortar, sobrepor, alterar cores, duplicar fazem parte de uma série de procedimentos sobre as imagens obedecendo sempre o espírito alegórico da peça. Ao lado das reproduções das pinturas abaixo apresento um pequeno ensaio visual onde manipulo essas mesmas imagens para exemplificar um pouco o que afirmo vem a ser esses signos visuais que funcionam como significantes da linguagem, em cuja capacidade de associação com os signos de outras linguagens que a peça reúne insisto em crer. Importante dizer que mantive as proporções das pinturas nos recortes para que este ensaio seja conciso para não ampliar muito a experiência. Os trípticos são estruturas fundamentais no conjunto da obra. Farei as observações sobre eles em seguida.

1.



*Caranguejo*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela, 90X60 cm

Existe um caranguejo bem popular das areias das praias chamado de *maria farinha* (Brasil) e também chamado de *ghost crab* (mundo afora). Os dois nomes são alusivos à quase invisibilidade que esse caranguejo tem pelo fato de ser da cor da areia da praia. A não ser os dois olhos pretos, de fato muito pouco enxergamos deles quando estão em seu habitat. O Caranguejo – que é o narrador da peça – em sua primeira fala diz: “Dizem que no mundo existe outro mundo com tudo de cabeça para baixo. O Xamã acha que essas coisas que aparecem caem desse lugar invertido...”

Essa pintura procurou uma forma de aproximação do texto no que se refere à expressão “mundo invertido”. Ao olhar de perto a pintura nota-se que a área onde existe uma certa espessura de tinta é exatamente a sombra do caranguejo. Sombra espessa como é, o caranguejo da pintura parece tentar prendê-la com uma de suas garras. Auké seria um lugar diferente onde as sombras possuem peso e espessura, um mundo ao inverso.



*Caranguejo*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. Detalhe.

2.



*Matisse, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. 90X60 cm.*

Uma mancha azul na parte superior e linhas descontínuas na parte inferior do quadro coexistem sobre o fundo branco da pintura: o céu invertido de Auké onde a nuvem é azul e o céu branco. A pintura é uma homenagem a Henri Matisse (1869-1954). A obra é uma evidência da separação entre o desenho e a pintura que foram sempre conflitantes ao longo de toda a história da arte. Matisse, numa carta à Pierre Bonnard em 13 de Janeiro de 1940, escreve:

“Esta manhã a sua carta veio encontrar-me deprimido, completamente desencorajado; estava também longe dos seus cumprimentos, porém tão de acordo com os meus desejos. Pois estou paralisado por não sei quê de convencional que impede que me exprima como gostaria

na pintura. O meu desenho e a minha pintura separaram-se.”<sup>27</sup>



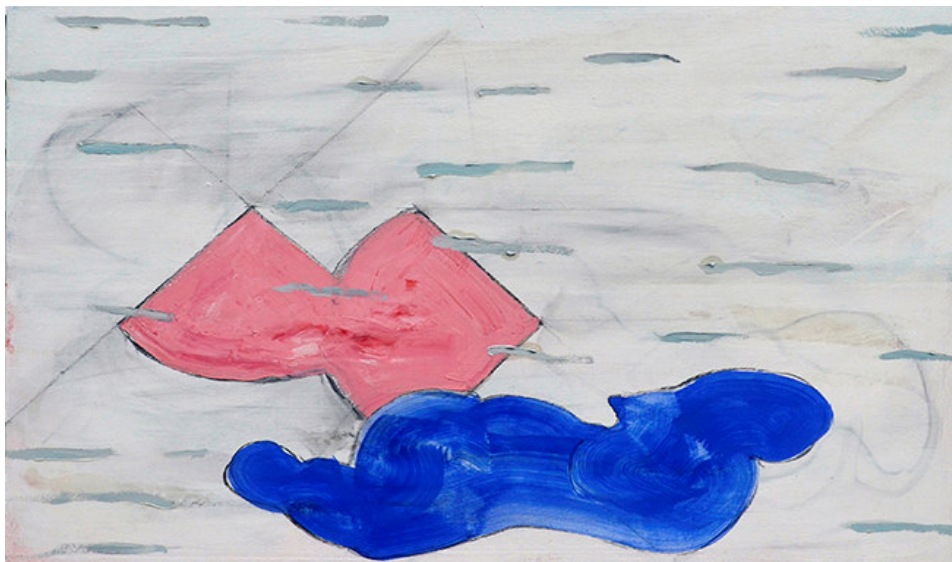
Matisse, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. Detalhe.

---

27

MATISSE, Henri. *Escritos e reflexões sobre Arte*. Lisboa: Ulisseia, 1972, p. 173.

3.



*A Ilha*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. 90X60 cm.

Auké é um lugar onde a nuvem é azul e o céu é branco. Nesta pintura, talvez a mais “abstrata” de todas, temos uma vista aérea da ilha cor de carne, e sobre ela uma imensa nuvem azul. A cor de carne de porco que é semelhante à nossa cor de carne sempre foi uma possibilidade de criar uma metáfora cromática para o grande medo dos personagens *Sra. Mulher* e *Sr. Homem*: tornarem-se “gado de abate, apenas carne”.





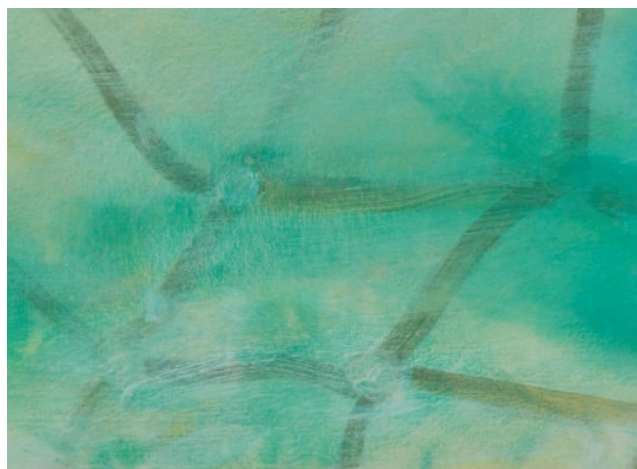
*A Ilha*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. Detalhe.

4.



*Fundo do Mar*, 2016-17. Óleo sobre tela. 120 x 90 cm.

A translucidez associada aos líquidos é um significante importante pois todo o horizonte da ilha é cercado por mar<sup>28</sup>. Essa translucidez que se apresenta nesta pintura e em outras foram realizadas com um procedimento de criar uma “piscina” de solventes e pigmentos sobre a tela de pintura colocada na posição horizontal. A precipitação do pigmento e sua fixação após a secagem registra e fixa a imagem líquida e translúcida do solvente. A translucidez foi uma impressão da água sobre o tecido da tela no sentido de que a água foi 'impressa' na superfície da tela, sendo assim mais um *index* do que a representação da substância água. Essa imagem de uma trama (grade) sob o campo translúcido é ambígua pois se assemelha tanto às redes de pesca como aos reflexos que a luz do sol faz na água e que são naturalmente idênticos. Assim, metaforicamente, os reflexos da luz na água são também redes que aprisionam.



*Fundo do Mar*, 2016-17. Óleo sobre tela. 120 x 90 cm. (detalhe).

---

28

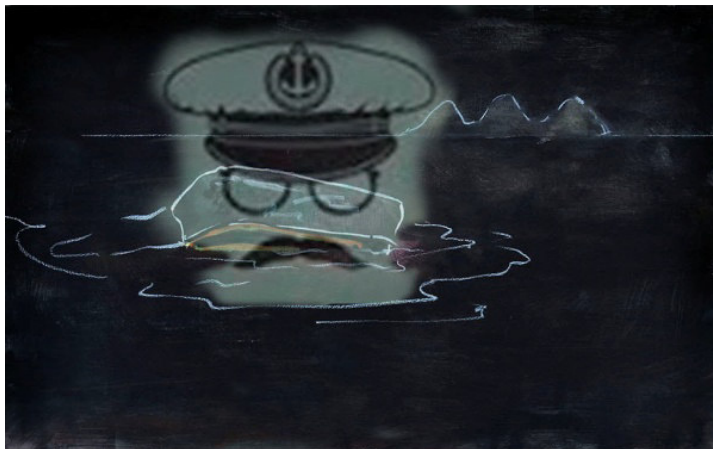
Sobre insularidades ver: *Ilhas e Mares: simbolismo e imaginário*, de Antonio Carlos Diegues, in <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/Ilhas%20e%20Mares.pdf>.

5.



*Comandante*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. 90X60 cm.

Flutuando sobre o mar noturno, o quepe do capitão do navio encaminha-se para Auké que está localizada no canto superior direito da pintura. Esses objetos que chegam boiando até a ilha alimentam a imaginação do Rato que deseja muito descobrir que mundo é esse. Assim diz o Caranguejo sobre esses objetos na cena um: "Tudo parece se afastar daqui... Entretanto, sopram para nossa latitude, finas correntes de ar úmidas e quentes que trazem 'pequenos presentes' embrulhados nos sargaços da praia."



*Comandante*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. Parte da composição do Tríptico.

6.



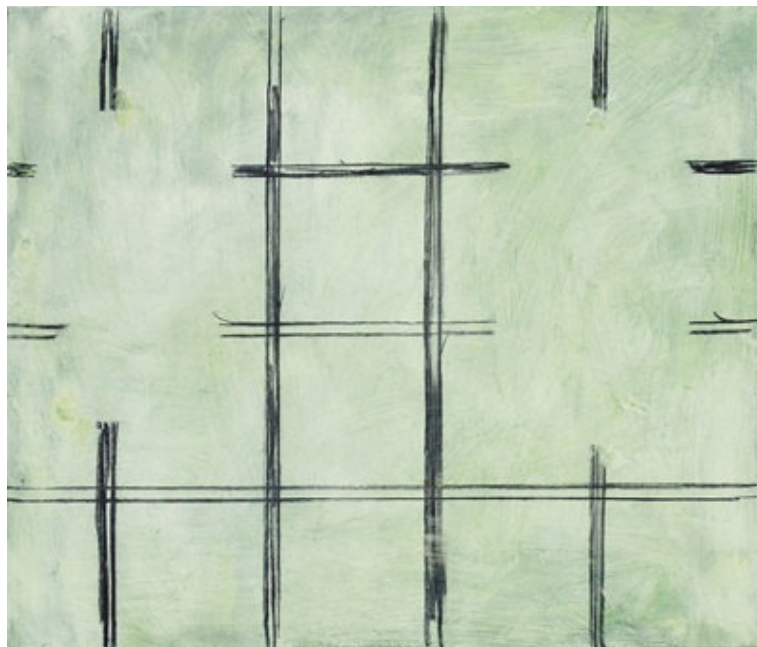
*Rato*, 2016-17. Carvão sobre tela, 80X120 cm.



*Rato*, 2016-17. Carvão sobre tela. Detalhe.

Talvez a imagem mais literária da peça, *Rato* é quase uma ilustração mesmo, ela representa o Rato que nos olha, esse rato é um leitor-pesquisador da indecifrável cultura dos humanos. As correções dos desenhos que permaneceram na tela são registros do fazer do desenho; elas são semelhante às da obra *Xamã-Cantora* só que neste caso são alusivas também a um certo nervosismo típico da ansiedade do Rato pelo saber.

7.



*Os Invisíveis*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. 70X60 cm.



*Os Invisíveis*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. 70X60 cm. (detalhe).

A grade sempre foi um importante elemento gráfico das artes visuais. Na linguagem da arte sempre esteve oculta como estrutura e anteparo na construção do campo visual imitativo e que posteriormente surge na modernidade como elemento evidente e protagonista, um significante visual que atravessa toda a modernidade do início do século XX, chegando ao minimalismo, à arte conceitual e contemporânea.

A pintura *Os Invisíveis* é uma obra importante nesse conjunto por transitar como citação à história da arte, e ao mesmo tempo sua incompletude como representação do vazio, uma espécie de presença da ausência. A princípio, a incompletude da grade foi deixada assim pois iria posteriormente incluir a representação de dois humanos nesse espaço. A grade é um significante importante que, associado à expressão *invisíveis*, é potente como metáfora para o texto dramático, já que a primeira imagem dos humanos foi dentro das grades, e a expressão *invisível* está no título da obra e em várias citações ao longo do texto.

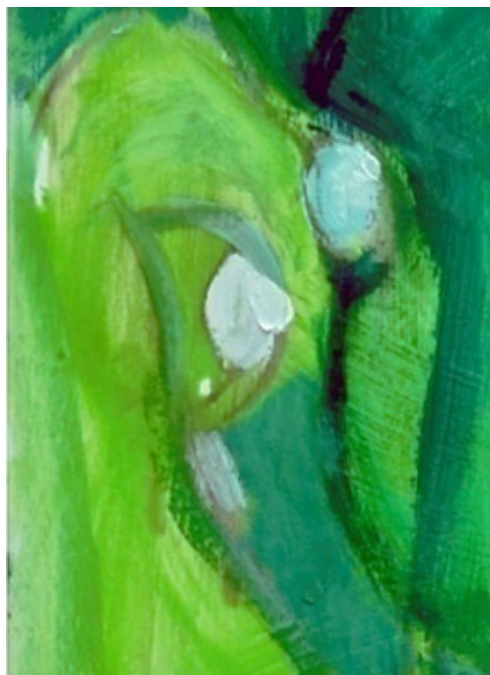
8.



*Green Paint*, 2016-17. Óleo sobre tela. 120 x 90 cm.

*Green Paint* foi pintada e repintada duas vezes. Há diluição, matéria pictórica pastosa, variações cromáticas, estudo compositivo e apagamentos; são procedimentos quantitativamente mais executados do que nas outras pinturas da série, por isso é a pintura mais ‘pintura’ de todas da série. *Green Paint* é uma estrutura diferente, ela é uma pintura quase monocromática que cria uma ambiguidade na relação figura-fundo cujo intuito foi a cor mimetizar os animais com a vegetação da ilha. Todos esses animais amedrontados diante do desconhecido – e por isso mesmo mimetizados – estão ali para presenciar o erguer da lona e ouvir o Governador, o Rato e o Xamã sobre os fenomenais monstros que chegaram à ilha.





*Green Paint*, 2016-17. Óleo sobre tela. 120 x 90 cm. (detalhe).

*Green Paint* é inspirada numa série de pinturas onde animais cegos são representados. Essa série de animais cegos foi apresentada na Galeria da UNESP em 2015 numa exposição intitulada *A Rica Fauna do Mundo*<sup>29</sup>. Nesta exposição havia uma galeria de retratos de animais cegos, sem pupilas. A retirada das pupilas dos olhos dos animais nas pinturas foi a solução para resolver a representação das imagens. As pupilas indicavam uma certa característica psicológica que não poderia haver nesses animais representados, era como se deixassem de ser apenas animais e passassem a ser personalidades, o que os humanizaria de uma certa maneira e isto estava fora de cogitação. Cito sobre os animais cegos um pequeno parágrafo do texto que Olgária Mattos escreveu para a exposição:

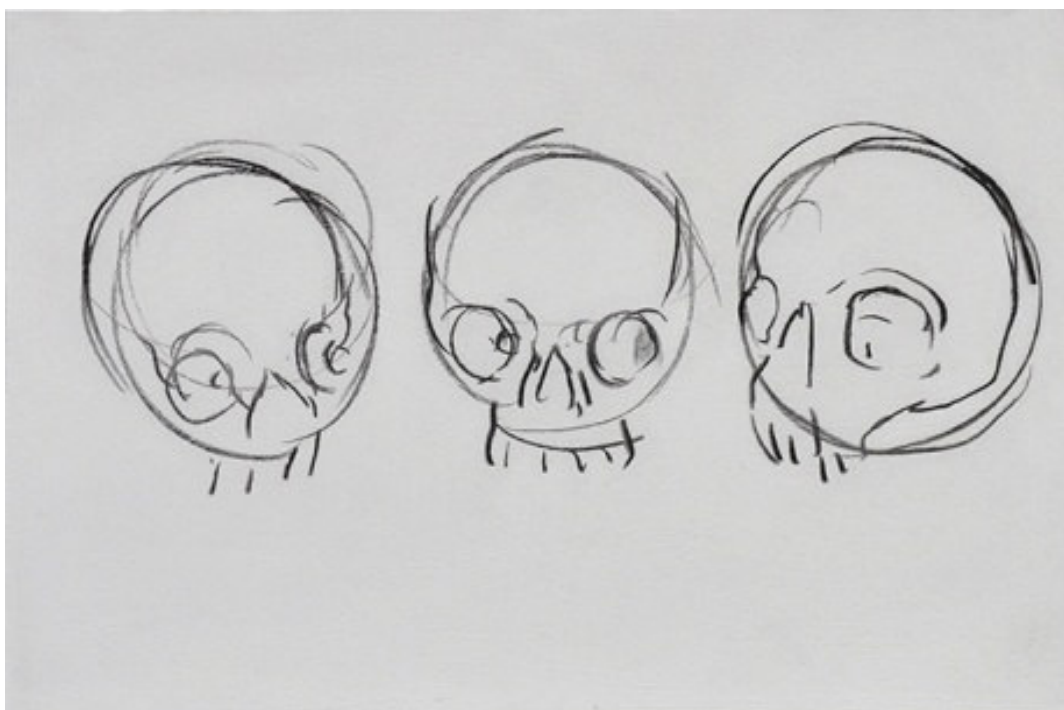
---

29

Ver <http://www.rbezerra.art.br/pinturas/>.

“Vazios dos olhos são os animais sem olhar que nos interpelam como os olhos cegos dos profetas. Animais proféticos, ele são os herdeiros de revelações por sua inclinação ao justo e ao bom. Podem anunciar acontecimentos favoráveis, como vitórias e a paz; ou predizer catástrofes, as guerras, a fome, a servidão.”<sup>30</sup>

9.



3 *Skulls* , 2016-17. Carvão sobre tela. 90X60 cm.

---

30

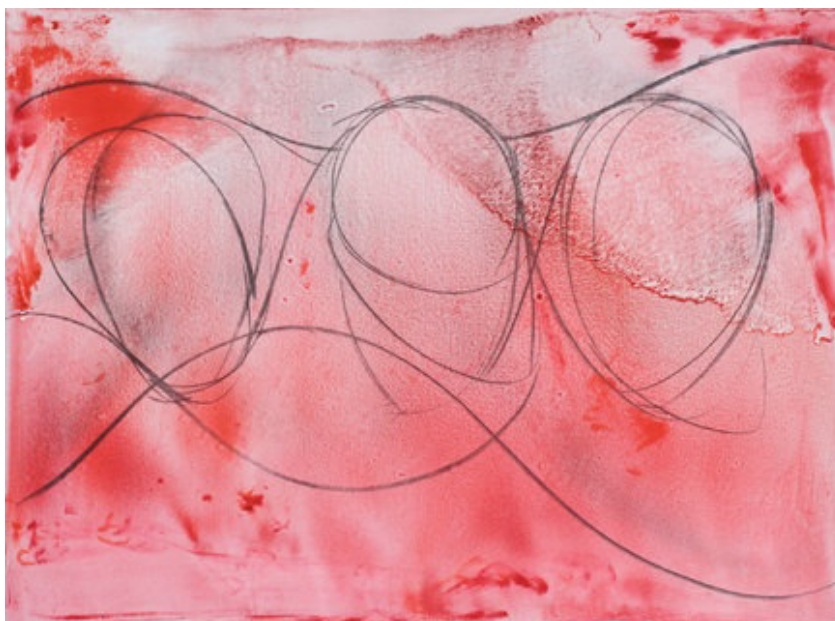
MATTOS, O. A Rica Fauna do Mundo, *in* <http://www.rbezerra.art.br/pinturas>. Imagem 32.



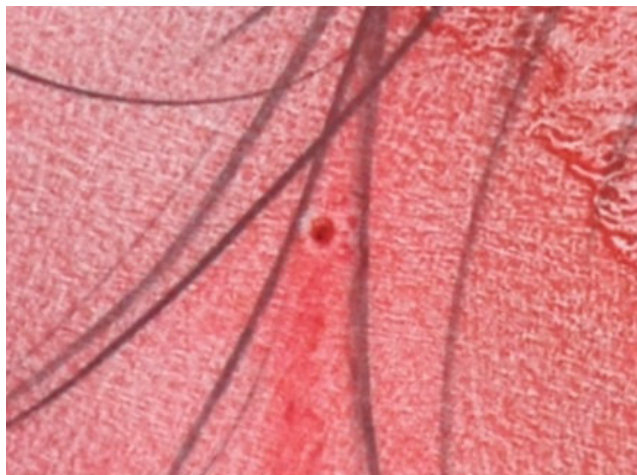
3 *Skulls* , 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. (montagem gráfica de parte do tríptico, cena 3).

3 *Skulls* é um desenho a carvão sobre tela. Extremamente simples e forte por isso, o desenho representa três cabeças conversando. Evidentemente cômico e surreal, as três cabeças são os três humanos do texto dramaturgico.

10.



3 *Blood Human*, 2016-17. Óleo sobre tela. 120 x 90 cm.



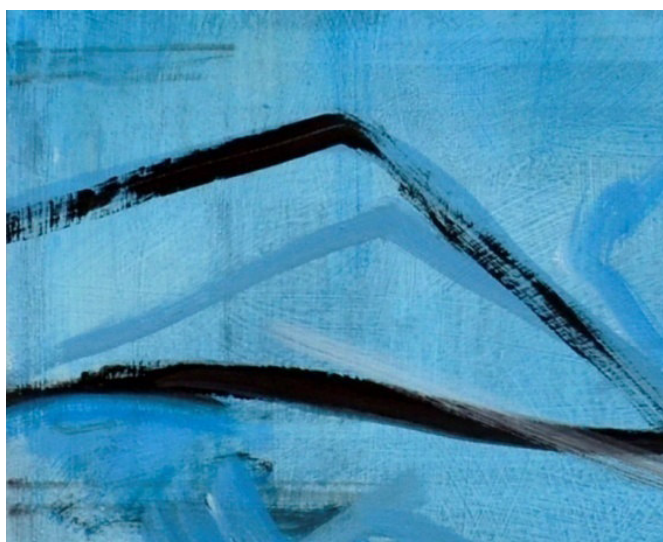
3 Blood Human, 2016-17. Óleo sobre tela. 120 x 90 cm (detalhe)

3 *Blood Human* representa uma grande mancha de sangue riscada por um gesto anterior de carvão. O movimento criado pelos traços de carvão e tintas são oscilantes, uma linha liga-se à outra e numa espécie de gesto transitório olhamos linha e cor em suspensão. Trata-se de uma alusão aos três humanos da peça cuja morte ronda o trio desde sua chegada à ilha.

11.



*Gaiivota*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. 70X60 cm.



*Gaiivota*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. 70X60 cm. (detalhe).

*Gaivota* é a representação de uma passagem no texto da peça da cena cinco que foi posteriormente retirado. O texto excluído, narrado pelo *Caranguejo*, dizia assim:

Na praia, hoje cedo, uma coisa se prendeu na pata de uma gaivota. Ela caminhava pra lá e pra cá tentando soltar aquela coisa que parecia do sargaço. Todo mundo pensou que ela queria morrer, e fomos toda a caranguejada atrás dela perguntar... ela subiu um pouco, voou até um galho alto e sumiu... Fui falar com o Xamã sobre isso, mas quando cheguei na casa dele tudo estava mudado...

*Gaivota* agora abre a cena seis da peça. O fundo azul possui uma divisão modular quadrada sutil que remete entre outras coisas à proposta do *Sr. Homem* de lotear a praia.

12.



*Sra. Mulher*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. 60X70 cm.

*Sra. Mulher* foi uma das primeiras pinturas desta série. A pintura representava – antes de virá-la de cabeça para baixo – de maneira bastante abstrata o vestido da *Sra. Mulher*, que é verde. A parte cor de carne rosa correspondia à carne dela. O verde mais claro, o colete, e o verde mais escuro, a saia. Ao inverter a pintura todos esses significados desapareceram, e o que se fez destacar na imagem foi o desenho da linha que parte do bico da forma verde escuro até o bico da forma cor rosa. No verde claro e sob a cor rosa que outrora era o desenho da gola e um botão surge – e pessoalmente interpreto assim – a estilização de uma aranha cujo fio da teia é exatamente essa linha que une a forma verde escura superior e a forma cor de rosa.



*Sra. Mulher*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. Detalhe.



13.



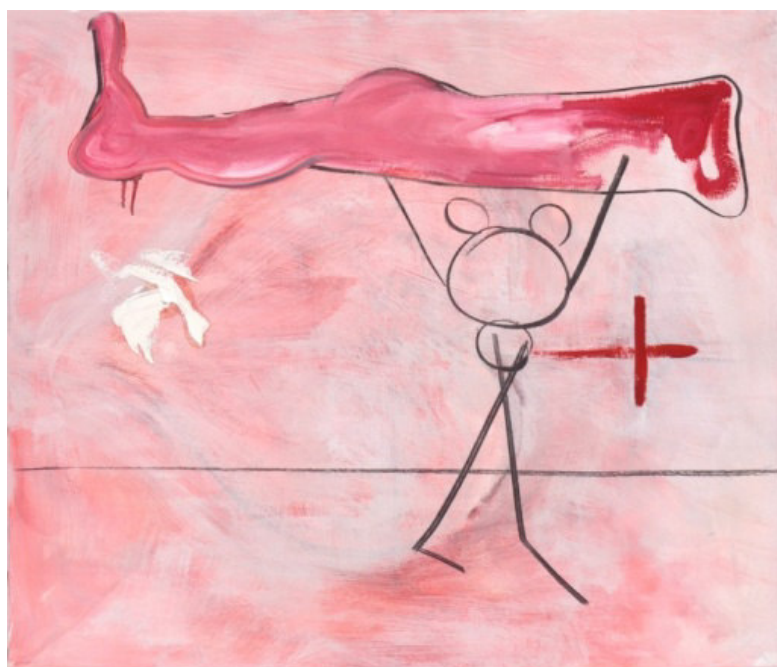
2 *Pernas*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. 60X90 cm

O uso do carvão para circunscrever as formas foi, pela sua elementaridade como material artístico uma escolha conceitual. O carvão é tão elementar que sua força expressiva vem dessa identificação com o fogo e as primeiras obras registradas pelo homem há pelo menos trinta mil anos: as pinturas rupestres.



*2 Pernas*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. Detalhe.

14.



*Perna Rosa*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. 70X60 cm.



*Perna Rosa*, 2016-17. Óleo e carvão sobre tela. Detalhe.

Nesta pintura, intitulada *Perna Rosa*, está representada a garatuja de um bicho que caminha com perna humana para um churrasco. A Perna, o fundo, a faca do bicho tudo remete à imagem de carne e pele. A simplicidade da imagem meio *comics* é a força da obra que tem uma narrativa direta e rudimentar.

14.



*Xamã Cantora*, 2016-17. Óleo sobre tela. 120 x 90 cm.



*Xamã Cantora*, 2016-17. Óleo sobre tela. 120 x 90 cm. (detalhe).

Sobre um fundo arenoso ocre, surge o contorno abstrato da fusão de um humano (Cantora Lírica) e um Lagarto (Xamã). Trata-se de uma imagem

simbólica do casamento mítico entre animais e homens e que remete pela imagem planar e perfil às representações egípcias de deuses, homens e animais. *Xamã – Cantora* é uma pintura onde o percurso dos sinais do fazer da obra, os erros e acertos estão evidenciados nos registros pouco apagados de carvão que podem ser interpretados como o surgir da forma no plano da pintura.

### 4.3. Trípticos e Ilustrações

Os trípticos são painéis ou quadros sempre em número de três dispostos lado a lado. Constituem uma das mais antigas formas de apresentações de pintura na história da arte cristã; lembram oratórios e provavelmente a idéia do triplo venha do conceito de trindade do cristianismo. Os trípticos naturalmente possuem a característica de serem narrativos, onde os módulos se correspondem mas também se manifestam como imagens independentes, interrompidas ou separadas por uma moldura onde cada parte é ao mesmo tempo autônoma e parte de uma sequência de acontecimentos temporais ligados. Essa temporalidade pode também ser experienciada ao percorrer a obra fisicamente, indo e voltando, recuando para ver o conjunto e depois reunidas as percepções criamos nosso juízo estético.

Francis Bacon certamente foi o artista que realizou o maior número de trípticos na história da arte contemporânea. Bacon sempre desejou dar aos trípticos uma objetividade visual, ou seja uma pintura concisa. Ele temia que a pintura ao servir de veículo para uma história perderia a força pictórica dos significantes da linguagem.

Na fase complicada por que a pintura passa atualmente, no momento em que há várias figuras – em todo caso, várias figuras numa mesma tela –, as pessoas começam a elaborar uma história. E, no instante em que a história está pronta, o tédio se instala; a história fala mais alto que a pintura. Isso porque, mais uma vez, estamos realmente

vivendo uma época muito primitiva, e não há como evitar que se estabeleçam enredos entre as imagens.<sup>31</sup>



Francis Bacon, 1972. *Triptico - Agosto 1972*. Óleo sobre tela, 198 x 145,5 cm. (cada). Tate, Londres.

Bacon acreditava que a pintura ao ser refém de um conteúdo literário que ele chamava de “história” perderia sua autonomia como linguagem e se tornaria entediante: “no instante em que entra uma história, o tédio toma conta de você”<sup>32</sup>. O artista acreditava que se concentrasse (ele, o pintor) numa narrativa

---

31

SYLVESTER, David. *Entrevistas com Francis Bacon: A brutalidade dos fatos*. São Paulo: Cosac & Naify, 1995, p. 22.

32

Idem.

de uma história, ele deixaria de observar na linguagem suas imprevisibilidades, o acaso do gesto, que produzem informações visuais importantes e abstratas como manchas cromáticas, linhas e plasticidade da tinta.

Bacon dizia que deveria haver um equilíbrio entre a narrativa (conteúdo) e as imprevisibilidades do acaso. É exatamente isso que observamos em sua obra, essa tensão entre ordem e acaso: ordem essa representada pela racionalidade, limpeza e assepsia do espaço físico onde a imprevisibilidade da imagem turva, disforme, despedaçada e construída por uma casualidade gestual é representada em primeiro plano. O *Tríptico - Agosto 1972* é uma homenagem ao seu namorado George Dyer que se suicidou em 1971. Nos três módulos apresentam-se imagens alusivas e grotescas de Dyer. Bacon nos leva por uma narrativa que não sabemos qual é e que nos induz – exatamente pela ausência de explicações – a imaginar e interpretar esse espaço e esses corpos deformados de quantas maneiras surjam em nossas mentes.

É possível também que Bacon estivesse diferenciando, assim como Walter Benjamin (1892-1940), uma informação jornalística de uma narrativa. A informação jornalística foi, segundo Benjamin, um gênero literário que surgiu no século XX e que sobrepujou a narrativa. O jornalismo tenta explicar os fatos, justificando uma certeza medindo o tempo cuja verdade é atestada exatamente pela precisão de localização do fato no tempo e espaço medidos. Para a narrativa, saber o dia e a hora em que ocorreu não amplia o conhecimento sobre os fenômenos da vida; a informação evita com isso que a imaginação ordene respostas e indagações sobre o inexplicável: “metade da arte narrativa está em evitar explicações”.<sup>33</sup>

---

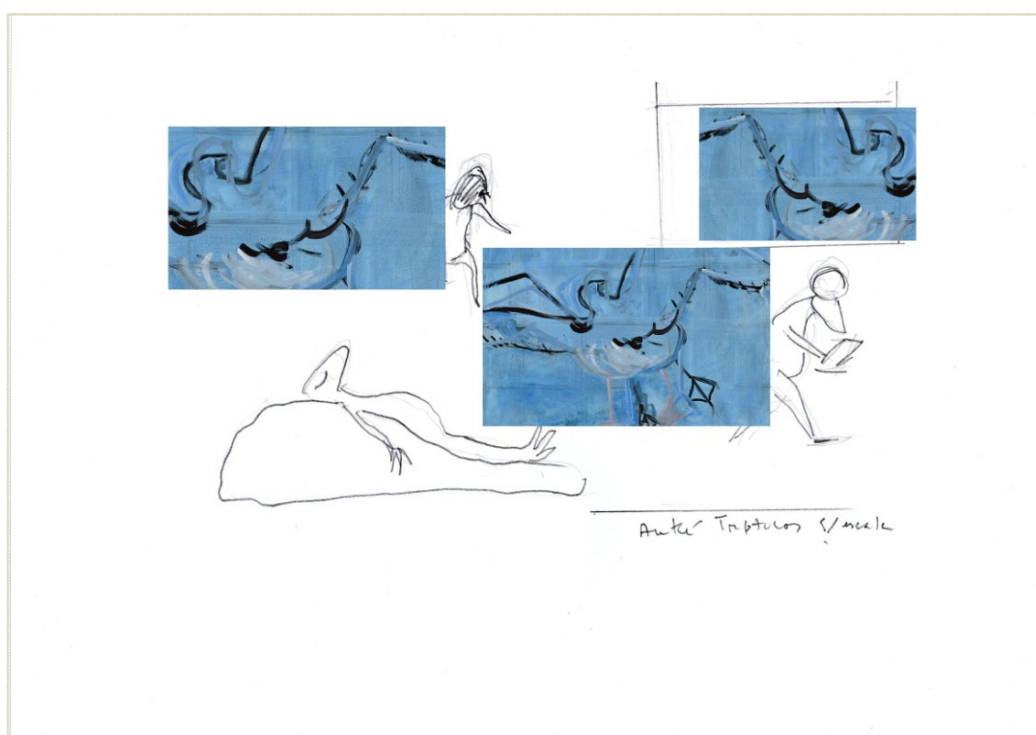
33

BENJAMIN, Walter. “O Narrador: Observações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 203.

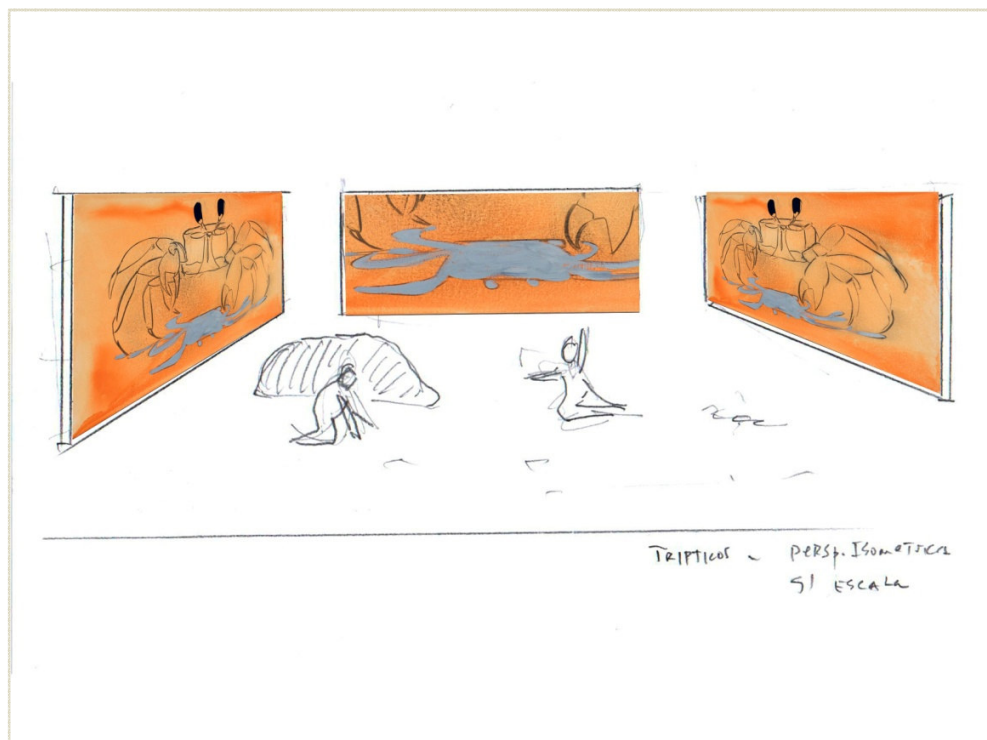


Quando realizei as modificações no texto e imagens para *Auké - A Ilha Invisível* depois da leitura dramática na UNESP imaginei uma estrutura cênica em forma de trípticos.

O tamanho dos trípticos em *Auké - A Ilha Invisível* podem variar assim como as suas disposições de acordo com o espaço para a projeção. Cada módulo dos trípticos obedece a proporção áurea que corresponde a alguns padrões de projeções de mídias digitais. Os trípticos poderiam também ser caixas de luz móveis com um sistema de projeção interno, o que permitiria arranjos cenográficos variados.



Estudo para os trípticos 1.



Estudo para os trípticos 2.



Estudo para os trípticos 3.

Quando pensei nos trípticos para texto dramatúrgico – e mesmo na concepção visual anterior – temia, como Bacon, tornar-me também refém do texto ou de uma literatura da imagem, pois parece que somos levados mais a traduções da linguagem e menos para transformações que são menos fáceis pois é simples transpor a palavra carne para a imagem carne. A carne, para Francis Bacon, surge na linguagem visual como carne mesmo mas também de modo alusivo, criada por massas de tintas ou finas camadas espalhada em cor nas representações de móveis, no vermelho das paredes e no chão. Do mesmo modo, com o texto dramatúrgico, essas questões da linguagem e suas significações me levaram naturalmente a diversas formas de representação da carne, seja de uma maneira tipo *comix* ou alusivas como piscinas de sangue, um estudo sobre o gosto visual da carne e suas representações.

Diferentemente dos trípticos de Bacon, que são pinturas para serem contempladas sem ninguém na frente, os trípticos da cenografia, pelo contrário, são elementos e contrapontos dos diálogos, objetos e atores que transitam em sua frente durante o espetáculo. Ao contrário de Bacon<sup>34</sup>, que evoca uma postura necessária para a contemplação da pintura, do distanciamento do mundo que ela requer, os trípticos da peça almejam fundir-se, amalgamar-se como todos os outros significantes em trânsito pelo espetáculo que são parte dele mesmo (o tríptico). Os trípticos em *Auké* reafirmam também seduzir o espectador a adentrar o espaço cênico como participante ou *voyeur* por possuir essa forma meio de caixa que abraça e envolve quem se aproximar deles.

---

34

Há um vídeo na página da *Tate Modern Gallerie* onde a banda inglesa Everything-Everything faz uma música inspirada no *Tríptico - Agosto 1972*. Nesse vídeo a banda toca tendo ao fundo o próprio tríptico. Não creio que Bacon teria apreciado o resultado. <http://www.tate.org.uk/context-comment/video/music-meets-art-everything-everything-inspired-francis-bacon>.

No texto dramaturgico que será apresentado a seguir representei esses trípticos de maneira planar. Eles estão dentro do texto dramaturgico em momentos com as possibilidades de imagens que seriam projetadas neles. No texto dramaturgico há também ilustrações que desenvolvi para representar o espírito irreverente que quis dar à obra. O texto dramaturgico portanto é um conjunto de camadas visuais, literárias e sonoras que interagem constituindo-o em si mesmo uma obra.



Representação gráfica dos trípticos no texto dramaturgico.

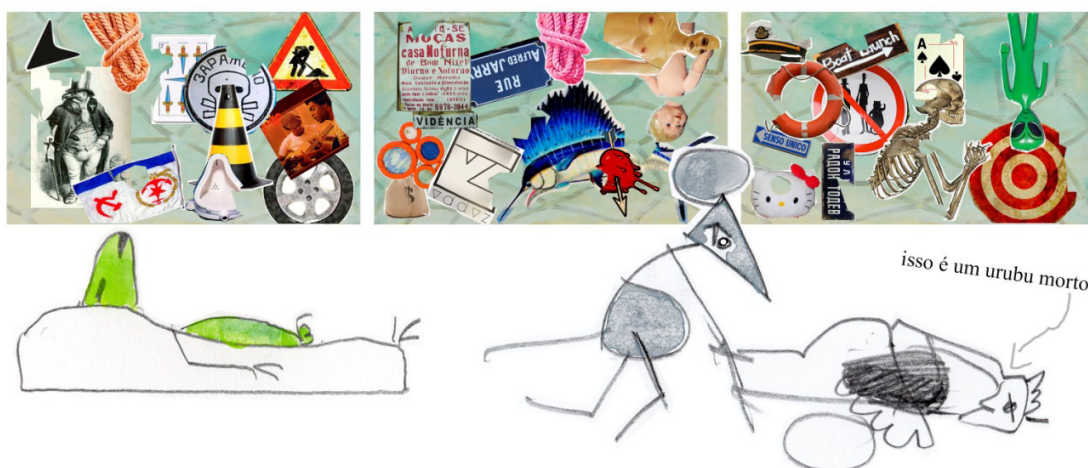


Ilustração para o texto dramaturgico *Auké - A Ilha Invisível*.



**Personagens:**

**Caranguejo:** o narrador.

**Xamã:** líder espiritual.

**Rato:** Assistente do Xamã.

**Vó:** Avó de alguém.

**Governador:** O governador da ilha.

**Sra. Mulher:** A mulher encontrada na balsa sem a cadeira de rodas.

**Cantora Lírica:** A mulher encontrada na balsa com a cadeira de rodas.

**Sr. Homem:** o homem encontrado na balsa.



**Nota introdutória:**

Este texto dramático deve ser apreciado considerando que os trípticos que aparecem durante a leitura são projeções audiovisuais num espaço cênico. Esses trípticos podem assumir disposições espaciais variadas. Os desenhos das cenas abaixo desses trípticos são ilustrações do espírito da obra híbrida ou o que quer que isso seja. Boa leitura.





### **Abertura**

*A peça começa com um vídeo-áudio de uma praia de cabeça para baixo, e em especial o quebra mar na areia com o sargaço e objetos que vão e vem ao sabor das ondas...o narrador caranguejo (in off) começa a narrativa após 20 segundos de imagem projetada.*  
<https://www.youtube.com/watch?v=1n6R5wIMPuo&list=PLIs3nyOPdhcjkwECw4P2DHOR-j99pd80> este vídeo será mostrado invertido 4:40' – 6:29' som baixo.

### **Caranguejo:**

*Tosse, tosse, tosse.....Dizem que no mundo existe outro mundo com tudo de cabeça para baixo. O Xamã acha que essas coisas que aparecem caem desse lugar invertido...Estamos - na ilha que habitamos - isolados num contrafluxo inercial onde atuam fortes correntezas que arrastam tudo para longe. Não existimos para esse outro mundo porque nunca chegou nada inteiro, nunca vimos nada que parecesse ser ou ter surgido espontaneamente do mar. Tudo parece se afastar daqui.... Entretanto, sopram para nossa latitude, finas correntes de ar úmidas*

e quentes que trazem ‘pequenos presentes’ embrulhados nos sargaços da praia. Desde que me conheço, por essas areias já vi de tudo, mas nada parecido com aquilo que chegou naquela tarde quente e úmida... 3/9/2014 – data aproximada dos primeiros textos e informações sobre os fenomenais monstros.

*A imagem da praia é desinvertida na projeção e termina a abertura com um fade in.*

## Cena 1

Som dos grilos: <https://soundcloud.com/acornavi/jim-wilson-crickets-audio>.

*Palco iluminando-se lentamente do frio para o quente, e ao final uma luz bem solar sobre a pedra, sons de cigarras. Sob uma grande pedra do lado esquerdo do palco, o Xamã, um homem lagarto, repousa sobre ela com braços e pernas estendidos. Do outro lado do palco, ainda sombreado, um ambiente com dezenas de objetos de todas as partes do mundo civilizado recolhidos nos sargaços da praia: placas, textos, roupas, objetos, livros, pedaços de coisas, etc. É um “centro de conhecimento”, um escritório/laboratório que o Rato, assistente do Xamã busca incessantemente entender esses sinais que surgem nos sargaços da areia da praia. Enquanto o Xamã lagarteia, surge do canto esquerdo o Rato carregando num carrinho de pedreiro um urubu morto com uma bolsa de couro a tiracolo.*

**Xamã:** rato, auké quié isso?

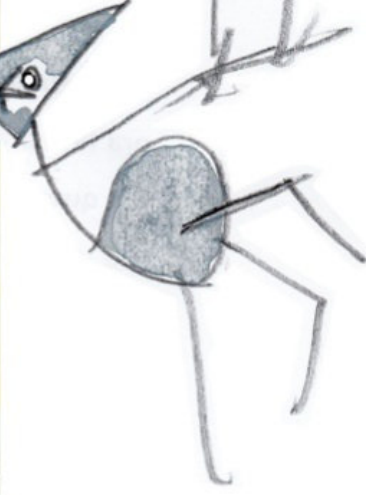
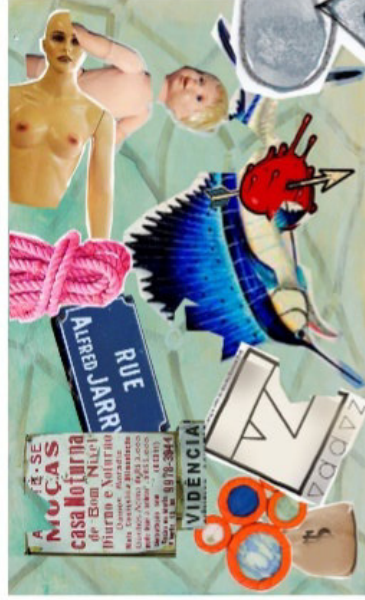
**Rato:** tava no sargaço. Nunca chegou algo tão fresco na praia.

**Xamã:** dá pra comê?

**Rato:** Isso? Num sei se tem carne dentro... só abrindo...



**Xamã:** Vamo comê o bicho depois que você comê a vó. O Xamã volta pra pedra para lagartear...



isso é um urubu morto?

O Rato não presta atenção na fala do Xamã e diz pensando em voz alta....

**Rato:** será que é? Deixe eu ver, eu vi aqui perto...o Rato procura nos papéis as imagens semelhantes ao urubu...Achei! A imagem é projetada na tela. O Rato leva ao Xamã e pergunta: O que tu achamã?

O Xamã, olha, compara, olha, compara, olha, compara e diz:

**Xamã:** eu tenho dificuldade com essas coisas... Gosto de comer e refletir sobre o que eu comi...isso não explica aquilo...

**Rato:** eu sei que não...mas você poderia ser mais sensível...

O Rato fica observando a imagem e o urubu enquanto o xamã em cima da pedra olhando pro céu diz:

**Xamã:** O que o comível tem no pescoço?

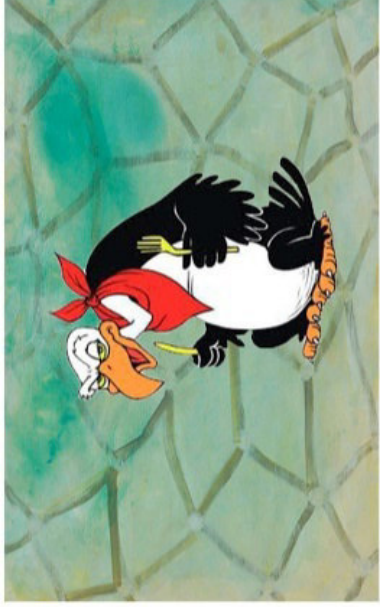
O Rato volta aos seus achados e encontra uma bolsa puida com a silhueta de um abutre.

**Rato:** achei! Olhe a semelhança! ...a bolsa carrega a imagem da coisa.

**Xamã:** Eu sou um Lagarto na pedra. Nada é explicado. Que tal essa: isso, não tem nada a ver com aquilo.... O sargaço juntou os 2...hein?

**Rato:** O que se vê não é só o que se vê. Existe um segredo escondida nas coisas. O sentido está no rastro que o segredo deixa.

**Xamã:** Em cima da pedra olhando pro céu. O que se vê não é o que se vê nem o que parece ser. Um sinal pode não estar nessa evidência do rastro. Para entender as coisas é preciso fechar os olhos ou buscar coisas que não estamos vendo...



O Rato pega uma vareta e começa a tirar coisas de dentro da sacola que está no pescoço do urubu: caranguejos, peixes, e num saco plástico, um cd do Gilberto Gil e um toca cd com 2 caixas acústicas.

**Xamã:** Ops! Isso não parece comível.

O Rato abre o saco, olha para dentro e começa a chorar....

**Rato:** Isso foi uma grande descoberta!

**Xamã:** Ainda não percebo nada...vamos mexer em tudo, abrir, ver o que tem dentro e depois comer o bicho e dormir....

**Rato:** Já vi um desses num papel... (o rato fica refletindo a luz do cd no xamã que fica desviando...). Isso a minha mão pôe aqui; esse botão, o meu dedo leva vai pra frente e essa volta...

O rato coloca o cd e começa a tocar a música "Ela" do Gilberto Gil, <https://www.youtube.com/watch?v=OPWPT638f9M> os dois pulam de susto, mas, logo vão

*sendo seduzidos pela música...os dois dançam juntos e no final da frase 'ela, eu vivo tempo todo com ela'...o xamã pede ao rato:*

**Xamã:** Rato, pára a voz! Auké ela me fala uma coisa! ...Você ouviu o que a voz falou?

*...som novamente...interrompido novamente no mesmo ponto....*

**Xamã:** você ouviu o que ela falou?

**Rato:** ouvi mas não entendo quase que absolutamente nada, entendi que “ela eu vivo o tempo todo com ela”.

**Xamã:** Ela disse: ééáou miibibiri bíiri u tê tá mô lálálá fui uuíuí mmamamapopoté paragababantê num sacamômôtê...

**Rato:** Auké?

**Xamã:** ela disse falando “vivo num lugar solar com monstros e flores, pela espada uns vivem outros morrem”. Deu pra entender isso... eu não sei o que o que significa ‘espada’...não há similitudes...

*O Rato nesse momento caminha com uma espada - encontrada dias atrás nos sargaços da praia - como se fosse um cajado...ele veste uma camiseta, também encontrada lá onde se vê uma estampa púida de um AS de espadas...enquanto caminha indagando...e a peça fica num estado de suspensão filosófica...olha para uma foto grande de um grande peixe espada...e diz, sentado com as mãos e cabeça abaixada sobre o punhal da espada:*

**Rato:** Xamã, como vou eu saber o que é uma ‘espada’ se nem sei se é coisa ou pensamento?

**Xamã:** Rato, desista desse projeto de entender este mundo invertido...

**Rato:** sim, nem linguagem eu sei se é.... mas pode também ser uma, ser uma, não sei direito ...Eu não entendi também esse som nenhum que nada me diz... Comemos coisas iguais todos os dias, eu deveria saber sobre esse mundo que você indaga...

**Xamã:** Eu não me pareço você rato, nem por fora nem por dentro...que mundo é esse que você fala?

*O Rato liga de novo a música. Quando começa a música o Rato vai até sua escrivaninha (dele) e começa a olhar uns papéis...Nesta hora ouve-se a voz da Vó ainda fora de cena, uma velha meia rata, meio lagarto que se desloca com um andador fazendo um barulho regular no chão...ela entra em cena falando alto...O Rato agacha escondido...*

**Vó:** Cadê o meu Rato? Meu ratínhú...Vem comer, meu Rato. Cadê o meu Rato? Meu ratínhú...Vem comer, meu Rato! Você precisa se alimentar...

*O Rato tenta sair de fininho mas tem seus pés presos por uma argola e correntes...quando ele acelera para fugir cai preso no chão...o som da música é desligado...*

**Vó:** Peguei o ratínhú na ratoerá!!

*O Rato vai até a Vó e resignado inicia um coito com a Vó. O Xamã está na mesma posição inicial, de braços e pernas abertos olhando para o sol...*

**Rato:** Vó num dá mais pra mim não!

**Xamã:** depois que comê a Vó, comemos o bicho.

*A luz vai baixando ficando apenas iluminado o coito do Rato com a Vó até que tudo fica escuro...*

## **Cena 2**

*Na tela de projeção surgem cenas de temporais tropicais. Com sons e ventos de chuvas...Uma luz azul cai sobre o Xamã que dorme em sua pedra.*

<https://www.freesound.org/people/Robinhood76/sounds/131936/> Permanece o som a cena inteira



**Caranguejo:** Naquela noite, após comerem o ensopado de urubu, o Rato, a Vó e o Xamã caíram no sono... Uma tempestade impressionante varreu a ilha naquela noite...ventos quentes e frios misturavam-se à chuva, árvores caíam e imensas ondas arrebatavam na estreita areia que restou na praia. O urubu não caiu bem para o Xamã...ele naquela noite tempestuosa revirava-se em sua pedra, peidando e sonhando imagens pesadas....

*No palco, luzes vermelhas e verdes. O pesadelo se iniciou com um estranho ser composto por fragmentos de coisas encontradas que se uniram e que se arrastavam...um urubu vestia um terno e uma cartola e caminhava gordo dizendo: quantas maravilhas tem essa ilha distante...vamos ouvir música da voz humana! Repetia isso sem parar. O rato andava de costas dizendo sal, precisa de sal !! Os fantasmas deixam a sala e a luz do dia amanhece o palco...enquanto o xamã ainda sonha tendo trimiliques...surge no palco o Rato andando de gritando para Vó...*

**Rato:** Precisa de sal! Precisa de Sal!

*O Xamã acorda assustado e vê o Rato entrando de costas...*

**Xamã:** Tô no pesadelo ainda!!

**Rato:** Ele não parou... A Vó ta acabando comigo...ela fingiu que me pedia ajuda e me agarrou na cozinha...depois que me comeu, pediu a minha opinião sobre um comido. A idade se agita na loucura que brota da velhice...vão ficando tarados e não esperam entendimentos sobre mais nada...

**Xamã:** Tive um grande pesadelo com imagens. Vou ficar na pedra o dia todo. Talvez só até à cozinha. Não dormi bem.

**Rato:** A chuva destruiu o bananal, não tem nenhuma banana em pé.

**Xamã:** Rato.

**Rato:** O quê?

Xamã: Me leve para passear um pouco?

*O Xamã pula nas costas do rato que caminha pelo palco... Durante o caminhar, surge assustado e gritando o Governador da ilha. O Governador é semelhante a um cachorro gordo. Toda a vez que o governador se assustar, ele puxará o rabo para dentro das pernas.*

**Governador:** Xamã, Xamã!!! A ilha está em polvorosa com o sargaço de hoje!! depois da tempestade de ontem não sei o que será o amanhã!! Escondemos eles numa jaula!!! *Encolhe o rabo entre as pernas...* A notícia se espalha... tememos por contágio... o que faremos? *Começa a chorar...*



**Rato:** eles?

**Governador:** sim 3 coisas grandes, quentes, vivas, fedidas e grudadas em coisas.

*O Xamã desce das costas do Rato, os dois ficam olhando imóveis (o Rato e o Xamã), um no olho do outro, uma correspondência de gestos entre os dois começa a acontecer, eles mudos começam uma linguagem de gestos e sinais incompreensíveis. O Governador sente o cheiro da comida; ele caminha até a área de trabalho do rato e fica observando os materiais encontrados no sargaço...*

**Governador:** Sei que preciso que me digam que eu sei. O que farei? O que vem em primeiro, segundo e em terceiro lugar? Será que primeiro tudo isso vem da mesma terra que segundo consta é a terceira do outro mundo?

**Xamã:** Governador, essa matéria é para poucos com muitos cuidados: em primeiro lugar, vamos comer o comido, em segundo lugar, vamos ao lugar dos monstros cheirá-los, ouvi-los, vê-los e tocá-los...*pausa*... em terceiro lugar - no lugar onde os monstros estão - reuniremos a comunidade e falaremos abertamente sobre eles respondendo abertamente a todas as perguntas perguntadas pela comunidade e pelos monstros, se quiserem perguntar.



**Governador:** Ótimo! Meu rabo está agradecendo de alegria, vejiam!

**Rato:** Perfeito! Governador, vamos que o cheiro está bom! Conte-me mais para que diga o que eu sei....

*Os três caminham em direção à cozinha: o Governador gesticulando com o Rato que leva o Xamã em suas costas. O cenário é transformado e 3 tamboretes são colocados no centro do palco. A população da ilha está em volta representada por projeções nos tripticos. Chegada do governador, o xamã e o rato. O governador dirige-se ao rato e xamã:*

**Governador:** A coletiva está marcada para daqui a pouco...Xamã, você e o Rato são muito aprofundadores, acostumados a afundamentos reflectivos que nada tem a ver com o que de fato ocorre e o que a população deve entender... Tentem ser simpáticos e sorridentes... sejam sinceros mas com cautela... tentem dar uma explicação.

**Xamã:** melhor simpático...não sei do que se trata pois não vi ainda.

**Rato:** concordo do que se trata... Se trata de algo até agora invisível.

*Ambos sentam. O Governador dirige-se aflitivamente para os funcionários:*

**Governador:** tragam a jaula!!

*Uma jaula enorme e cúbica, coberta por uma lona preta é empurrada para o lado esquerdo do palco. Nessa lona preta existem algas presas e outros liquens...o Xamã e o Rato aproximam-se da jaula.*

**Xamã:** Bichos de Auké prestem atenção!! Vamos iniciar a análise dos fenomenais monstros!

**Rato:** Monstros fenomenais.

**Governador:** sim, sim, sim....

*Os dois caminham até a lona e a suspendem levemente assustam –se com a imagem, afastam-se e depois retornam.*

**Rato:** Impressionante. Esperei minha vida por isso. Me parecem docéis.

*Na tela é projetada a imagem da população da ilha: caranguejos, aves, macacos, seres híbridos, etc. prontos para ver as criaturas e ouvir as explicações.... Sons e falatório geral.*

**Governador:** Por favor, primeiro silêncio! Primeiro Silêncio! Segundo, vamos nos acomodar, sentar! Terceiro, vamos ouvir a fala do xamã para esclarecimentos sobre esses seres tão bizarros.....

*Os três se acomodam no tamborete e o governador toma a palavra.*

**Governador:** prezados habitantes da ilha de Auké, reuni todos vocês para esclarecer e partilhar as decisões sobre a estranha chegada desses seres vivos. Vamos compartilhar essa experiência do nosso companheiro que achou essas coisas: O primeiro que os avistou foi o caranguejo, que das pedras viu esta mesma balsa flutuando próximo da praia. Eles, segundo o mesmo caranguejo, estavam nas seguintes posições: 1 estava deitado 1 estava sentado e 1 estava ajoelhado. O que você acha desse sinal, xamã?

**Xamã:** Faltou um em pé.

**Rato:** São só três. Então falta um.

**Xamã:** Perfeito Rato.

**Rato:** Ele pode ter fugido e estar aqui na Ilha escondido no meio de nós.

*Pânico e gritaria geral....*

**Xamã:** Pode ter um pulando, um correndo, um andando...

*Pânico e gritaria geral....*

**Governador:** Calma Calma Calma. Xamã acalme a população!!

**Xamã:** Quem viu em segundo lugar?

*Os Bichos se desorganizam. Disfarçam e questionam-se....*

**Bicho 1:** Cheguei depois dele.

**Bicho 2:** Mas isso não diz que vi primeiro que ele.

**Bicho 3:** Você chegou depois dele, mas tinha passado aqui antes.

**Bicho 2:** Ele estava encima do coqueiro. Dormiu lá.

**Bicho 4:** Dormi, isso, dormi, acordei e vi você.

**Bicho 3:** Cheguei perto das coisas mas não vi primeiro.

**Bicho 1:** Quem viu primeiro foi o caranguejo, mas ele não está aqui. Cheguei depois dele.

**Xamã:** Bichos 1,2,3 e 4 levantarão a lona preta, aí depois vamos iniciar a análise!

*O xamã olha para o rato que se dirige ao ouvido de xamã que responde:*

**Xamã:** nada a declarar no momento...é muito cedo para análises...

*O Rato fala novamente no ouvido do xamã.*

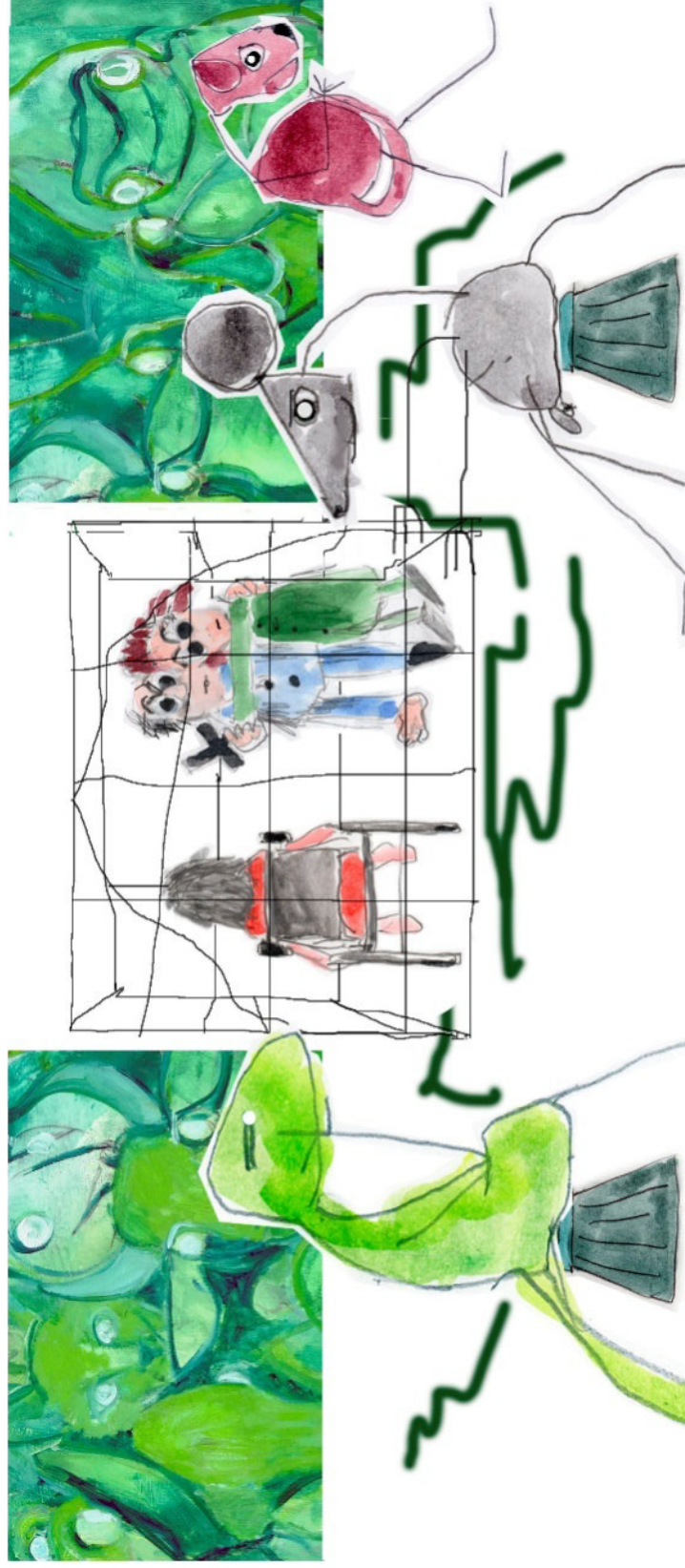
**Governador:** quais seriam, sobre essas criaturas, as 3 medidas mais importantes a tomar para nossa segurança?

**Xamã:** primeiro vamos levantar a Lona e mostrar essas criaturas para todos. Segundo, vamos olhar e terceiro vamos mexer nelas, cheirá-las e comê-las.

**Governador:** Pois bem, levantem o pano!! Cuidado, muito cuidado!!

*O pano é erguido e dentro da gaiola estão 3 seres humanos: 2 mulheres e um homem. O homem é um político (Sr. Homem), vestido com um terno; ele possui apenas um pé de sapato, e o outro esta descalço e sem meia, ele tem um tique nervoso de ficar pondo a mão no pinto. Ao lado dele, a Sra. Mulher com vestido cinza e segurando uma enorme cruz em seus braços, ela*

também tem um tique...ela esfrega primeiro os braços com as mãos, depois, com as mãos as pernas também. Um pouco distante desse grupo, uma mulher de cabeça baixa e vestido vermelho está sentada numa cadeira de rodas. Ela é a Cantora lírica. Ela está imóvel e indiferente a tudo. A Cantora lírica dirá o texto misturando fala com canto operístico, falsete, lírico, canções e sambas de acordo com as escolhas que o ator fizer. Quando o pano é levantado há uma gritaria geral entre os moradores da ilha, gestos de assustados...; mais assustados ainda estão o Sr. Homem e a Sra. Mulher que se abraçam e gritam diante das manifestações ...A cantora não se move. O Governador sai em polvorosa pelo palco. O Xamã e o Rato não saem do lugar...



**Governador:** Calma, calma, calma!!! **CHEGA PÔRRA!!!** Primeiro levantamos o pano!! A Segunda coisa, segundo o Xamã era ver....

*O Xamã e o Rato finalmente levantam-se....O Xamã meio correndo fica passeando pela gaiola sem nada fazer ou se interessar...O Rato observa mais todos os humanos.*

**Governador:** Xamã, antes de mexer neles que é a terceira coisa que você propõe, vamos responder a algumas perguntas.

*O Rato e o Xamã se posicionam no banquinho novamente. O governador se dirige ao público da peça e dirige o microfone para 3 ou quatro pessoas da platéia que elaboram perguntas para o Xamã e o Rato responderem relativas aos engaiolados. 3 minutos aprox...De repente o Sr. Homem e a Sra. Mulher começam a chorar alto, um choro que parece risada.*

**Rato:** Eles estão tentando se comunicar! Eu sei me comunicar com eles!

**Xamã:** mostre para nós Rato!!!

**Governador:** é perigoso, é perigoso, é perigoso....

*O Rato se aproxima do Sr. Homem e da Sra. Mulher que ficam assustados; eles param o choro e prestam atenção no Rato que começa, querendo ser simpático, a gargalhar de maneira assustadora. Ele, o Rato para e começa várias vezes o que vai aterrorizando cada vez mais a dupla, que voltam a chorar.*

**Rato:** eles estão dizendo que estão felizes por nos encontrar. *O rato continua a gargalhar...*

**Governador:** eles não parecem felizes...e aquele outro monstro que está sentado naquela coisa? Ele não está feliz porque não grita nada...

**Rato:** Ele não está sentado não... ele é isso mesmo... ele anda com a roda...

**Xamã:** Auké? Não é possível!! Vou mexer nele...

**Governador:** cuidado companheiros, ele vai abrir a gaiola; Recuem, recuem...

*O Xamã abre a gaiola e tira a cantora de dentro de lá puxando a cadeira...os outros dois se afastam dele...ele leva a cadeira de rodas até o centro do palco, a cantora permanece de cabeça baixa, inerte.*

**Xamã:** Vamo vê se ele é uma coisa só ou tá grudada...

*O Xamã começa a mexer na cantora tentando levantar a bunda dela do assento, a Cantora começa a exhibir reação, o Xamã não desiste e continua a tentar tirar a cantora do assento; ela reage e começa uma confusão entre os dois. O Rato fica sentado tranqüilo, o Governador em pânico fica de lá para cá...O Sr. Homem e a Sra. Mulher começam a gritar:*

**Sr. Homem:** maniakós kachachinos, nãodeixele tetókar; póssevénéno ôshô!!! kéisse inverno é? kéisse Kue noitami?

**Rato:** Xamã tá dando certo...eles estão tentando nos comunicar...Hahahaha!!

**Sra. Mulher:** Senhotiréssesizanimai zempfé ném kreça destimeu pesádonho; Kossagraxa tem kimi calçar; Ibetainós dessilha dimotrozoes enxofre!!!

**Sr. Homem:** matekum unhassui!!!

*O Xamã continua a se degladiar com a Cantora até que a cadeira vira e ela se espatifa no chão! Nesse momento ela tenta buscar a cadeira de volta. O Xamã pega ela pelo pé e fica arrastando ela pelo cenário ao mesmo tempo em que se inicia o canto lírico-dramático "...Audio da abertura da Obra Carmina Burana... <https://youtu.be/MhinC9eVKR4> trecho 5':22" – 6':20" Nessa hora chega a Vó com o andador pedindo para o Rato comer ela. O Rato senta na cadeira de rodas e começa a comer a Vó na própria cadeira e andando ao mesmo tempo.....O Sr. Homem e a Sra. Mulher entram em estado de choque. O Rato devolve a cadeira e colocam a cantora nela (que deixa de cantar) e de volta na gaiola.*



**Xamã:** Num falei que ele soltava do ferro? Isso é igual ao ermitão que fica na concha.

**Rato:** Pois não foi isso que eu disse? ... ele não soltou do ferro, você que soltou ele...assim como o ermitão, ele precisa disso para ser completa.

**Xamã:** Então ele não é igual ao ermitão que fica na concha!... A carne dele leva ele.

**Governador:** Por favor, por favor...agora que nós da comunidade tivemos essa explicação, o que nós, da comunidade precisamos saber é quais serão as próximas etapas... o que fazer com esses monstros fenomenais?

**Xamã:** vamos comer todos e dormir.

**Rato:** não tenho fome agora.

**Governador:** Alguém quer ficar com eles?

*Todos os moradores da ilha se recusam.*

**Vó:** levem eles para casa...o Rato gosta de estudar bizarrices...

**Rato:** Vamos cria-los, estuda-los, alimentá-los, analisa-los e descubri-los e espera-los chegarem até em casa.

**Xamã:** levaremos eles para morar conosco...se a fome apertar, não hesitaremos.

**Governador:** !!!! Salve. Caranguejos, levem a gaiola para a casa do Xamã. Reunamos todas as forças para subir o morro. Força Caranguejos!!

**Coreografia dos bichos (agora dançando como 'caranguejos') para a música unbroken, unshaven – Budos Band ref. <https://youtu.be/YdTo6FGUvHA>**



### Cena 3

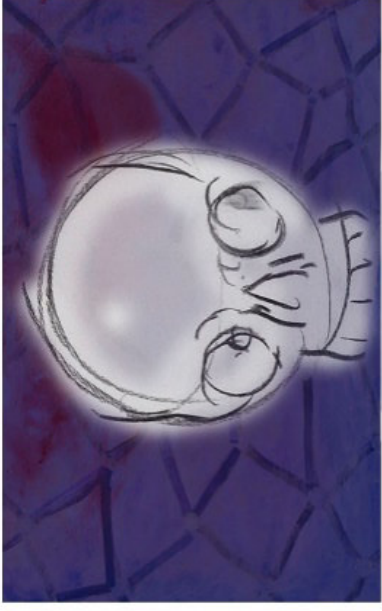
<https://www.freesound.org/people/Robinhood76/sounds/131936/> esse som permanece na cena toda como um leve fundo sendo interrompido apenas no momento dos sinos. Gaiola posicionada no canto esquerdo do cenário. Luz apenas no escritório do Rato Enquanto o Rato estuda o caranguejo narra....

**Caranguejo:** Tudo tudo tudo naquele dia foi difícil. A carroça chegou tarde da noite na casa do Xamã...Deram aos monstros bananas, água de coco e carnes de caranguejos. O Xamã e a Vó - depois de dar uma no Rato - logo dormiram um sono tranquilo; o Rato ainda trabalhou até altas horas, estudando textos e imagens monstruosas. Ele temia que essas 3 coisas fossem rapidamente comidas e ele perderia a oportunidade de finalmente decifrar a fala e a escrita. O Rato dormiu. Tudo ficou mudo, menos o vento e os monstros. O vento soprava mais forte que o normal enchendo o saco de todo mundo: 'podem vir mais?' 'Será que vem?' 'Assoviava o desgraçado. Assim, a ilha dormiu estranhamente com aquelas coisas feias que poderiam ter um gosto ruim se fossem comidas...

*Luz sobre a gaiola. A Cantora permanece com a cabeça baixa, O Sr. Homem e a Sra. Mulher estão deitados próximos um do outro. O Sr. Homem percebe o silêncio e levanta-se, tenta abrir a porta da gaiola mas não consegue...*

**Sr. Homem:** Olha como estou sujo! Maldito transatlântico. Belas baleias o caralho! Era um monte de pedras pôrra!!...essas coisas vão nos devorar...tivemos sorte hoje mas não sei se teria sido melhor termos morrido...

*A Sra. Mulher abraçada a cruz e roçando-se sobre ela começa uma ladainha olhando para o Sr. Homem como se ele fosse o Salvador...*



**Sra. Mulher:** Hoje é um domingo unguido pelo óleo sagrado. Lúcifer está perto de nós mas minha fé diz que o socorro virá do Senhor, que fez o céu e a terra...Rezemos para esse inferno de serpentes ruir.... *Pausa...* Minha fé é grande no Senhor, Tire-nos daqui, tu és meu advogado invencível! *Pausa...*Nós somos pobres mortais... é uma provação...

**Sr. Homem:** Nós vírgula...Nunca serei um pobre! Pobres são carrapatos...Tenham fé em mim. Como sobe que sou advogado?

**Sra. Mulher:** Estou falando com Deus.

**Sr Homem:** Não vou perder o que conquistei nesta vida por causa dessa merda...Agora, como eu saio desse inferno, dessas coisas primitivas, ignorantes e asquerosas? Eles ainda não sabem que eu sou um rico Sr. Homem, quando souberem vai mudar tudo...

**Sra. Mulher:** Antes de embarcar para esse congresso religioso no caribe, saí da Sé para o metrô. Quando fui entrar olhei para trás e vi aquela arquitetura religiosa, o símbolo máximo da riqueza Universal do reino de Deus. Nessa hora, nas escadas do metrô, os sons dos sinos das 12 horas começaram a badalar. Eles invadiram a plataforma subterrânea proporcionando uma experiência magnífica. Foi como uma onda sonora entrando em todos os espaços. A

espiritualidade da igreja se tornara uma água invisível penetrando como uma graça divina em todos os ouvidos, dos fiéis e dos infiéis. Ainda ouço eles penetrando em mim...

**Cantora:** Não foi a igreja que penetrou em seus ouvidos, foi o som dos sinos, eu ajudei a afiná-los...

**Sra. Mulher:** Os sinos da igreja! Pensei que você fosse surda! Os sinos foram a presença de Deus na terra. É por isso que eu acredito que sairemos vivos...

**Cantora:** Você realmente acha que o mundo é Deus? Tudo tem o dedo de Deus? A gota de orvalho é o choro de cristo, o pôr do sol é a alma do senhor, a criança rindo é a pureza divina...Pôrra! A religião quer tudo para si! ... Tudo é só linguagem, as metáforas cansam, elas embaçam a realidade...

**Sra. Mulher:** A senhora se perdeu num mundo que não é nosso...o mundo é de Deus...

**Cantora:** Não é nosso nem de Deus...

**Sr. Homem:** Cada um puxa a sardinha pra sua brasa. Deus passou longe daqui...Onde não há poder público não há Deus. Só anarquia e promiscuidade.....

**Cantora:** “Nada é mais anárquico e ‘promíscuo’ que o poder. O poder faz o que quer, como quer.” **Pasolini in Revista Cult, ano 17 novembro 2014, pag.29.**

*O Sr. Homem e a Sra. Mulher passam a ignorar a cantora....*

**Sra. Mulher:** Sabe Sr. Homem, mesmo aqui, o senhor para mim ainda é um Sr. Homem, na igreja cultivamos os valores da família...Isso me faz lutar para sair daqui...

**Sr. Homem:** Valores? Que tipo de valores?

**Sra. Mulher:** Hihihihhi...Malandrinho...Ouvindo o senhor eu percebi que o que eu fiz não foi nada demais...

**Sr. Homem:** Em que setor a Sra. trabalha na igreja?

**Sra. Mulher:** Eu trabalho no financeiro... a pressão é muito grande...*ela faz sinal de dinheiro com as mãos...* Cuidava de várias gerências, uma delas a tesouraria, eu fechava o caixa...

**Sr. Homem:** e abria também?

**Sra. Mulher:** *risos...*, somente para poucos... *risos*. A igreja precisa de novos parceiros...estamos capitalizando socialismos...

**Sr. Homem:** Quantas afinidades... Eu vou sair dessa ilha!!! Salvarei vocês!!

**Cantora:** Quem disse que isso é uma ilha?

**Sr. Homem:** Está no título da peça.

**Cantora:** Não preciso ser salva porque não sei se estou perdida ou correndo perigo...meu bairro é pior do que isso aqui. Até agora não vi nem senti nada violento... Talvez seja disso que precise. Minha vida já virou curriculum escolar. Eu não existo mais, estou livre.

**Sra. Mulher:** (fala baixinho) Mude de bairro.

**Cantora:** O que disse?

**Sra. Mulher:** *gritando nervosa...* Mude de bairro!

**Sr. Homem:** Ser arrastada por um lagarto é normal para você? Qual será a próxima? Seremos pendurados de cabeça para baixo?

**Cantora:** Podemos já estar mortos.

*A Sra. Mulher começa a chorar...o Sr. Homem a abraça afetivamente....*

**Sr. Homem:** Infelizmente a cantora não se juntará a nós...Lamento...*olhando para a Cantora, mas dirigindo-se a Sra. Mulher...* mas é a própria seleção natural que criou nessa pobre criatura o defeito de não andar, muito menos o de correr....

**Sra. Mulher:** Deus escreve certo por linhas tortas...Deus nos perdoará por planejarmos partir sem salvar a alma dela... a senhora deve entender, pode ser uma viagem difícil...

**Cantora:** Quem sou eu para julgar essa envolvente atração entre vocês? Pode ser até que essa forte emoção se transforme em amor ... Os corpos naturalmente percebem as afinidades eletivas que os atraem ou repelem...tentem partir para a civilização novamente...Quem disse que quero ir? Não desejo voltar mais...

**Sra. Mulher:** É melhor assim...quem sabe você crie asas por aqui...todos desejam construir um ninho...quem sabe o seu seja esse lugar... Oraí senhor por essa alma boa e sensível!

**Sr. Homem:** todos me devem favores, a senhora também me deverá... Tenho muitos clientes no setor naval e bons amigos na marinha, quanto eu chegar na civilização... *a Cantora interrompe...*

**Cantora:** Senhor Sr. Homem não discusse... Fodam-se vocês, chupem-se.. eu tô pouco me fudendo... me deixem em paz, estou exausta... Toda mulher tem um cofre no meio das pernas, não é assim que se diz? Voltem para o inferno.

*O Sr. Homem e a Sra. Mulher entreolham-se, começam a rir abraçando-se....*

Sr. Homem: Um cofre? Hahaha... Adorei!

**Sra. Mulher:** Aqui temos dois então? Hahaha... Lôca! Pur Deus, lôca!!

*A cena vai fechando com eles rindo e se esfregando...a luz vai diminuindo...Começa um som de chuva e vento...*

#### **Cena 4.**

*Som de chuva e vento diminuindo de intensidade sonora...A cena se inicia com o sonho do Xamã. a cena se abre com a música My Favorite Things tocada no álbum de mesmo nome de John Coltrane Quartet, 1963. [www.youtube.com/watch?v=1kPXw6YaCEY](http://www.youtube.com/watch?v=1kPXw6YaCEY) . O Palco está escuro até os 10 segundos iniciais da música tocando. Nessa hora entram a Cantora e o Xamã...Ela o está arrastando e felizes os dois coreografam até 1:30 minutos de música....*

**Cantora:** ...

‘E o escuro ruído da chuva

É constante em meu pensamento.

Meu ser é a invisível curva

Traçada pelo som do vento...’

**(Chove?...Nenhuma chuva cai...,Fernando Pessoa).**

*Lentamente o palco escurece com a música ainda tocando e reacende com o lagarto trepando com a pedra em que dorme e o Rato gritando o nome dele para que acorde....A música termina com o Xamã acordando...No cenário uma estrutura para pendurar os 3 monstros...Os monstros também acordam e ouvem a conversa:*

**Rato:** AukéAmã saidaukordá!

**Xamã:** ARRato! aukadê aVótarau? Aukéeu vonheisó...

**Vó:** Ratinhauké!!!

**Rato:** (dirigindo-se ao Xamã)....numfunhá sumivó sargauké lavêlá.

**Xamã:** *(dirigindo-se a Vó) saiAukérratinhú... Vévamuaukeskó?.....*

**Vó:** Obákamukomé. Trançauké vamuaukeskó. Todamúsé komiseké.

*O Xamã desce as cordas e começa a pendurar os humanos de cabeça para baixo. Ele começa pela cantora...Ele entra na jaula 'arrepiano' e tira a Cantora de lá...ele a retira da cadeira depois dela resistir, ela, do chão gruda nele e os dois passeiam pelo palco meio brigando meio brincando....*

**Vó:** aukéxerim pirocauké.

**Sr. Homem:** Aguenta firme Cantora! Tenta matar ele!!!!



**Sra. Mulher:** Eles vão pendurá-la meu Deus!!! Parem com isso Bestas do inferno!!!

*Ele pendura ela pelas pernas, amarra pelos braços...suspensa e de cabeça para baixo...Vai abraçando o corpo dela e cheirando...A Vó senta na cadeira de rodas e passeia pelo palco... O Xamã entra arrepiando de novo, dando porrada no Sr. Homem...Pega ele pelo cabelo e arrasta*

*pra fora...Pendura ele também e amarra...faz o mesmo com a Sra. Mulher...o clima é de gritaria e tensão....*

**Xamã:** Aukémeladimpelim? Pirocauké?

**Vó:** Aukémeladimpelim.

**Xamã:** aukévamaxerim.

*Xamã cheirando e apalpando o Sr. Homem:*

**Vó:** Pirocauké?

**Xamã:** Pirocauké.

*Na Cantora....*

**Vó:** Pirocauké?

**Xamã:** Aukémeladimpelim.

*Na Sra. Mulher o Xamão apalpa, cheira e diz:*

**Xamã:** aukévamaxerim. Aukémeladimpelim.

**Vó:** Aukékomé vamaxerim. Obákamukomé. Dukará uhu!

**Xamã:** Dukará uhu!

**Sra. Mulher:** O que eles estão conversando? Eles vão nos matar!!! Eles parecem que me escolheram... Pur Deus, não é possível que eu termine minha vida de cabeça para baixo!!

**Sr. Homem:** Monstros dos infernos...Só um milagre agora...

**Cantora:** Somos um gado de abate... apenas carne para eles....



*O Xamã põe a cabeça da Sra. Mulher num banquinho...pega uma pedra enorme e vai esmagar a cabeça dela...Nesta hora chega o Governador e o Rato com o carrinho de pedreiro e dentro o capitão do navio morto...A roupa branca é visível e a mão pelo lado de fora segura ainda o quepe da marinha...*

**Rato:** Xamã, não! Tem comida achei! É grande!!!

**Xamã:** Prova e gosto só comendo.

**Rato:** A vida não é um bife.

**Xamã:** Adianta esse saber?

**Rato:** adiantar, atrasar, tudo é significado.

**Xamã:** Nossa vida está ruim?

**Rato:** Não, vivemos muito bem...só que gosto de entender a vida

**Xamã:** A vida é um pum no escuro.

**Rato:** Então peidemos à vida.

**Xamã:** De olhos fechados.

**Governador:** E os monstros?

**Xamã:** Comida!! Auké verdade Rato, são mansos... vamos solta essas coisas...pra ficarem gostosas e macias...

*O Rato larga carrinho com o corpo... ele e o Governador vão dar aquela gargalhada para os humanos, ...eles entendem (Sr. Homem e Sra. Mulher) e passam a gargalhar também...Os dois entendem que o Rato pode ser um parceiro.*

**Rato:** Tá vendo Xamã, eles estão se comunicando comigo...Eu já estou escrevendo algumas coisas...Pode soltá-los Governador...



**Governador:** Primeiro soltarei, esse, em segundo aquele e em terceiro aquele ali.

*O governador vai soltando os presos...*

**Sra. Mulher:** O milagre veio do Rato...que a espada de cristo ilumine esse roedor...

**Rato:** Espada? O monstro falou espada Xamã...

**Xamã:** Eu ouvi a palavra espada...mas pode não ser a mesma coisa; música e palavra podem parecer, precisa do sentido ...

**Sr. Homem:** Espada, cruz, Deus...

**Rato:** Espada, cruz, Deus...

**Sr. Homem:** Isso mesmo! Espada! *O Sr. Homem aponta para a espada que o rato empunhava...O Rato apanha a espada e compara com a cruz invertida...*

**Rato:** Espada!

**Sr. Homem:** Espada!

**Sra. Mulher:** Vivi um êxtase. Que a flecha do anjo fure minhas entranhas...

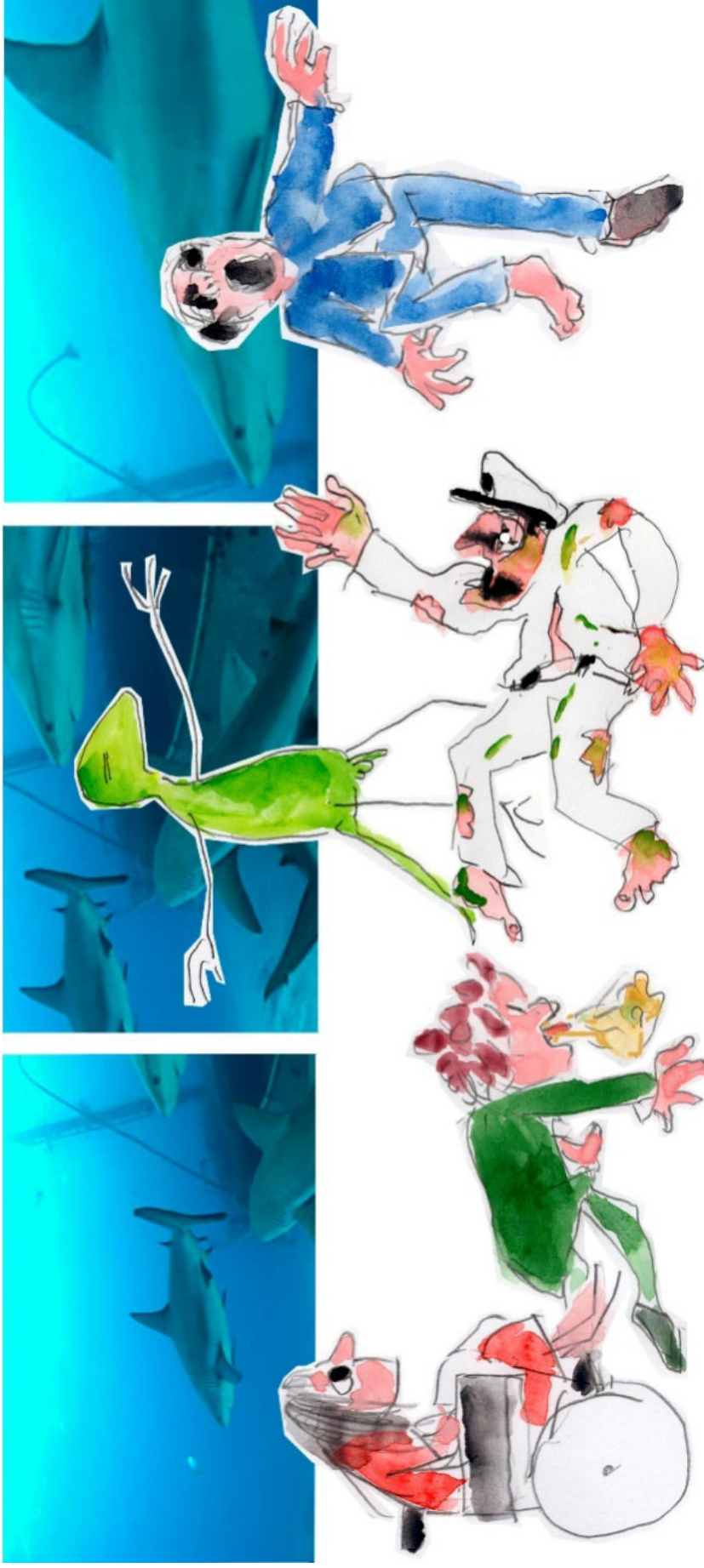
**Cantora:** Eu ainda não...Hoje jantaremos o capitão do navio....

**Sra. Mulher:** iniciarei um jejum e reza hoje....

*Todos viram-se para o Xamã que está com o cadáver do Comandante; Sra. Mulher e o Sr. Homem se abraçam e começam a vomitar.... Xamã fica de joelhos na frente do cadáver, ele se contrai todo e entre convulsões, pulos, e gritos do Xamã 'Vai!Vem!Vai!Vem!Vai Fala!Diz!! mexa! " o Xamã ajuda o cadáver a se erguer...inicia-se a música **empty boat** do álbum Caetano Veloso, 1969 <https://youtu.be/EjNanbaigSE> juntamente com o vídeo de André Schutz.Todos param diante do espetáculo do morto-vivo que se ergue para o Xamã e depois para a plateia: o Sr. Homem e a Sra. Mulher desmaiam....a Vó, o Governador, o Rato e a Cantora contemplam sentados o fenômeno...O cadáver lentamente vai se mexendo e se recompondo ergue-se e vai executando um andar cadáver pelo palco ao som da música, inicia uma coreografia cadavérica... ao final da música o Xamã vai encaminhando o Comandante para cozinha....*

**Xamã:** Panela! Pra lá! Pranela! Palanélia!....

*O Rato, a Vó e o Governador cumprimentam o cadáver e pedem aplausos da plateia....*



Cena 5.

<https://youtu.be/xyA5c-aiXyg> Relaxing Ocean Sounds w Seagulls - Samente o som 1:23' – 1:40'

**Caranguejo:** A ilha acalmou quando percebeu que os monstros não mordiam...O Rato trabalhou, estudou os monstros e os defendeu do apetite de todos ... disse ter decifrado a linguagem dos estrangeiros e que em breve todos jantariam os monstros...A Sra. Mulher também colaborou dando aulas para o Rato e que ajudaram na comunicação, na difusão dos saberes e na sociabilidade...o Governador e o Sr. Homem conversavam diariamente...a Sra. Mulher explicava ao Rato o que era religião e a necessidade de erigir um templo místico...O Xamã arrastava a Cantora pela casa todo dia só para ouvir uma música que só ele ouvia...a Cantora animava-se a cada dia...a Vó não estava aí para nada, ela fez o Sr. Homem trepar com ela mas não gostou Tentou trepar com a Sra. Mulher mas ela não tinha pinto...por enquanto era o Rato....enquanto o Rato comparava ela comia, mas a velha pegava o Sr. Homem também. A ilha toda pensava no dia de comer os monstros .....Aí chegou o dia em que precisei terminar essa história.....

*A Cantora está na pedra transando com o Xamã...O Rato está conversando com a Sra. Mulher Projeções no telão mostram a pesquisa do Rato sobre espadas, cruzes, flechas..... A Vó cruza o cenário com a cadeira de rodas...O Governador chega com o Sr. Homem numa conversa já em andamento...*

**Sr. Homem:** É muito dinheiro...

**Governador:** Dinheiro.

**Sr. Homem:** Isso! Vossa excelência ganha todos os valores...

**Governador:** valores.

**Sr. Homem:** Crie um problema que não exista.



**Governador:** Problema.

**Sr. Homem:** Caranguejos e gaivotas. Os caranguejos deverão pagar pelo novo sistema de loteamento da praia que prevê segurança 24 horas. Vamos dividir a praia em lotes onde residirão 10 caranguejos em cada lote. Cada caranguejo paga pelo lote adquirido.

**Governador:** paga.

**Sr. Homem:** A garantia é que vossa excelência só autorizará o voo das gaivotas após as 17hs... assim os caranguejos que respeitarem os horários não correrão o risco de morte ao serem comidos por elas...

**Governador:** morte.

**Sr. Homem:** Para as gaivotas ofereça cadáveres em troca do direito de ir e vir.

**Governador:** Cadáveres em troca.

**Sr. Homem:** Fale com os caranguejos...

**Governador:** caranguejos.

**Sr. Homem:** por essa ajuda, vossa Excelência poderia pedir para os caranguejos esvaziarem o barco encalhado na praia? Assim eu posso passear pelo mar...

**Governador:** Mar....

**Vó:** Prefeitu....Prefeitu...Ratinhú...Ratinhú... Um corte fundo na barriga. Pra frente e pra trás até enjoar. Bem juntinho assim...Aí se diz pôrra, eu vou nessa. Se você soltar agente solta. 3 vezes aqui mesmo. Primeiro que o depois, vem o antes....Tem pãozinho lá dentro. Só se alguém for buscar... Sai da dele, tira você da sua...Não vim de dinheiro...não acrescente coisas...Parente na favela é rato...Ratinhú, Prefeitu....

*O Governador se retira de cena.*

**Sra. Mulher:** Deixa eu corrigir sua letra... Me dá sua mão...meu Deus que mão delicada...tem uma beleza particular... Deuus é a be - leza eterna. Só Eeele não decepi -cionaa ninguéem."

**Rato:** Beleza eterna...

**Sra. Mulher:** Isso, a beleza é Deus que é o amor. : "Já fora de mim vivi/ Desde que morro de amor;/ Porque vivo no Senhor,/ Que me escolheu para si./ O coração lhe rendi,/ E nele quis escrever/ Que morro de não morrer..."

**Rato:** Morre por não morrer?

**Sra. Mulher:** Sim, é de Santa Teresa, no êxtase ela disse: "Quando o tirava, parecia-me que as entranhas eram retiradas, e eu ficava toda abrasada num imenso amor de Deus." É um desejo de morrer por deus...

**Rato:** Tirava Auké?

**Sra. Mulher:** O anjo segurava a flecha que perfurava seu coração. Enfiava e tirava. Foi uma transverberação.

*Num lampejo intuitivo o Xamã vai lagarteando direto até a mesa do Rato e apanha uma gravura em que um abutre esta vestido com a mesma roupa do Sr. Homem...essa imagem é projetada na tela...em seguida ele apanha um chapéu que o Rato achou nos sargaços e fica com ele a espera do governador.... O Sr. Homem apanha um livro bem destruído e conversa com o Rato....*

**Sr. Homem:** Este livro é muito interessante!... Senhor Rato, os livros são os tijolos da sociedade!! Poucos os possuem por isso não possuem casas...

**Rato:** Tijolos? Os livros são os tijolos do saber....

**Cantora:** A mim não encantam as palavras....



**Sr. Homem:** *Lendo para o Rato...* “Um dos exemplos mais conhecidos, dados por J. von Uexküll é o carrapato (*Ixodes ricinus*), cujos hospedeiros normais são mamíferos. O carrapato não ouve, não vê e não tem sentido de gosto; ele reage somente a um certo cheiro (ácido láctico) e a uma certa temperatura (37°C). Assim que esses dois indícios emergem como sinais, da escuridão que cerca o carrapato, ele cai e dá uma picada em qualquer objeto que apresente esses dois sinais, quer o objeto em que ele estiver sugando seja nutritivo ou não.” **O caso do carrapato. In: Ernesto Grassi – Poder da imagem. Impotência da palavra racional. P.56 SP: 2 Cidades, 1978** Maravilhoso!

**Cantora:** Quem disse que a escuridão cerca o carrapato? Não existe escuridão para um carrapato. Ele está em outro mundo onde claro e escuro não existe...Você narrou a história como se você fosse um carrapato, um sanguessuga da sociedade.

*O Rato sai meditando atrás de imagens que poderiam explicar a ele o que são tijolos...Enquanto busca essas imagens que vão sendo projetadas na tela, surge o Xamã com o chapéu de presente para o Sr. Homem.*

**Sr. Homem:** Um presente para mim seu Xamã? Veja Sra. Mulher! ...*nessa hora surge a Sra. Mulher com alimentos e tecidos em um carrinho improvisado...*) O Xamã me presenteou!! Quanta gentileza! Pena que me faltam o sapato do pé esquerdo...Caso contrário estaria completo....

**Xamã:** Os sonhos não mentem....Jantar a Vó vai chamar.....

*Os Sr Homem conversa com com A Sra Mulher separadamente...*

**Sr. Homem:** Conseguistes os alimentos?

**Sra. Mulher:** Sim estou vendo os que duram mais..., os tecidos para a vela e o mastro tentarei com o Rato... Temos que matar alguém...

**Sr. Homem:** Como assim matar alguém?

**Sra. Mulher:** Sim! Matar alguém...se não matarmos alguém, um de nós morrerá... assim é que é...

**Sr. Homem:** Tem tanto bicho nessa ilha que não é difícil escolher...Se precisar matar a gente mata!

**Sra. Mulher:** 'A verdade do grupo está no assassino'. **(memórias do subdesenvolvimento,** filme). Foi assim com Jesus...Isso é caro para mim.

**Sr. Homem:** Caro? *(riso de ambos)*.

*Entrada do Governador...*

**Governador:** Sr Monstro, notícias ótimas...

**Sr. Homem:** Eles gostaram?

**Governador:** Adoraram?

**Sr. Homem:** Adoraram?

**Governador:** Adoraram. Limpando o barco estão. O senhor será comido pelas gaivotas...eles adoraram...nós também adorando... ser comido é ser vivo, ser devorado é ser adorado, ser adorado é ser devorado. O senhor voará para muitos lugares e poderá ver seu barco lá de cima....lá de cima também verá a praia toda loteada e os caranguejos acenando as garrinhas para o senhor...um espetáculo para poucos...Isso é lucro?

**Sr. Homem:** Lucro? Não, isso não é bem o lucro. Lucrar é depois que você roubar...isso é um reconhecimento espiritual pelo trabalho. Primeiro você deve roubar... depois de roubar muito, vai surgir um leve sentimento de culpa... esse sentimento de culpa vai mobilizar você a fazer alguma obra boa em prol da sociedade que te elegeu. O lucro são as relações entre os coeficientes do roubo, da culpa e da obra.

**Governador:** Adoraram...o senhor está culpado?

**Sr. Homem:** Emocionado, muito emocionado, nervoso até...

**Governador:** Auké será no dia da lua nova, na maré baixa com muita areia e caranguejos. Emocionado.

**Sr. Homem:** Emocionado, muito emocionado, nervoso até...

**Vó:** Prefeitu.....Prefeitu...Ratinhú...Ratinhú... Um corte fundo na barriga. Pra frente e pra trás até enjoar. Bem juntinho assim...Aí se diz pôrra, eu vou nessa. Se você soltar agente solta. 3 vezes aqui mesmo. Primeiro que o depois, vem o antes... Tem pãozinho lá dentro. Só se alguém for buscar... Sai da dele, tira você da sua...Não vim de dinheiro...não acrescente coisas...Parente na favela é rato...Ratinhú, Prefeitu....

**Cantora:** ...*anuncia das costas do Xamã...* Vamos almoçar!

**Governador:** Sr monstro, O que é roubar?

*Todos vão caminhando em direção à cozinha...conversa e fade in em conjunto...*

## Cena 6

*Chuva novamente <https://www.freesound.org/people/Robinhood76/sounds/131936/> À noite, o Sr. Homem e a Sra. Mulher combinam a fuga da ilha...*



**Sr. Homem:** Sabe quem vai morrer no bico das gaivotas?

**Sra. Mulher:** Quem?

**Sr. Homem:** Eu mesmo... As gaivotas vão me comer...

**Sra. Mulher:** Nós aqui mesmo em terra, permanecemos à deriva. Talvez essa ilha não seja o inferno, mas foi certamente o diabo que nos trouxe até aqui.

**Sr. Homem:** Se permanecermos unidos nada nos destruirá.

**Sra. Mulher:** Religião e política!

**Sr. Homem:** Partindo amanhã à tarde de qualquer jeito. Eles querem nos devorar! Não sei como ainda estamos vivos!!

**Sra. Mulher:** Não penso em outra coisa a não ser sair deste inferno...

**Sr. Homem:** Você não me parece desesperada ao lado do Rato, ele te excita.

**Sra. Mulher:** Ciúmes do Rato? Você é um político estúpido e idiota mesmo. O Rato tem muita

antiguidade em moedas, crucifixos, pérolas e braceletes, Capiche ?!!! Com tudo isso eu compro meu lugar no céu. Pense um pouco!

**Sr. Homem:** Tudo que tem valor me interessa também.

**Sra. Mulher:** Só que aquele roedor não sai da casa, vive me perguntando merda...ele quer saber de tudo, da língua, da cultura, da religião ...*pausa*... é nojenta essa curiosidade!

**Sr. Homem:** Todo intelectual é um rato.

**Sra. Mulher:** Eu sei, ...*pausa*... não será o primeiro rato que mato.

**Sr. Homem:** É simples matar um rato dormindo.

**Sra. Mulher:** Pra você que dormia com eles deve ser fácil...

**Sr. Homem:** hahaha. Incrível, você me fez rir! Todo meu esforço foi para conquistar privilégios...foi dinheiro público que bancou minha viagem. Não se valoriza isso nessa Ilha bizarra? *O Sr. Homem segura no pescoço da Sra Cantora e excitado diz: Você é a minha rata preferida, queria te enforcar devagarinho...Eles se beijam ...*

**Sra. Mulher:** Saia, saia, suma daqui...

**Sr. Homem:** Boa morte ...*pausa*... para o rato.

*O Sr. Homem se retira. Cenário vai escurecendo lentamente. Luz na Sra. Mulher.*

**Sra. Mulher:** Saia, saia, suma daqui... ...*pausa*... Senhor, porque essa coceira não passa? Rato, chega logo!

*O Rato surge concentrado em leituras. Ela tenta mata-lo algumas vezes mas o Rato se esquia sem perceber.A Sra. Mulher crava a faca nas costas do Rato que cai desacordado. Aos chutes a Sra. Mulher grita com raiva. Ele parece morto.*

**Sra. Mulher:** Vai Rato escroto, vai pro bueiro. ...*pausa*... Você nunca vai ser gente.

*A Sra. Mulher vai apressadamente pegando a vela do barco, reunindo os outros itens e colocando no carrinho de pedreiro... o Rato aos poucos sai da cena rastejando... ele ressurge com um arco e flecha na mão. Ele lança uma flecha na Sra. Mulher que solta um gemido profundo.*

**Sra. Mulher:** aaaaaiiii!! Rato?! Ela busca um outro punhal para defender-se atacando... Ai ardor, está queimando. Meu Deus, estou sangrando!!

*Mais uma flechada...*

**Sra. Mulher:** aaaaaiiii!! Rato estúpido...você esta me matando ( *se arrastado defendendo-se*) não é assim o fim da peça!

*Mais uma flechada...*

**Sra. Mulher:** Por que Rato?

**Rato:** não foi a morte o amor no sacrificio? *Mais uma flechada.*

**Sra. Mulher:** Ai como dói...agora sei o que São Sebastião sentiu... Meu Deus, estou sangrando...dai-me a paz...Rato pensei que você gostasse de mim....

**Rato:** Esse é o maior gesto de amor da religião...*Mais uma flechada.*

**Sra. Mulher:** Ai. Isso não é amor Rato estúpido...você está me matando...*Ela arranca o crucifixo do Rato.*

**Rato:** Não sou eu quem está matando. *Mais uma flechada.*

**Sra. Mulher:** Ai, a dor vai e volta...hoje eu lhe mataria...

**Rato:** Não sabia que você me amava...

**Sra. Mulher:** Aaaai... a dor vai e volta!! ...pausa... Cadê Deus que não vê meu sofrimento?!!...

*Ela procura o crucifixo que carregou a peça toda. Segura o crucifixo ...pausa.... Ela vai se levantando. Roedor de merda!! ...pausa, tosse.... Eu viverei...Você vai ter que me engolir!!*

*Tosse, tosse...*

**Rato:** Engoliremos você amanhã... A espada!

*A Sra. Mulher se levanta, caminha e cai de bruços em cima da mesa. O Rato apanha a espada e a enfia no peito dela... a cruz que ela carregou a peça toda cai de sua mão, e do seu interior caem no chão dezenas de pedras e jóias...O Rato inicia um ato sexual com a Sra. Mulher...Nessa hora chega o Xamã carregando a Cantora em suas costas. Ela salta das costas dele e fica de pé normalmente...*

**Cantora:** Que porra é essa Rato?

**Rato:** É um sacrifício. Ela vai morrer com a flecha do anjo de Deus que abrasará seu coração.

**Cantora:** Que merda de confusão!

**Cantora:** Rato você precisa tirar umas férias.... Você está trepando com um cadáver!

**Rato:** Eu não tenho desejo por ela...só estou tentando entender o que significa religião. "Morro por não morrer" ela disse.... A Religião me guia.

**Cantora:** Que religião Rato? Você está trepando com um cadáver!



**Rato:** Religião é uma forma de caçar. *Ele debruça-se abraçando o cadáver...*

**Xamã:** Isso me deu fome. Ela está morta?

**Rato:** Tá quente, tá viva ainda!

*A Sra. Mulher ergue a cabeça e se dirige ao público.*

**Sra. Mulher:** Num tô não! Tô morta.



**Xamã:** Não sei o que é Religião, mas me parece que é uma forma de sexo, e para um cadáver, o sexo é a religião que eles sonham, sonham, acho.

**Rato:** Os vivos também acham, acho.

**Cantora:** E essa faca nas suas costas Rato?

**Rato:** Faca, que faca? Num é uma cruz?

*Surge o Sr. Homem com uma corda no ombro...Ele olha toda a cena estupefato...Vê a cruz no chão e todas aquelas pedras preciosas ...O Sr. Homem se atira no chão, sua cartola cai, ele recolhe as pedras, enfiando-as nos bolsos e na boca.*

**Sr. Homem:** Sempre achei que vocês não gostavam dela.... *Ele sai acelerando o carrinho de pedreiro dizendo:* Eu também não!

**Xamã:** Sr. Homem! *O Sr. Homem fica paralisado de medo.* A cartola do Senhor!.

*O Sr. Homem apanha a cartola, que agradece e vai saindo de cena. No momento em que o Sr. Homem vai saindo chega a Vó na cadeira de rodas.*

## Cena 7

*Som de cigarras: <https://soundcloud.com/zaschf/20170128-cicada-sound> Fumaça de churrasco; Nos trípticos, habitantes de Auké... A Cantora, o Xamã, a Vó, o Rato, Bichos 1,2,3 e 4 vão chegando aleatoriamente. Governador aparece....*

**Governador:** Habitantes de Auké, Sei que todos estão com fome então VAMOS BOTAR ESSA PORRA PRA FUDER!! Vejam!! Já uso expressões que eu não sei o que significam mas parecem

boas. *Ele pede a platéia:* Então me ajudem: VAMOS BOTAR ESSA PORRA PRA FUDER!! VAMOS BOTAR ESSA PORRA PRA FUDER!! VAMOS BOTAR ESSA PORRA PRA FUDER!! ....Maravilha! Serei breve pois o cheiro delicioso do churrasco já adentra esta sala. Agradeço em nome de todos, o Sr. Homem e a Sra Mulher que daqui devem estar me ouvindo no espeto por essa entrega total que permitiu a grande festa de hoje. Finalmente o casal estará em cada uma das barriguinhas dos moradores desta nossa ilha: nos que voam, no céu, nos da terra, o chão, nos das águas os rios e mares. Vamos ao churrasco habitantes de Auké!

*Os personagens vão girando em volta Rato, serpenteiam e param estáticos como estátuas no momento que o Rato fala.*

**Rato:** Não estou encontrando o que escrevi... Devo ter esquecido em casa... *O Rato está com o terno e a cartola do Sr. Homem; ele procura dentro do terno até encontrar um papel comprido onde está escrito o poema que recitará.* Achei! O título é O Vidro Inconformado.

### O Vidro Inconformado

Forma o vidro vazio um nada do vidro

Do nada nada o vidro no boiar

Sargaços formam a forma da família

Da família que nada no nada

Da molusco a ocultar

Mas da invisível transparência

Do vazio vaza o ar que sou

Oito braços me abraçam

Ó polvo de belas aparências

Sou de ti também amada molusco

Me abraça! Flechados somos...ó flechados

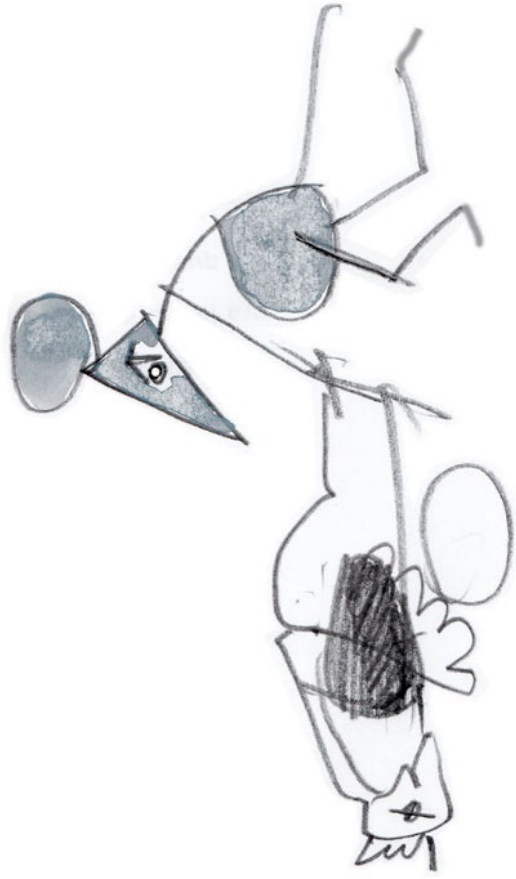
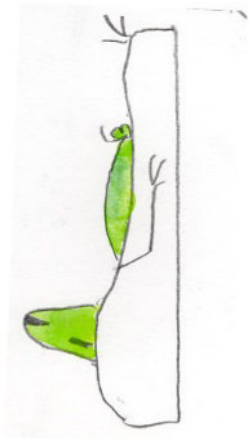
Pelo arpão de Deus figados estamos  
Na tarde do lusco fusco inflamamos  
Pra panela iremos tu que és parte de mim  
E que agora em mim estás temperada  
Numa compota com alho e alecrim.

*Silêncio geral. Gargalhada geral. Coro geral: RATO! RATO! RATO! RATO! RATO! RATO!*

*Inicia-se a música e vídeo simultaneamente: <https://youtu.be/LGeyTbqmbly> “Pegue Pra Ela” do álbum Convoque seu Buda – Criolo / Vídeos: <https://youtu.be/U7TbfpPUTtw> 35” de vídeo + [https://youtu.be/nF-ByGGw\\_oA](https://youtu.be/nF-ByGGw_oA) o vídeo todo. Todos dançam e dançando vão se retirando do palco em fila....*

FIM





Última versão finalizada em fevereiro de 2017

## Considerações finais

Existe uma grande diferença entre artes visuais e teatro. O artista visual em geral é um sujeito solitário que se enfurna no atelier com imagens e conceitos; ainda que possa fazer uma arte que dependa de terceiros, a relação com o coletivo é muito diferente. O teatro é uma concepção dependente de muito mais fatores. Essa pulsão viva do teatro (onde inclui toda a manifestação teatral e a viabilidade da produção) foi uma motivação forte para minha inclinação teatral que – na época dos cadernos de desenho 2010-2014 – frequentei mais teatro que visuais. A produção teatral estava muito próxima dessa manifestação viva da cidade que eu registrava diariamente. O teatro se mostrava como um zoológico de humanos, sensação essa que vinha não só da psicologia mas também da ideia visual dessa caixa/teatro onde todos ficamos presos durante o espetáculo.

Tem a questão da temporalidade também... Numa exposição de artes, pintura, que é minha praia, o público visita, entra e sai, caminha em todos os dias que tem disponíveis para contemplar. No teatro são dezenas de pessoas no mesmo tempo visual, físico, sonoro e olfativo olhando o mesmo objeto e se correspondendo com ele. O teatro é algo que começa e termina dissolvido no tempo, quando se sai de um espetáculo parece que saímos coletivamente impregnados e uníssonos de uma mesma experiência viva.

Entretanto, a não dependência de ninguém para realizar a obra como na pintura por exemplo tem suas vantagens também: possibilidade de realização que não depende dos custos tão elevados como no teatro, permanência da pintura no tempo como algo material, o silêncio do atelier que no fazer da pintura nos põe diante de nossos fantasmas, e isso é muito forte, e também um controle e autoria da obra que no teatro pode não existir tanto assim, pode tornar-se dissimulada.

Creio que quem escreve um texto dramático deve desapegar-se dele pois este texto será interpretado e encenado de muitas maneiras, o que pode ser gratificante ou não dependendo da encenação. Entretanto, eu acredito na força do texto dramático por si mesmo, no papel, que foi construído na poética, independentemente se um dia será encenado ou não. Esse é um caso que acho singular no texto dramático *Auké - A Ilha Invisível* ser um material mutante, que é teatral, que pode ser gráfico, que pode ser uma novela de rádio ou um vídeo, sempre sendo ele mesmo uma espécie de alma alegórica e híbrida das linguagens, pois é isso que *Auké* discute.

A imagem e as questões da pintura foram levadas para o espaço teatral esperando que ela atue como uma boa atriz, com sua força imagética duplicado-se, agigantando-se, recortada, e manipulada e no melhor do espetáculo dissolvida em personagens e solvidas em outros. Isso é minha expectativa para que a dramaturgia *Auké - A Ilha Invisível* alcance com as formas de cada linguagem expondo-se e interagindo dentro do espírito político, irreverente e *nonsense* do texto.

## Bibliografia

- ALBERTI, Leon Battista. *Da Pintura*. Trad. Antonio da Silveira Mendonça. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1999.
- BENJAMIN, Walter. "O Narrador: Observações sobre a obra de Nikolai Leskov." In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas I. A linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DAMISCH, Hubert et al. *Hubert Damisch e Stephen Bann: uma conversa*. *Ars*, São Paulo, n. 27, 2014, p. 17-52. Semestral. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/ars/v14n27/\\_\\_\\_\\_1678-5320-ars-14-27-00017.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ars/v14n27/____1678-5320-ars-14-27-00017.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- DÜCHTING, Karin Sagner-. *Claude Monet: uma festa para os olhos*. Köln: Benedikt Taschen, 1993.
- GADAMER, Hans-Georg. "A imagem emudecida." *Gávea: Revista de História da Arte e Arquitetura*, Rio de Janeiro, n. 6, dez. 1988, p. 123-133.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin*. Trad. Sônia Salzstein. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- GINZBURG, Jaime. "A interpretação do rastro em Walter Benjamin". In: SEDLMAYER, Sabrina et al (Org.). *Walter Benjamin: Rastro, aura e história*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- GOMBRICH, E. H. *Meditações sobre um cavaleiro de pau*. São Paulo: EDUSP, 1999.

GREENBERG, Clement. *Arte e Cultura*. Trad. Otacílio Nunes. São Paulo: Atica, 1996.

\_\_\_\_\_. “A pintura moderna”. In BATTCKOCK, Gregory et al (Org.). *A Nova Arte*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: Edufba, 2014.

LEBRUN, Gérard. “A mutação da obra de arte.” In LEÃO, Emanuel Carneiro. *Arte e Filosofia*. Rio de Janeiro: Funarte/Inap, 1983.

MATISSE, Henri. *Escritos e reflexões sobre arte*. Lisboa: Ulisseia, 1972.

RANCIÈRE, Jacques. “O espectador emancipado” (2008). Artigo publicado originalmente em inglês na revista *ArtForum* mar. 2007. Disponível em: <<http://www.questaodecritica.com.br/2008/05/o-espectador-emancipado/>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

SCHAPIRO, Meyer. “A natureza da arte abstrata”. In SCHAPIRO, Meyer. *A arte moderna. Séculos XIX e XX: ensaios escolhidos*. Trad. Luiz Roberto Mendes Gonçalves. São Paulo: Edusp, 1996.

SYLVESTER, David. *Entrevistas com Francis Bacon: A brutalidade dos fatos*. São Paulo: Cosac & Naify, 1995.

TUNGA, Antonio José. Entrevista a Luis Camillo Osório. In: Catálogo da exposição Assalto. Centro Cultural Banco do Brasil, Brasília, 2001.

VIEIRA, Pedrão; JUNGLE, Tadeu. *UBU, Folias Physicas, Pataphysicas e Musicaes*. Teatro do Ornitórrinco. Depoimento de Lina Bo Bardi. Disponível em: <<https://youtu.be/5adhldmo0mA>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

Bibliografia complementar.



- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BECKETT, Samuel. *Fim de partida*. Trad. Fabio de Souza Andrade. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2002 (Coleção Prosa do Mundo).
- BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento: Obras escolhidas de Walter Benjamin*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no Século XIX: O espetáculo da pobreza*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Tudo é História).
- BULGÁKOV, Mikhail. *O mestre e a margarida*. Trad. Zoia Prestes. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2009.
- CABANNE, Pierre. *Marcel Duchamp: Engenheiro do tempo perdido*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Anúbis e outros ensaios: Mitologia e folclore*. 2. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.
- CHIPP, Herschel B. *Teorias da arte moderna*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CLARK, Timotty James. *Modernismos: Ensaio sobre política, história e teoria da arte*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- DAMISCH, Hubert. "O desaparecimento da imagem." In *Arte & Ensaio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais / EBA / UFRJ*, Rio de Janeiro, n. 31, jun. 2016. p. 92-107. Disponível em: <<http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2016/12/reedi----o-hubert.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.
- \_\_\_\_\_. "Oito teses a favor (ou contra) uma semiologia da pintura." *Arte & Ensaio*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 163-173, 2012. Semestral.

- Disponível em: <<http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2014/05/reediá?o=Hubert.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2017.
- DAMISCH, Hubert; LEAL, Joana Cunha. Entrevista com Hubert Damisch. *Revista do Iha*, Lisboa, n. 3, 2007, p. 7-18. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/12466>>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- D'ANGELO, Martha. "A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin." *Estudos Avançados*, [s.l.], v. 20, n. 56, abr. 2006, p. 237-250. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142006000100016>.
- DANTO, Arthur C. *Após o fim da arte: A arte contemporânea e os limites da história*. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus, 2006.
- GALLE, Helmut. "Contemporaneidade: reflexões sobre um conceito da crítica e teoria literária". In: *SIMPÓSIO NACIONAL E INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA*, 14., 2013, Uberlândia. Anais... Uberlândia: Edufu, 2013. v. 3, p. 1-6. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- GROYS, Boris. "Camaradas do tempo". Caderno Sesc Videobrasil: Turista/Motorista, São Paulo, v. 8, 2010, p. 119-127. Anual.
- JARRY, Alfred. *Ubu Rei*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- KAFKA, Franz. *Essencial*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics / Companhia das Letras, 2011.
- MALLARMÉ, Stéphane. *Poemas*. Trad. e notas José Lino Grunewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- PAZ, Octavio. *Marcel Duchamp: Ou o Castelo da Pureza*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

POE, Edgar Allan. "O Homem da Multidão." Trad. Dorothée de Bruchard. Disponível em: <[http://www.bestiario.com.br/12\\_arquivos/O\\_Homem\\_da\\_Multidao.html](http://www.bestiario.com.br/12_arquivos/O_Homem_da_Multidao.html) 1/10>. Acesso em: 26 jul. 2016.

STRAUSS, Claude Lévi-. *Olhar Escutar Ler*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TESSARI, Roberto. "Commedia dell'arte e rituais não cristãos". In BRONDANI, Joice Aglae (Org.). *Scambio dell' arte: commedia dell'arte e cavalo marinho*. Salvador: Interculturalidades, 2013.

\_\_\_\_\_. "Teatro no Renascimento italiano". In CARVALHO, Sergio de et al (Org.). *O teatro e a cidade: Lições de história do teatro*. 21. ed. São Paulo: SMC, 2004.

TESSARI, Roberto; RABETTI, Beti. "Debate sobre o teatro no Renascimento italiano." In CARVALHO, Sergio de et al (Org.). *O teatro e a cidade: Lições de história do teatro*. 21. ed. São Paulo: SMC, 2004.

## Apêndice

### A ÚLTIMA ALMÔNDEGA

texto teatral



#### Personagens:

**Sill:** Dona da Casa

**Lordão:** Empregado de Sill

**Tiçãõ:** Pássaro Preto

**Vara:** Irmã de Sill

**Jairo:** Marchand

**Gonzales:** Falsificador

**Grega:** Estátua I

**Anão:** Estátua II

**Fifi:** Cachorra de Vara

#### INTRODUÇÃO

**FALA EM OFF DO TEXTO. DURANTE O ESPETÁCULO OS DESENHOS DA PEÇA SÃO PROJETADOS NUMA GRANDE TELA NO FUNDO DO PALCO.**

Quem não sabe que a casa é uma intuição da forma que o dono dela tem das pessoas do mundo? Um espelho do mundo. Quadro, bebida, foto, poltronas, tapete, iluminação, mesa, talher, assoalho, cheiro, tomada, telefone, livro, televisão, banheiro.

...Quanto mais morta pareça, mais vida a casa tem. A vida existe porque do morto comeu.



Nesta casa, a vida abunda a casa. Mamíferos, insetos, aves e vermes, cada um na sua vida, por dentro e por fora. Das plantas tudo: flores, frutos e folhas. As folhas?: A vassoura e o vento varrem...



Por dentro da casa e por dentro mesmo a patroa Sill e o empregado Lordão fazem o que melhor sabem fazer: devoram-se, servem-se, precisam da casa e nela vivem - de maneira pouco ortodoxa - uma relação que deveria permanecer distanciada, mas que não é assim...Não são poucos os valores disputados: distintos e distantes para cada um, iguais e próximos também....



Lordão e Sill comem-se diariamente. Sill gosta de bebida, rolo, trambique e de Lordão que tudo faz devotamente. Lordão tem um pênis enorme e se envergonha disso...o que ele gosta mesmo é do jardim da casa. Sill é possessiva e dificilmente se desfaz das coisa que gosta. Ela não sabe fazer dinheiro.... Sua adega esta repleta de bebidas. O pássaro da casa chama-se Tição e é um pássaro preto. A casa esta cercada por prédios em construção: vira e mexe barulho de marretas e poeiras caindo pelos lados. Sill não vende a casa por hipótese nenhuma.

#### **CENA 1**

***ABERTURA DE CENA COM LORDÃO E SILL TRANSANDO, FINAL DA CENA COM AFAGOS E BEIJOS E FINALMENTE O CASAL VESTIDO.***

**SILL:** É O QUE DIGO LORDÃO, EU FAÇO A MINHA PARTE E VC A SUA; QUANTAS VEZES ME PERGUNTO O QUE SERIA DE UM SEM O OUTRO...

**LORDÃO:**

SIRVO A MADAME COMO A CHUVA PARA A TERRA: SE NÃO CHOVER A TERRA MORRE. PREFERIRIA QUE NÃO FOSSE ASSIM.....

**SILL:**

MENTIROSO....

**SILL DIRIGE O OLHAR PARA UM QUADRO NA PAREDE ONDE ESTÃO PINTADOS ANTÚRIOS.**



**SILL:**

ESSES ANTÚRIOS SÃO PORNOGRÁFICOS, NÃO SÃO LORDÃO?



**LORDÃO:**

NÃO SÃO ANTÚRIOS MADAME. ANTÚRIOS CRESCEM, CHEIRAM E MORREM, PERMITA-ME CITAR VALÉRY....NESTA HORA LORDÃO APROXIMA-SE DE SILL E RECITA OLHANDO ENTRE AS PERNAS DELA: RESPIRE-SE A VONTADE UMA FLOR AGRADÁVEL NO OLFATO; JAMAIS SE CHEGARÁ A ESGOTAR ESSE PERFUME CUJO GOZO RENOVA A NECESSIDADE...(valéry) SEUS OLHOS É QUE SÃO PORNOGRÁFICOS MADAME.

**SILL:**

É DELE TAMBÉM ESSA: AS COISA QUE VEJO ME VEEM COMO EU AS VEJO (valéry). É ISSO MESMO! MAS LORDÃO, SE NÃO SÃO ANTÚRIOS, A SUA PICA ENTÃO O QUE É? HAHHAHA

**LORDÃO ABAIXA A CABEÇA ENVERGONHADO.**





**SILL:**

DAS CABEÇAS SÓ ESSA É QUE VOCÊ ABAIXA?... HAHAHA

**LORDÃO:**

MADAME, ASSOBIE O CANTO DE UM PÁSSARO QUE LOGO OUTRO SURGIRÁ... ELE ACHARÁ QUE OUVIU SEU SEMELHANTE.... ELE SE ILUDE ASSIM COMO A MADAME.

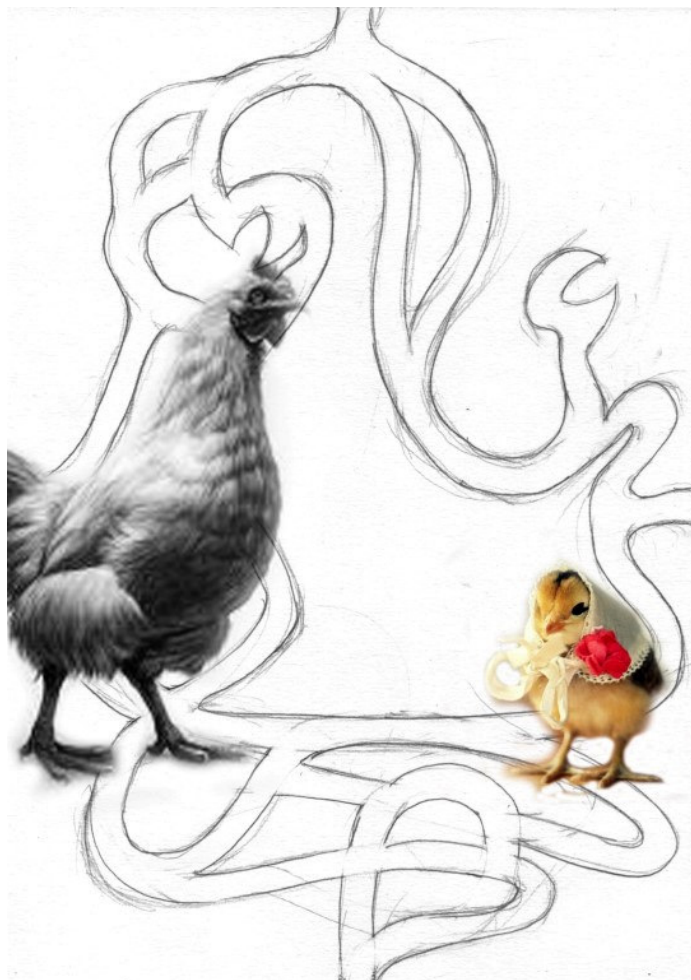
***SILL PULA NAS COSTAS DE LORDÃO.***

**SILL:**

OS PINTOS TAMBÉM SE ILUDEM?

**LORDÃO:**

OS PINTOS SEGUEM AS GALINHAS. SE ELAS SE ILUDIREM ELES TAMBÉM SE ILUDIRÃO...



***ENTRA EM CENA UM ATOR VESTIDO DE PÁSSARO PRETO ; O NOME DO PÁSSARO É TIÇÃO; ELE CONVERSA COM LORDÃO QUE TUDO ENTENDE. O PÁSSARO FALA A LÍNGUA DOS HOMENS MAS AS PESSOAS OUVEM APENAS UM CANTO.***



**SILL:**

O QUE O TIÇÃO FAZ FORA DA GAIOLA?

**LORDÃO:**

SOLTEI A AVE... ELA NÃO FOGE DA CASA... OS PÁSSAROS SÃO CONDICIONADOS E PREFEREM A VIDA QUE SEMPRE TIVERAM.

**TIÇÃO:**

NÃO, NÃO, NÃO LORDÃO, MENTIRA! POSSO PARTIR A HORA QUE QUISER... SÓ NÃO PARTO PORQUE NÃO GANHO NADA FUGINDO DAQUI; SE FUGISSE HOJE PERDERIA A VISITA DA IRMÃ QUERIDA DE SILL ...MINHA PERCEPÇÃO AVÍCOLA DIZ QUE A VARA VEM HOJE... SEMPRE QUE ELA VEM EU ME DIVIRTO MUITO... JÁ JÁ ELA LIGA! **(TIÇÃO COMEÇA A CANTAROLAR)** VARA, SOBERBA CRIATURA DA NATUREZA, SE VOASSE SERIA UMA PROEZA, POIS NO FUNDO ÉS UMA...

**LORDÃO SE DIRIGE A PLATÉIA BALANÇANDO A CABEÇA.**

**LORDÃO:**

PERCEPÇÃO AVÍCOLA?

**SILL:**

SACA O CANTO DO TIÇÃO LORDÃO! SINTA A FIRMEZA DO SOM...É QUASE UMA DANÇA RITUAL...DEVE TER ALGUM SIGNIFICADO...

**TIÇÃO:**

O SIGNIFICADO? SIGNIFICA QUE VC VAI DANÇAR SILL...SUA IRMÃ QUER A CASA E O LORDÃO. A CASA PRA VENDER E O LORDÃO PRA FUDER, OLHA! ATÉ RIMOU: **NESSA HORA SILL COMEÇA A REBOLAR NO RITMO QUE CANTA TIÇÃO:** A CASA PRA VENDER E O LORDÃO PRA FUDER, A CASA PRA VENDER E O LORDÃO PRA FUDER, A CASA PRA VENDER E O LORDÃO PRA FUDER...



**LORDÃO:**

PEÇO A GENTILEZA, PARA NÃO DIZER CALA BOCA CARALHO QUE SE NÃO MANEIRAR QUEM VAI SE FUDER...

**SILL INTERROMPE LORDÃO....**

**SILL:**

VOCE PIROU LORDÃO? QUER PERDER O EMPREGO? O CANTO ESTÁ MAIS BONITO DO QUE NUNCA....



**LORDÃO:**

DESCULPE MADAME, É QUE NÃO DORMI BEM. FUI ACORDADO ÀS 3 DA MANHÃ POR UM SABIÁ EM MINHA JANELA E NÃO DORMI MAIS... FICO IRRITADO COM SABIÁS QUE CANTAM NA JANELA MUITO CEDO... ESSA IRRITAÇÃO SE ESTENDEU HOJE A TODAS AS AVES...

**TRIMMMM O TELEFONE TOCA. LORDÃO SUPREENDIDO COM A INTUIÇÃO DE TIÇÃO DIRIGE-SE AO TELEFONE...**

**LORDÃO:**

CASA DE MADAME SILL, POIS NÃO? AH SIM COMO VAI, SIM, SIM, SIM, UM MOMENTO.

**ENQUANTO LORDÃO FALA, TIÇÃO FICA FAZENDO GESTOS CONFIRMANDO SUA HIPÓTESE DO TELEFONE E SILL TENTA ABRIR MAIS UMA GARRAFA DE VINHO...**



**LORDÃO:**

MADAME, É JAIRO VICENTE GUSMÃO BÓRRAS ,CRÍTICO E FILÓSOFO INDEPENDENTE. ELE ESTA AQUI NO BAIRRO E GOSTARIA DE VER O QUADRO DOS ANTÚRIOS. DISSE QUE PASSA EM QUINZE MINUTOS...

**SILL :**

BÓRRAS? COMO ELE SOUBE DO QUADRO? O BÓRRAS TEM BONS CONTATOS. É CERTEZA QUE ELE QUER ESSE QUADRO!... LIGA PRO GONZALES DIZ PARA ELE VIR URGENTE AQUI HOJE A TARDE... PODE DIZER AO BÓRRAS QUE ESPERO POR ELE...

**LORDÃO JUBILOSO OLHA PARA TIÇÃO QUE SAI DE CENA MEIO RESSABIADO...QUANDO A PORTA ATRÁS DE TIÇÃO ESTA SE FECHANDO O TELEFONE TOCA NOVAMENTE E DESTA VEZ É VARA A IRMÃ DE SILL. TIÇÃO ABRE NOVAMENTE A PORTA E FICA DE BOTUCA OLHANDO SILL ATENDER A LIGAÇÃO. TIÇÃO RETORNA...**

**SILL:**

POIS NÃO? AH! OI VARA! **QUANDO O NOME DE VARA É PRONUNCIADO, SONS DE MARRETAS E PÓ DAS OBRAS DOS PRÉDIOS EM VOLTA SURGEM PELAS JANELAS DA CASA ....QUE VENTOS A TRAZEM AO TELEFONE? HUM... HUM...TÁ BOM PASSA RAPIDINHO HEIN! É QUE EU ESTOU ESPERANDO UM CLIENTE PRA DAQUI A POUCO.... BJS!**

**SILL DESLIGA O TELEFONE.LORDÃO TAMBÉM PRENUNCIA UMA CATÁSTROFE**



**SILL:**

VARA ESTÁ ESTACIONANDO O CARRO... ELA DISSE QUE TRAZ UMA COISA PARA MIM, SERÁ QUE É UM PRESENTE? NINGUEM AQUI DÁ UM PRESENTE SEM PENSAR EM OUTRO NÃO É LORDÃO? HAHA...

**LORDÃO FICA ENVERGONHADO...**

**TIÇÃO:**

VARA VEM COM TUDO MESMO, HUHUI!; QUANTO SERÁ QUE VALE ESTA CASA? MINHA INTUIÇÃO DIZ QUE ESSA CASA CAI HOJE COM TUDO DENTRO, SORTE DE QUEM TEM ASAS POIS VAI PODER VOAR NO MEIO DA FUMACEIRA...VARA LEVA TUDO, TUDO LEVA VARA, VARA LEVA TUDO, TUDO LEVA VARA....

**SILL CONTINUA DANÇANDO...**

**SILL:**

OUVIR OS PÁSSAROS CANTAR, EU QUERO NASCER QUERO VIVER! (Cartola) DEIXE O TIÇÃO AQUI LORDÃO...VARA GOSTA DE ANIMAIS...



**A CAMPAINHA TOCA E ENTRA VARA COM SEU CACHORRO; ESTE CACHORRO É UM CÃO DE TAMANHO MÉDIO COM PELO BRANCO TIPO POODLE ( UM ATOR FANTASIADO).**

**VARA É IRMÃ DE SILL, É UMA WORKAHOLIC, CHEIRADORA, TEM MUITA GRANA. TOMA BOLAS PARA DORMIR; GOSTA DE LORDÃO E DESEJA VIVER COM ELE ASSIM QUE VENDER O IMÓVEL...**

**VARA:** SILL MINHA IRMÃ, COMO VAI? LORDÃO!

**2 MARRETADAS E POEIRA DO LADO ESQUERDO DO PALCO. LORDÃO PEGA UMA VASSOURA E COMEÇA A VARRER O PÓ...**

**SILL:**

VOU BEM, LEVO A VIDA...

**VARA INTERROMPE A FALA DE SILL**

**VARA:**

QUE CUSTO CHEGAR AQUI! A GENTE PAGA UM PREÇO CARO PELA MODERNIDADE. TANTOS CARROS NA RUA E A FIFI LOUCA PARA URINAR. TUDO PARADO E O PAÍS GASTANDO TEMPO E DINHEIRO COM O TRÂNSITO NA CIDADE. 20 MINUTOS DENTRO DO CARRO...





**SILL:**

PORQUE NÃO VEIO A PÉ? SÃO DUAS QUADRAS?



**VARA:**

QUERIDA, TÔ NESSA CORRERIA DE ADVOGADA, SEMPRE DURA....**ELA OLHA PARA OS LADOS E DIZ:** É FODA FICAR SEM HOMEM NÉ? AGENTE SE ESTRESSA EM BUSCA DE UM SOSSEGO E CONFORTO ....AGORA EU SEM NINGUÉM, NINGUÉM MESMO SILL...NEM HOMEM, NEM PAPAI, NEM MAMÃE, NEM VOVÓ, NEM EMPREGADA, NEM UM JOALHEIRO, COMO EM LÍSISTRATA, PARA PÔR UMA CABECINHA MAIOR NO MEU FECHO QUE ALARGOU COM O TEMPO, ENTENDE? QUERIDA,.DEVO FAZER UM BATE E VOLTA PRO RIO AMANHÃ CEDO E NÃO TENHO COM QUEM DEIXAR A FIFI, ELA SE DÁ TÃO BEM COM SEU PÁSSARO PRETO....



**TIÇÃO:**

FALA LOGO VARA! SOLTA A BAGAÇA! DIZ PRA SILL A FRUTA QUE VOCE GOSTA, COSPE A BOLA DE PELO!



**VARA:**

OUVE SILL! PARECE QUE ELE ENTENDE A GENTE....É UM PÁSSARO QUE VALE OURO!

**BARULHOS DE MARRETAS E POEIRA DO LADO DIREITO DO PALCO. LORDÃO VARRE O PÓ**

**SILL:**

VARA, NÃO TEM PROBLEMA NENHUM A FIFI FICAR AQUI...EU QUERIA TE MOSTRAR...

**VARA INTERROMPE NOVAMENTE**



**VARA:**

OBRIGADA IRMÃ, ISSO NÃO TEM PREÇO... PAPAI SEMPRE NOS DISSE QUE O SEU CORAÇÃO ERA O MAIOR DA FAMÍLIA E QUE A MIM RESTAVA APENAS O CÉREBRO...CADA UMA NÉ? HAHAHA... E VOCÊ LORDÃO, QUANDO VAI REGAR AS PLANTINHAS LÁ EM CASA?



***O PENIS DE LORDÃO SE LEVANTA UM POUCO E VARA PERCEBE...***

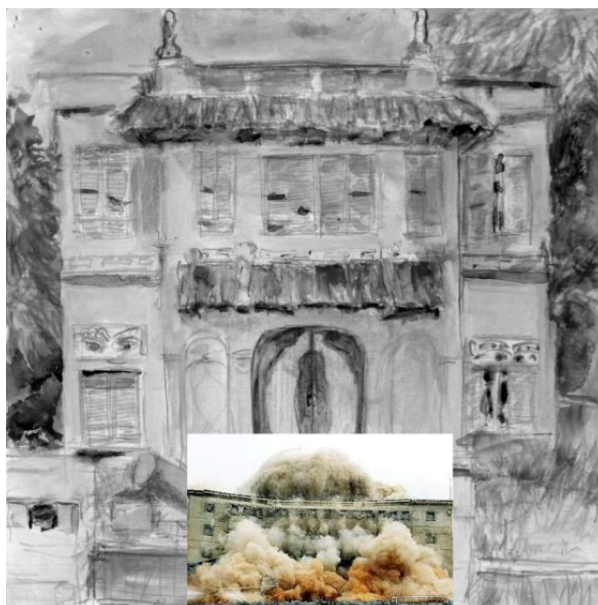
**LORDÃO:**

MUITO TRABALHO AQUI DONA VARA...A CASA É MUITO GRANDE...NÃO ME AGRADA TAMBÉM AFASTAR-ME DO JARDIM QUE PROPORCIONA ESSE FRESCOR CONSTANTE A CASA...

**BARULHOS DE MARRETAS E POEIRA NOS DOIS LADOS DO PALCO.  
VARA RESPONDE COLÉRICA**

**VARA:**

CASA, CASA, CASA...OLHA A TRABALHEIRA...GRANA! OLHE A GOTEIRAS? AS MADEIRAS DESSA CASA VIVEM ESTALANDO, PARECE ATÉ QUE É PARA LEMBRAR QUE TEMOS OSSOS TAMBÉM... RATOS, MARIPOSAS, ARANHAS...ISSO AQUI É ATRASO!...A CIDADE



PRECISANDO CRESCER E ESSE ELEFANTE BRANCO PODRE NO BAIRRO, FOI ISSO QUE PAPAI NOS DEIXOU SILL: UM ELEFANTE BRANCO PODRE... **VARA SE ACALMA:** SILL QUERIDA PRECISO IR, BUSINESS, BUSINESS... SILL QUANDO VOCÊ TIVER UM TEMPINHO PRECISAMOS CONVERSAR PAPO SÉRIO....

**A CAMPAINHA TOCA, LORDÃO ABRE A PORTA E ENTRA JAIRO VICENTE...**

**JAIRO:**

BOM DIA... *ELE OLHA PARA VARA E DIZ:* VARA!

**VARA:**

BÓRRAS!

**JAIRO:**

VARA!

**VARA:**

BÓRRAS!

**JAIRO:**

VARA!

**VARA:**

BÓRRAS!

**SILL:**

VOCES SE CONHECEM DA..?

**VARA:**

ESTUDAMOS JUNTOS NA FACULDADE DE FILOSOFIA...SÓ VEJO VOCÊ NAS CAPAS DE REVISTAS CARAS DO ESCRITÓRIO...BÓRRAS, BÓRRAS ESSE ERA MESMO NOSSO DESTINO...

**SILL:**

BRINDEMOS AO REENCONTRO!

**VARA:**

11 DA MANHÃ É UM POUCO CEDO, MARQUEMOS UM OUTRO DIA. PROVIDENCIE ISSO SILL... BÓRRAS, VOCÊ ESTA ÓTIMO!

**JAIRO:**

ENCANTADO VARA! VOCE SEMPRE ELGANTE! VAMOS POR A CONVERSA EM DIA...VIVEMOS EMBATES INTENSOS NA FACULDADE, LEMBRAS?

***VARA SORRI E SE DESPEDE DE TODOS...LORDÃO ACOMPANHA VARA COM O TIÇÃO E A FIFI...***



***JAIRO É UM FALSO HOMOSSEXUAL, ELE FINGE SER POIS SEGUNDO A TEORIA DELE, AS POSSIBILIDADES PROFISSIONAIS SÃO MAIORES PORQUE ELE ACHA QUE AS ARTES PLÁSTICAS SÃO MOVIDAS POR UM CORPORATIVISMO GAY. JAIRO SE CONCENTRA DIANTE DA OBRA E DIZ:***



**JAIRO:**

NÃO POSSO DEIXAR DE CITAR WALTER BENJAMIN: CERTOS AMANTES DO MISTÉRIO QUEREM CRER QUE NOS OBJETOS PERMANECE ALGO DOS OLHARES QUE O TOCARAM. CREEM ELES QUE OS MOMENTOS E OS QUADROS SOMENTE SE APRESENTAM SOB O DELICADO VÉU QUE AO SEU REDOR TECERAM O AMOR E A VENERAÇÃO DE TANTOS ADMIRADORES NO DECURSO DOS SÉCULOS....(W.B.)



SILL QUERIDA, COMO FOI QUE ACHOU ISSO? ESSES ANTÚRIOS PARECEM VIVOS! PARECE QUE VEJO FERRAGUTTI PINTANDO... SABER QUE FERRAGUTTI ESTA PRESENTE EM CADA PINCELADA É EXCITANTE. OLHE AS MATIZES DE AZUL CELESTE INTERCALADOS COM ULTRAMAR E PRÚSSIA...OS VERMELHOS...DO CÁDMIO AO, AO...

**SILL:**

QUAL? ESSE MAIS SANGUE?

**JAIRO:**

ISSO! VERMELHO DA CHINA... ELE ERA UM VERDADEIRO MESTRE! O MELHOR PERITO DE SÃO PAULO, SISALPINO PIMENTA ATESTOU A ASSINATURA COMO VERDADEIRA... É REALMENTE UM FERRAGUTTI....

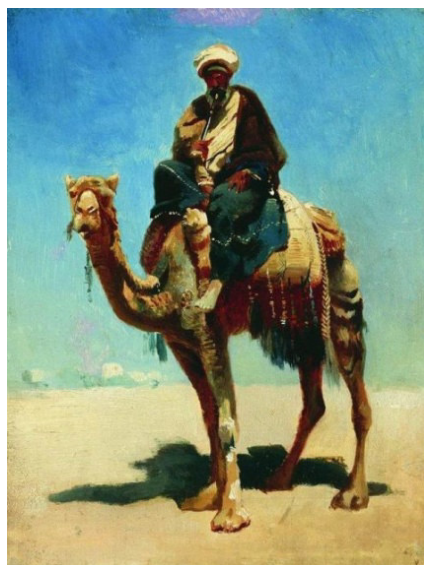
**SILL:**



BÔRRAS, ISSO ESTA COM A NOSSA FAMÍLA HÁ ANOS...É ORIGINAL...O PREÇO EU NEM SEI CALCULAR...O MERCADO DE ARTE É MUITO IRRACIONAL! TEM A BOLA DA VEZ, O OPORTUNISTA E TODO AQUELE JOGO DE CENA QUE AGENTE CONHECE TÃO BEM NÃO É?

**JAIRO:**

SILL , É ASSIM NO MUNDO TODO: NO INTERNO E NO EXTERNO, SÃO OS SERES HUMANOS COM OS OPORTUNISTAS E AS OPORTUNIDADES. VOCÊ ESTA CERTÍSSIMA: ARTISTA MORTO PREÇO VIVO! VEJA BEM, O CLIENTE É DE DUBAI, ELE VIU UMA FOTO DO QUADRO NA ITÁLIA, A VENDA PODE SER EFETIVADA EM BREVE...SE PARA NÓS 500 MIL NÃO SÃO NADA IMAGINE 500 MIL PARA UM SHEIK ÁRABE?



**SILL QUASE CAI PRA TRÁS COM O VALOR....SILL DIZ PARA PLATÉIA:**

**SILL:**

ACHEI QUE UNS 30 MIL JÁ ERA UMA LOUCURA!

**SILL: (para Bórras)**

AHAHAHA, PRA MIM É UMA FEIRA..POIS É BÔRRAS, QUANTO MAIS SE TEM MAIS SE GASTA.....NÃO É?

**JAIRO:**

NÃO POSSO ME DEMORAR MAIS FOFA... ME AVISE QUANDO PODEREMOS NOS REUNIR NÓS 3 NUM JANTAR: EU – VARA - VOCÊ....

**SILL:**

NÃO ADIEMOS ISSO, OLHA QUE COINCIDÊNCIA BÔRRAS! : AMANHÃ A VARA RETORNARÁ DO RIO PARA BUSCAR SEU CACHORRINHO AQUI EM CASA E JANTARÁ CONOSCO, É DIFÍCIL ENCONTRÁ-LA....QUE TAL? SERÁ UM REENCONTRO ANIMADÍSSIMO! TOPAS?

**JAIRO:**

DEIXE ME VER.... **(JAIRO OLHA UMA AGENDA ELETRÔNICA MEIO DISFARÇANDO QUE TEM MUITA COISA PARA FAZER) ...**



ÓTIMO! DESMARQUEI UNS ENCONTROS... ESTOU CANSADO DESSA GLAMURAMA SOCIAL. PRECISO ME ISOLAR DA MÍDIA UM POUCO...

**SILL:**

QUE BOM! AVISAREI VARA....

**JAIRO:**

**JAIRO SAINDO OLHA NOVAMENTE PARA O QUADRO DIZ:** MINHA TIA GURMÊ, DETESTAVA ANTÚRIOS... EU CHORAVA ESCONDIDO QUANDO ELA QUEBRAVA AS ESPIGAS.... VOCÊ ACHA OS ANTÚRIOS PORNOGRÁFICOS?

**SILL:**

PORNOGRÁFICOS? HAHHAHA QUE BESTEIRA BÔRRAS...NEM ANTÚRIOS SÃO...

**JAIRO ANTES DE SAIR DIRIGE-SE A LORDÃO**

**JAIRO:**

SILL, PODERIA ME EMPRESTAR O SEU MORDOMO PARA ME AJUDAR COM AS PLANTINHAS DE CASA?

**O PÊNIS DE LORDÃO DECLINA....**

**SILL:**

CERTAMENTE QUE SIM BÔRRAS...

**JAIRO:**

OBRIGADO QUERIDA E, ANTES DE ME DESPEDIR É BÓRRAS E NÃO BÔRRAS, DISTRAIDINHA....

**SILL:**

EU TE ACOMPANHO ATÉ O PORTÃO QUERIDO....

**SILL FECHA A PORTA E FICA EM CENA LORDÃO RECOLHENDO GARRAFAS E RETIRANDO O QUADRO ANTÚRIOS E O COLOCANDO NO CHÃO.... TIÇÃO ENTRA DE NOVO E FALA PARA A PLATÉIA....**



**TIÇÃO:**

ESSA CASA TÁ ANIMADA! EU GOSTO DISSO: ASA BATENDO, REENCONTROS, JANTARES, DESEJOS E DESEJOSOS...SABE, OS HUMANÍDEOS VIVEM ABOCANHANDO O DESEJO DOS OUTROS...

**LORDÃO:**

NEM TODOS DESEJAM O DESEJO DOS OUTROS...

**TIÇÃO:**

TUDO MUNDO QUER MUVUCA LORDÃO! SÓ VOCE QUE É UM PICA GROSSA QUE GOSTA DE CAPIM, PLANTINHA, HORTA... EU QUERO CELEBRAR ESTE GRANDE MOMENTO DA CASA! A TRANSIÇÃO PARA UMA NOVA FASE NAS RELAÇÕES HUMANAS COM AS NOVAS MÍDIAS, OS SOFTWARES, AS REDES SOCIAIS, OS HARDWARES, A EXPANSÃO DA MENTE EM CONEXÕES SEM FIO...QUE O ESPÍRITO DOS DEUSES DAS GALÁXIAS....

**LORDÃO:**

CALA O BICO TIÇÃO! SAIA JÁ DAQUI, VOCÊ É INSUPORTÁVEL!

**TIÇÃO:**

VAI TOMAR NO CÚ LORDÃO!

*LORDÃO AMEAÇA ARREMESSAR ALGO EM TIÇÃO QUE DESVIA E SAI DE FININHO...*

**CENA 2**

***FIM DE TARDE, CAMPAINHA TOCA, LORDÃO ATENDE E É GONZALES, FALSIFICADOR PROFISSIONAL E RESTAURADOR NAS HORAS VAGAS. ARGENTINO DE NASCIMENTO, MUDOU-SE PARA O BRASIL NA DEC. DE 70 NÃO POR PRESEGUIÇÃO POLÍTICA MAS POR PROCESSOS DE FALSOS TESTEMUNHOS, ROUBO DE OBRAS DE ARTE ETC ETC...SEU NOME VERDADEIRO É VILLAREGGIO.***

***DE FAMÍLIA ITALIANA - CONSIDERADOS NO MUNDO COMO A NAÇÃO DOS MELHORES FALSIFICADORES - ELE TEM UMA FRUSTRAÇÃO POR NUNCA TER SIDO RECONHECIDO COMO UM BOM ARTISTA... VILLAREGGIO É APAIXONADO POR SILL QUE LEVA ELE NA LÁBIA ...ELA DEVE A ELE UNS R\$ 30 MIL....ELE FOI AUTOR DE MUITOS QUADROS QUE FERRAGUTTI AUTENTICOU COMO DELE (DE FERRAGUTTI).***



**SILL:**

VILLAREGGIO QUERIDO! VOCE ESTA JUDIANDO DE MIM....QUANDO FOI QUE PEDI PARA FAZER ISSO COMIGO HEIN SAFADÃO?

**GONZALES:**

MADAME SILL, GONZALES POR FAVOR...VILLAREGGIO ME COMPROMETE...

**SILL:**

UM CRÍTICO DE ARTE ESTEVE AQUI HOJE E CONFIRMOU A AUTENTICIDADE DOS ANTÚRIOS....FOI MESMO FERRAGUTTI QUEM PINTOU..... OUVIR A CONFIRMAÇÃO DE UM EXPERT É EXCITANTE....ENTÃO CADÊ A CÓPIA DO QUADRO? CADÊ OS ANTÚRIOS FALSIFICADOS?

***FOI GONZALES QUEM PINTOU O QUADRO ORIGINAL. ELE FICA MEIO CONTRARIADO E COMEÇA UMA EXPLANAÇÃO...***

**GONZALES:**

LA DISTINCIÓN QUE EL HISTORIADOR DEL ARTE REALIZA ENTRE LA OBRA ARTÍSTICA ORIGINAL Y LA IMITACIÓN SE EFECTÚA EM EL CAMPO DE LO OPINABLE, DE LO SUBJETIVO, POR LO CUAL TIENE EL CARÁCTER DE INTERPRETACIÓN.

EN EL CAMPO DEL ARTE ES SUMAMENTE DIFÍCIL EMPLEAR CRITERIOS OBJECTIVOS CUANTO SE TRATA DE MANIFESTACIONES DE INDOLE SUBJETIVA. LA OBRA CREADORA ES INDIVIDUAL. LA CRÍTICA TAMBIÉN LO ES.(FRANK ARNAU).

LOS ANTÚRIOS SON FALSOS....



**SILL:**

O QUE VOCE ESTA FALSIFICANDO É QUE É O FALSO, VILLAREGGIO!

**GONZALES CAI NO CHÃO CONVULSIONANDO NERVOSO E DIZENDO....**



**GONZALES:**

FALSIFICANDO!!! FALSIFICANDO!! YO NO FALSIFICO...SOY UN ARTISTA YO NO FALSIFICO YOOOO SOY UN ARTISTA...NO FALSIFICO ÉÉ''EÉÉÉ'

**SILL:**

VILLA PELO AMOR DE DEUS....QUE QUE É ISSO? VOCE TRABALHA PARA MIM HÁ ANOS!

**SILL ACARICIA GONZALES QUE DE UM ÉÉ''EÉÉÉÉ PASSA CALMANENTE PARA UM AH! AH! AH! RECONFORTANTE. GONZALES TENTA ABRAÇAR SILL QUE DIZ, AFASTANDO GONZALES:**

**SILL:**

GONZALES AGORA NÃO PUR DEUS! ME ESCLARECE TUA FALA...

**GONZALES SE RECOMPÕE.**



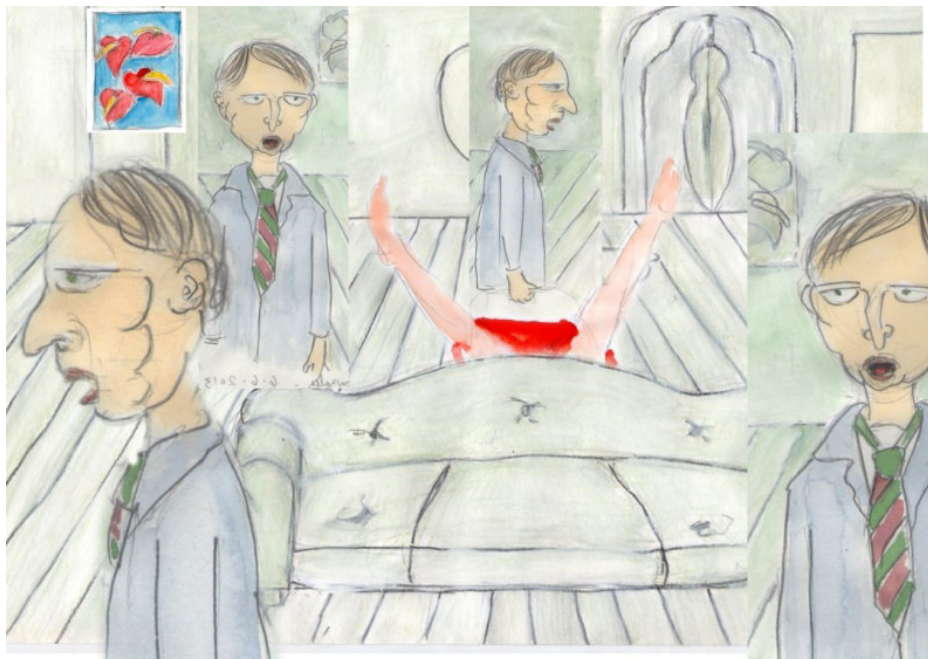
**GONZALES:**

PERDÓN MADAM, NO SE TRATA SOLAMENTE DE SEPARAR LO "AUTÉNTICO" DE LO "FALSO", SINO TAMBIÉN DE DETERMINAR LAS NUMEROSAS "FORMAS MIXTAS"... LAS GRADACIONES ENTRE EL ORIGINAL Y LA FALSIFICACIÓN SON DE DIVERSA ÍNDOLE. SE FALSEA AUN SIN NECESIDAD DE LLEGAR A LA COMPLETA FALSIFICACIÓN. LAS FRONTERAS SE HACEN INSEGURAS.



LA OBRA CREADORA EXPERIMENTÓ A MENUDO LA COOPERACIÓN DE AYUDANTES O DISCIPULOS. A VECES, LAS OBRAS REALIZADAS EN LOS ESTUDIOS POR LOS DISCIPULOS REVELAN LA INTERVENCIÓN DE LA MANO DEL MAESTRO.

**NESE MOMENTO SILL SENTA NO ENCOSTO DO SOFÁ E CAI DE COSTAS....GONZALES CONTINUA SUA DIVAGAÇÃO...**



**GONZALES:**

LOS ARTISTAS REPRODUCEN MÁS DE UNA VEZ SUS PROPIAS OBRAS A MODO DE COPIAS. SE ORIGINAN ASÍ IMITACIONES, ORIGINALES PARCIALES, ORIGINALES SOBRE OTROS ORIGINALES.

**SILL SURGE MEIO ESTRAMBELHADA ATRAS DO SOFA E PERGUNTA A GONZALES**

**SILL:**

VILLA, SE NÃO É UM FERRAGUTTI O QUE É?

**GONZALES:**

EL ORIGINAL Y LA COPIA SON FALSOS...

**SILL:**

MAS MEU DEUS DO CÉU, COMO UMA CÓPIA PODE SER UMA FALSIFICAÇÃO DELA MESMA?

**SILL DIZ ISSO SENTADA E APÓIA OS COTOVELOS NOS JOELHOS E SEGURA A CABEÇA ABAIXADA...**



**GONZALES:**

SON 2 VILLAREGGIOS ORIGINALES: UNO ES LA COPIA DEL OTRO FALSIFICADOS POR UN FERRAGUTTI FALSO Y OTRO VERDADEIRO....FUI YO EL QUE PINTÓ LOS ANTURIOS CUANDO TRABAJÉ CON FERRAGUTTI EN LA DÉCADA DE 80 EN MILÁN. A ÉL LE GUSTARON TANTO QUE LOS FIRMÓ... ÉL NO PINTÓ LOS ANTURIOS, ASÍ COMO MUCHOS OTROS CUADROS SUYOS, ERA UN VERDADERO SINVERGÜENZA. LA FIRMA ES VERDADERA EN EL PRIMER QUADRO, PERO LA DEL SEGUNDO ES FALSA, YO SÉ PORQUE LO HICE YO....

**GONZALES TERMINA ORGULHOSO SEU TEXTO...ELE OLHA PARA SILL E A CHAMA...SILL ESTÁ DORMINDO...ELE A CHAMA NOVAMENTE E MEXE NELA PARA ACORDÁ-LA. SILL ACORDA E PULA EM GONZALES**

**SILL :**

VILLA, VILLA – **NESSA HORA SILL PEGA GONZALES PELO COLARINHO E O APERTA DIZENDO:** TE CHAMEI AQUI PARA QUE VOCÊ ME TRAGA AMANHÃ DE MANHÃ CEDINHO O FALS... O OUTRO ANTÚRIO PORQUE O TROUXA DO BÔRRAS VAI LEVAR PARA O GRINGO SEM SABER DE NADA. EU QUE NÃO VOU VENDER UM ORIGINAL....NUNCA FIZ ISSO... ESSE FICA COMIGO E ELE LEVA O OUTRO....FAZ 3 MESES QUE EU TE PEDI ISSO, PÔRRA!

**GONZALES:**

MADAM, LLÁMAME GONZALES POR FAVOR...ES QUE LAS COSAS NO SON ASÍ TAN SIMPLES...HAY VALORES TRANSVERSALES EN NUESTRA RELACIÓN.

**SILL :**

QUE VALORES TRANSVERSAIS? **SILL CHACOALHA GONZALES PELO COLARINHO.**

**GONZALES:**

EXISTEN VALORES ATRASADOS QUE TENEMOS QUE ARREGLAR, POR EJEMPLO LOS TREINTA MIL QUE ME DEBES....

**SILL LARGA O COLARINHO DO GONZALES E PASSA A ALISÁ-LO...ELA CAMINHA EM SILÊNCIO; OLHA O QUADRO E OLHA PARA GONZALES, FAZ ASSIM CALMAMENTE ATÉ QUE DIZ:**



**SILL:**

SABE, OLHANDO VOCÊ E O QUADRO JUNTOS VEJO COMO ESSA REPRESENTAÇÃO É TÃO VOCÊ!...COMO CADA MINUTO PINTADO DESSE QUADRO É CALMO E PRECIOSO...MAS DE DEPENTE, DE MAIS PERTO SINTO QUE ESSA CALMA VAI ASSUMINDO A PRESSA DO REGISTRO, CADA VERMELHO E CADA ESPIGA, A MEDIDA QUE ME AFUNDO NELAS SURGE DENTRO DE MIM UM DOCE E ARDOROSO AMOR, UMA ENERGIA QUE ME FAZ CORRER ATRÁS DE TUDO POR AMOR... OS ANTÚRIOS EXPRESSAM O MOMENTO DESEJADO DO ENCONTRO E DA VOLÚPIA... A IMAGEM DA FLOR , SEUS LÁBIOS E AS ESPIGAS RÍGIDAS...

**GONZALES ENFEITIÇADO CAI DE JOELHOS****GONZALES:**

PERDÓNAME POR HABER SIDO TAN VULGAR, EL PRECIO DEL GRAN ARTE ES LA ETERNIDAD. TU MAGNÍFICA INTERPRETACIÓN TRADUCE TODO EL ESFUERZO QUE TUVE PARA REPRESENTAR LA FUERZA DE UN ANTÚRIO...CAPTAR LA LUZ Y LA INTENSIDAD CROMÁTICA DE AQUEL INSTANTE FUE DIFÍCIL...VER EL RECONOCIMIENTO DE MI ESFUERZO TRADUCIDO EN EL PLACER QUE LA OBRA LE TRANSMITE A TUS OJOS Y DICHO POR TUS LÁBIOS ES PARA MÍ UN MOMENTO ARREBATADOR...HARÉ LO QUE ME PIDES...DÉJAME LLEVAR LOS ANTÚRIOS POR ÚLTIMA VEZ A CASA HOY PARA VERIFICAR LA REPRODUCCIÓN GRAFOLÓGICA DE LA FIRMA DE FERRAGUTTI QUE HICE EN EL OTRO CUADRO...MANAÑA A LAS 9 DE LA MAÑANA ESTARÁ TODO AQUI....

**SILL :**

VILLA, O SEU ESPANHOL É MUITO EXCITANTE !... VOCE É UM FÓDÓN! MIAU! TE ESPERO AMANHÃ COM UM SACO DE DINHEIRO ....

**GONZALES:**

MADAM, PUEDO SIMPLEMENTE MIRAR?



**SILL DE COSTAS PARA A PLATÉIA ABRE A BLUSA PARA GONZALES E MOSTRA OS SEIOS....GONZALES COMEÇA LEVEMENTE A CONVULSIONAR CAMBALEANTE....SILL O ACALMA E ELE SAI DE CENA LEVANDO O QUADRO....**



### **CENA 3**

**A PENUMBRA CAI SOBRE A CASA ...SILL DESMAIADA SOBRE O SOFÁ COM GARRAFAS DE VINHO AO LADO...NA PORTA DE ENTRADA SURGE VARA, E LOGO ATRÁS TIÇÃO.....VARA SENTA-SE AO LADO DE SILL...UMA MARETADA É OUVIDA...SILL DESPERTA LEVEMENTE E VÊ VARA DIANTE DELA...**

**VARA:**

SILL QUERIDA, DESCULPE ENTRAR ASSIM MAS É QUE A PORTA ESTAVA DESTRANCADA ...

**SILL:**

IRMÃ? E O RIO? A FIFI NÃO ESTÁ, LORDÃO ESTÁ PASSEANDO COM ELE FORA DE CASA....

**VARA:**

NESSA PROFISSÃO DE ADVOGADA - ÀS VEZES QUERIDA - EU TENHO QUE SER CALMA COMO AGORA ,MAS A CIDADE ME EMPURRA PARA UM REDEMOINHO....



**SILL:**

VOCE ESTA AQUI NA CONDIÇÃO DE ADVOGADA?

**VARA:**

NÃO! E SIM! É QUE SOU SUA IRMÃ E AO MESMO TEMPO ADVOGADA DA FAMÍLIA E DA CONSTRUTORA TAMBÉM ...SEM QUERER TENHO A RESPONSABILIDADE DE CUIDAR DE VOCÊ E DOS MEUS CLIENTES...RESPONSABILIDADE, RESPONSABILIDADE, PUTA PALAVRA CHATA...DESCULPE O LINGUAJAR SILL...É QUE VOCÊ JÁ TEM 30 ANOS E SEMPRE FOI ESSA COISA MALUQUINHA DA FAMÍLIA ....E O PIOR, SEMPRE FOI PÉ FRIO NOS NEGÓCIOS, VOCÊ DÁ AZAR, PODE-SE DIZER ASSIM. ..VOCÊ TEM UM PORÃO CHEIO DE CACARECOS E VIVE DEVENDO.... AS OBRAS QUE VOCÊ TEM NO PORÃO NÃO VALEM NADA..SÃO MEMÓRIAS QUE NINGUÉM DESEJA RECORDAR. VOCÊ SÓ GOSTA DE COISA VELHA... VOCÊ É UMA EMPATA-FODA PRA CIDADE!

PAPAI NOS DEIXOU ESSA CASA QUE É APENAS PASSADO TAMBÉM..... A CIDADE SÓ CRESCE; ELA NÃO PARA NO PASSADO...O DINHEIRO PRECISA VIRAR. ISSO AQUI TÁ ME DEIXANDO DOIDA PORQUE AS NOSSAS QUESTÕES PESSOAIS ESBARRAM NAS MINHAS QUESTÕES PROFISSIONAIS. NÓS TEMOS QUE VENDER ESSA PORRA DO TERRENO DA CASA....

**SILL:**

EMPATA-FODA SILL? VOCE CONTINUA CHEIRANDO? O QUE É QUE VOCÊ TEM A VER COM A MINHA VIDA?... NÃO É PORQUE TEM 3 PRÉDIOS SUBINDO EM VOLTA DA MINHA CASA QUE EU VOU VENDER

UMA CASA QUE TÁ PODRE....ADORO ARANHAS, ESCORPIÕES, OBRAS DE ARTE... A SALA ESTA VAZIA POR CAUSA DESTAS BOSTAS DE PRÉDIOS QUE ESTÃO SUBINDO EM VOLTA DO TERRENO SENÃO O MEU ANÃOZINHO DE JARDIM ESTARIA AQUI, MEU VELOTROL ALI, AQUI ESTARIA O JOTALHÃO, ALI A FOTO DE PAPAÍ, A GARÇA E O CACHORRO DE PORCELANA ALI...ESTES PRÉDIOS ESTÃO PREJUDICANDO A HARMONIA DESTA MINHA CASA PODRE...

**VARA:**

NÃO É UMA CASA QUE VOCÊ ESTA VENDENDO...NINGUÉM QUER ISSO...QUEREMOS O TERRENO SILL..., O TERRENO DA CASA, LIMPO, COM UM GRAMADO, UM CIMENTADO PARA ESPAÇO GOURMET, CHURRASQUEIRA.... UM PLAYGROUND PARA AS CRIANÇAS SILL...PENSE NAS CRIANÇAS SILL BRINCANDO, SENDO FELIZES...

**SILL:**

QUE SE FODA AS CRIANÇAS...ELAS QUE MIJEM E CAGUEM NO CIMENTO...CRIANÇA EM PRÉDIO É SÓ TRAUMA, AR FRIO, PORCELANATO...VOCÊ ESTA AQUI COMO ADVOGADA DA CORRETORA ME INTIMANDO A ASSINAR UMA VENDA QUE EU NÃO FAREI....



**VARA RESPIRA FUNDO COMO SE CHEIRASSE E DIZ:**

**VARA:**

SILL DEIXE-ME TE POR A PAR DO QUE VAI SE PASSAR COM VOCÊ DAQUI PARA FRENTE... SOU ADVOGADA DA CONSTRUTORA QUE DESEJA O TERRENO AONDE ESTA ESSA CASA E QUE ME PERTENCE TAMBÉM.... NA SEMANA QUE VEM ASSINAMOS OS DOCUMENTOS E DERRUBAMOS TUDO, NÃO SOBRARÁ NEM UMA MINHOCA NESSE TERRENO... PAPAI DEIXOU UMA PROCURAÇÃO PARA QUE EU CUIDASSE DOS BENS E NEGÓCIOS DA FAMÍLIA.... PLENOS PODERES...



**SILL TUBEIA, QUASE CAI, DISFARÇA, PENSA CAMINHANDO EM SILÊNCIO E RESPONDE**

**SILL:**

SEMANA QUE VEM? AH BOM SEMANA QUE VEM....! ENTÃO TENHO UMA SEMANA AINDA....MUITA COISA PODE ACONTECER EM 1 SEMANA, O MUNDO ACONTECEU EM UMA SEMANA NÃO É? HAHA POSSO GANHAR NA LOTERIA! É ISSO!! AH! ANTES QUE EU ME ESQUEÇA, A PROPÓSITO, BÔRRAS VIRA JANTAR AMANHÃ ....

**VARA, SURPRESA COM A ABSURDA REAÇÃO DE SILL, DIZ:**



**VARA:**

ÓTIMO! GOSTAVA DE BÓRRAS. QUERIDA, O QUANTO ANTES VOCÊ ENTENDER SUA REALIDADE SERÁ MELHOR...PAPAI FICARIA FELIZ COM A FORÇA E UNIÃO COM QUE RESOLVEMOS NOSSAS DIFICULDADES.... NÃO SE PREOCUPE COM NADA NESTA PÓS - FASE... DESPESAS, MUDANÇAS, EU CUIDO DISSO TUDO...COM RELAÇÃO AO LORDÃO E O PASSARINHO, SE VOCÊ DEIXAR, EU POSSO FICAR COM ELAS DEPOIS DA VENDA DA CASA...

**TIÇÃO:**

POR MIM TUDO BEM! ADORO A VARA...

**SILL:**

TÁ VENDENDO? - **SILL SE REFERE AO CANTO DE TIÇÃO** - PARECE ATÉ QUE ELE JÁ QUER IR.... ELES SÃO SEUS...EU SOU MUITO FLEXIVA! O QUE TEM QUE SER SERÁ.... VENHA BEM BONITA E PERFUMADA...FAMÍLIA É FAMÍLIA..OS NEGÓCIOS SÃO À PARTE... ADEUS QUERIDA... A PROPÓSITO, QUANTO VALERIA O TERRENO CASO DESEJASSE COMPRÁ-LO?...

**VARA:**

VOCÊ TERIA QUE TER 1 MILHÃO DE REAIS BABY, SÓ DA MINHA PARTE.....

**VARA SE DESPEDE E SAI. SILL FICA SOZINHA... ANDA PARA LÁ E PARA CÁ SEM SABER O QUE FAZER... TIÇÃO VOLTA E COMEÇA A FALAR PARA A PLATÉIA...**



**TIÇÃO:**

TÔ DE VOLTA! HEHE NUM LARGO O OSSO. MATEMÁTICA É UMA SÓ: LÍNGUA NUM TEM OSSO.VAMOS AO CERNE DA BAGAÇA...SILL É UMA PUTA LOCA E AGORA TÁ SURPRESA COM A PRESSÃO DA VARA. O QUE É QUE ELA PENSA QUE O MUNDO É? BICICLETA ANTIGA? COLEÇÃO DE CAIXINHA DE FÓSFORO? DESENHO DE OBSERVAÇÃO? VINHO TODO DIA? O MUNDO É MOVIMENTO SILL!...É O PEIXINHO PEQUENO FUGINDO DO MAIOR QUE FOGE DO GRANDÃO QUE MORDE O ANZOL DO MAIOR AINDA...O COELHINHO TA LÁ ROENDO A CENOURA E DE REPENTE PÁ! TA NA BOCA DO GAVIÃO... AGORA QUERO VER VOCÊ SAIR DESSA!...A CIDADE QUER O TERRENO. QUER CRESCER...E NA CIDADE, QUEM PODE VENDE O QUE TEM...É A BUFUNFA NA BUZANFA! SÓ ESSA LOCA DA SILL QUE NÃO VÊ... ENCHE A MÃO COM O DINHEIRO DA CONSTRUÇÃO CIVIL FIA...SENTE O CHEIRO DELE...

**SILL:**

CALA O BICO TIÇÃO! PÁRA DE CANTAR...LORDÃO TÁ CERTO, TEM CERTAS HORAS QUE ESSE PÁSSARO PRETO PARECE UMA GRALHA LÔCA. A VARA ESTA SOB UMA PRESSÃO TERRÍVEL! ELA SEMPRE ME DEIXOU EM PAZ...A CIDADE ESTA APERTANDO ELA...EU NÃO PERTURBO NINGUÉM! EU GOSTO DE FICAR NA MINHA...PORQUE QUE EU TENHO QUE ME DESFAZER DE ALGO QUE EU GOSTO? DEMÔNIOS PASSEIAM PELO BAIRRO...ELES ESTÃO ME TESTANDO PARA VER SE EU VACILO, TESTANDO SE MINHA GANÂNCIA E SOBERBA É MAIOR QUE O MEU AMOR PELAS COISAS BANAIS, PELO TRAMBIQUE, PELA GAMBIARRA...NÃO DESEJO A GANÂNCIA E A SOBERBA, DESEJO LUCRAR E RIR DA SOBERBA E DA GANÂNCIA DOS OUTROS, MEU MELHOR PARCEIRO É O DIABO...ESPERO QUE ELE OS LEVE PRA PANELA...PEGA ELES PÔ! ME AJUDA TAMBÉM.....



**COMEÇA A MUSICA DO CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI Cidade/Boa Noite Do Velho Faceta (Amor de Criança). AO SOM DA MÚSICA, ENTRAM EM CENA RATOS E MARIPOSAS DANÇANDO E AO MESMO TEMPO REORGANIZAM O CENÁRIO PARA O PORÃO DE SILL COM TODOS OS SEUS CACARECOS: CARRINHOS, ANÕES DE JARDIM, ESTATUAS GREGAS, PINTURAS ABSTRATAS, PAISAGENS, BIBELÔS ORIENTAIS ETC. APAGA A LUZ E REACENDE COM SILL TREPANDO COM LORDÃO NO PORÃO E O CACHORRINHO DE VARA ATRAPALHANDO A RELAÇÃO DOS DOIS....**

#### **CENA 4**

**A CENA ABRE NO PORÃO DA CASA COM A TRANSA ENTRE LORDÃO E SILL TERMINANDO COM CARICIAS E BEIJOS.**

**LORDÃO:**

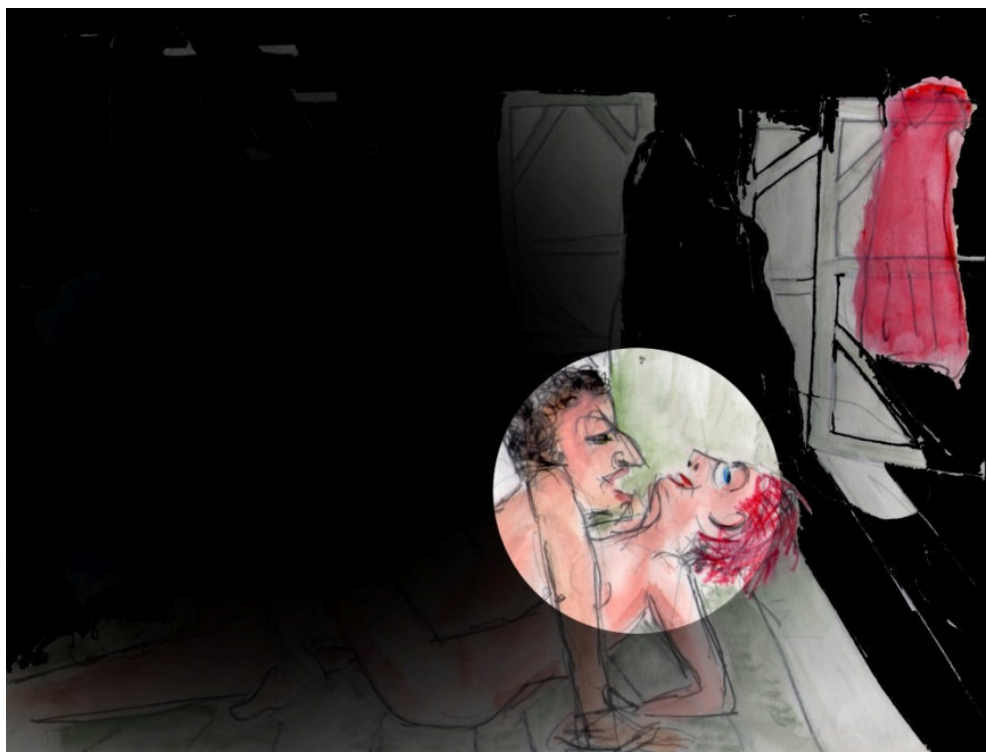
MADAME, QUE FAZES NO PORÃO? HÁ TEMPOS NÃO VINHA AQUI...

**SILL:**

O QUE VOCE ACHA QUE EU ESTOU FAZENDO AQUI LORDÃO?

**LORDÃO:**

VIROU POR ACASO UMA BATATA PARA SE ENTERRAR NO CHÃO?

**SILL:**

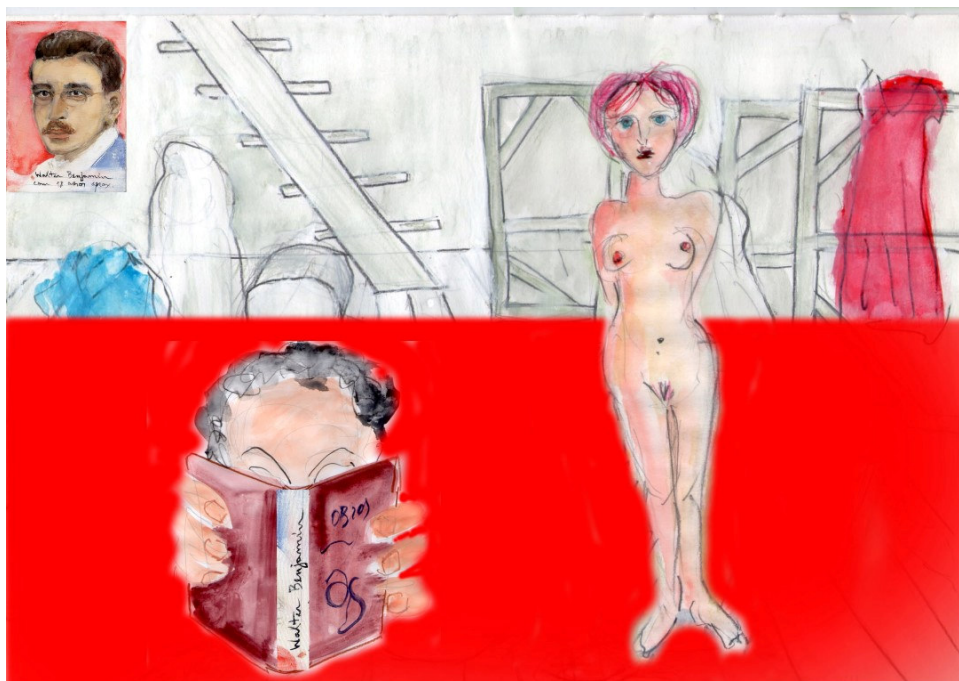
NEM UMA MINHOC A DIANTARIA ME VIRAR POIS TUDO VAI VIRAR CIMENTO....NÃO SEI O QUE ACONTECE COMIGO...ONTEM ESTAVA TUDO LEGAL...HOJE TÁ TUDO HORRÍVEL...NÃO SOU MAIS BONITA... AS RUGAS HOJE AUMENTARAM MUITO...NÃO HÁ O QUE FAZER...NÃO TENHO OS CREMES DE VARA...QUANDO VC FOR PARA CASA DELA VC VAI COMER UMA BUCETA COM ÓLEO FRANCÊS...TIÇÃO COMERÁ ALPISTE IMPORTADO... PODEM FAZER AS MALAS QUE EU ME VIRO... NEM ACHO MAIS GRAÇA NESSA CASA... UMA PUTA ZONA... VOCÊ NUM TÁ METENDO COMO ANTIGAMENTE... O JARDIM DA CASA QUE VOCÊ TANTO AMA PARECE UMA FLORESTA CHEIA DE DENGUE... COM VARA VOCE NÃO TERÁ JARDIM... MAS AÍ VOCÊ ABRAÇA QUALQUER ÁRVORE POR AÍ E PRONTO...

**LORDÃO:**

O QUE SE PASSA MADAME?

**SILL:**

VARA VENDERÁ A CASA EM UMA SEMANA... SEI RECONHECER UM VITORIOSO. VOCE VAI VIVER COMO MORDOMO NO APARTAMENTO DELA REGANDO PLANTA DE PLÁSTICO, OUVINDO O TIÇÃO GRITAR NA TUA ORELHA TODO SEGUNDO E O CACHORRINHO DELA PULANDO EM VC O DIA TODO... LORDÃO, VOCE NÃO GOSTA MAIS DO MEU BURACO... EU SOU UMA MULHER QUE NÃO TE PERTENCE MAIS... SÓ A VARA PODE TE CONTRATAR, ELA É A ÚNICA PATROA QUE PODE TOLERAR UM MORDOMO COM UMA PICA DESSE TAMANHO DENTRO DA CASA DELA... OLHE PARA MIM... OLHE PARA AS MINHAS RUGAS... VAI ME DIZER QUE GOSTA DE RUGAS? TALVEZ VOCÊ JÁ AS TENHA VISTO HÁ ALGUM TEMPO...

**LORDÃO:**

BELEZA É UM CONCEITO SUBJETIVO MADAME, QUEM AMA, SENTE-SE ATRAÍDO, NÃO APENAS PELOS “DEFEITOS” DA AMADA, NÃO SÓ PELOS TIQUES E PELAS FRAQUEZAS DE UMA MULHER; AS RUGAS NO ROSTO, AS MANCHAS HEPÁTICAS, OS VESTIDOS USADOS E UM ANDAR TORTO PRENDEM-NOS DE FORMA MUITO MAIS DURADOURA E INEXORÁVEL DO QUE TODA A BELEZA. HÁ MUITO TEMPO QUE SE SABE ISTO. ...SE É VERDADEIRA A TEORIA QUE DIZ QUE A SENSACÃO NÃO SE ALOJA NA CABEÇA, QUE SENTIMOS UMA JANELA, UMA NUVEM, UMA ÁRVORE NÃO NO CÉREBRO, MAS ANTES NO LUGAR ONDE AS VEMOS, ENTÃO TAMBÉM AO OLHAR PARA A AMANDA ESTAMOS FORA DE NÓS. COM A DIFERENÇA DE QUE, NESTE CASO, ESTAMOS DOLOROSAMENTE TENSOS E ARREBATADOS. A SENSACÃO ESVOAÇA COMO UM BANDO DE PÁSSAROS, OFUSCADA PELO ESPLENDOR DA MULHER. E, DO MESMO MODO QUE OS PÁSSAROS PROCURAM ABRIGO NOS ESCONDERIJOS DA FOLHAGEM DA ÁRVORE, ASSIM TAMBÉM AS SENSACÕES SE REFUGIAM NA SOMBRA DAS RUGAS, NOS GESTOS SEM GRAÇA EM INSIGNIFICANTES MACULAS DO CORPO AMADO, A CUJOS ESCONDERIJOS SE ACOLHEM EM SEGURANÇA. E NINGUÉM QUE PASSE SE APERCEBE DE QUE É AQUI, NOS DEFEITOS E NAS FALHAS, QUE SE ANINHA A EMOÇÃO AMOROSA FULMINANTE DO ADORADOR. (WB. IP. PG16) NÓS NOS ESCOLHEMOS ... AMO-TE MAIS QUE AO PRÓPRIO JARDIM DO QUAL NASCI E FUI CRIADO PARA ZELAR... QUE ESSA CASA DESAPAREÇA , MAS NÃO DESPAREÇAS DE MIM...

**SILL:**



LORDÃO, VOCÊ VAI MORRER COM O JARDIM... TAMBÉM NÃO SEJAMOS DRAMÁTICOS!..., GOSTO DE VOCÊ, MAS ANTES DE TUDO EU SOU SUA PATROA E VOCÊ MEU EMPREGADO... VOCÊ ESTA DESPEDIDO... SE NÃO QUER A VARA, VA TRABALHAR NO MANEQUINHO LOPES, É BOM MUDAR DE VIDA... TÔ DE SACO CHEIO DE MORDOMO JARDINEIRO, VOU INVESTIR NO BÔRRAS... ELE DEU UMAS OLHADINHAS EM MIM... ELE CONHECE ARTES PLÁSTICAS E TEM BONS CLIENTES... A VIDA VALE A PENA, MESMO SE A PICA FOR PEQUENA... AMANHÃ VOCÊ PREPARARÁ O ÚLTIMO JANTAR DESTA CASA... PRESTE ATENÇÃO NOS DETALHES E PENSE NUM CARDÁPIO TRANSADO...

***SILL SE LEVANTA E SAI....LORDÃO FICA ATÔNITO E SOZINHO COM A CACHORRA FIFI SALTITANDO PRA LÁ E PRA CÁ. LORDÃO ESTÁ SOZINHO E PERDIDO EM PENSAMENTOS....ENQUANTO LORDÃO MEDITA, AS ESTÁTUAS GREGA E ANÃO QUE ESTÃO COBERTAS COM PANOS BRANCOS COMEÇAM A DAR UMAS RISADINHAS, A FAZER GESTOS MALICIOSOS COMO SE O PENIS DELAS CRESCESSEM GROTESCAMENTE COMO O DE LORDÃO...TIRAM SARRO DELE...***

#### **ESTÁTUA 1 – GREGA:**

HIHIH...LORDÃO TEU DESTINO DE DEUS MENOR É PIOR DO QUE EU IMAGINAVA...NUNCA VI SEMIDEUS DESEMPREGADO HAHA... O OLHAR DA NATUREZA DESPERTADA SONHA E NO SEU SONHO ARRASTA O POETA (WB. IP. PG 53). SEUS DEVANEIOS POÉTICOS NEM MAIS UMA BUCETA SEGURAM...

#### **ESTÁTUA 2 – ANÃO DE JARDIM:**

BRILHANTE LORDÃO! USE TUA PICA NÃO SÓ PRA QUEBRAR A CABEÇA DESTE PEDAÇO DE PEDRA, MAS TAMBÉM DAS PESSOAS QUE QUEREM ROUBAR SUA VIDA...HAAH..É ISSO! ELES QUEREM ROUBAR TUDO E VOCÊ VAI FICAR QUIETO? SILL ESPERA DO MACHO DELA UMA REAÇÃO... SE NÃO HÁ VIOLÊNCIA NÃO HÁ NECESSIDADE DE AJUDA (BRECHT)...



**ESTÁTUA GREGA:**

REAÇÃO EM CADEIA... **AS 2 ESTÁTUAS RIEM.** NINGUÉM ESTÁ IMPUNE....OU VIVE TODO MUNDO JUNTO OU NÃO SOBRA NINGUÉM PRA CONTAR A HISTÓRIA.... UM RATO ASSOLA AS TERRAS DO COLONO... PENSE ASSIM LORDÃO, VOCÊ SEM O JARDIM ESTA MORTO...

**LORDÃO:**

TEM GENTE QUE NÃO CABE DENTRO DE SI TAMANHA EUFORIA...EM OUTROS SOBRA ESPAÇO....A MIM NÃO ME IMPORTO MORRER PORQUE PERDER UM JARDIM É COMO SE FOSSE MORRER DOLOROSAMENTE, MAS SE MORRO, MORRO MAS LEVO QUEM ME MATA...O CERTO PARA MIM É MATAR UM RATO COM UMA BALA NA TESTA QUANDO A BOCA E O DENTE DELE MORDEM MEU QUEIJO...NÃO ATROPELO UM RATO SÓ PORQUE ELE ATRAVESSA MEU CAMINHO...EXISTEM RATOS E RATOS NO MUNDO...

**ESTATUA GREGA:**

VAI TER RATO NO JANTAR? HAHAH



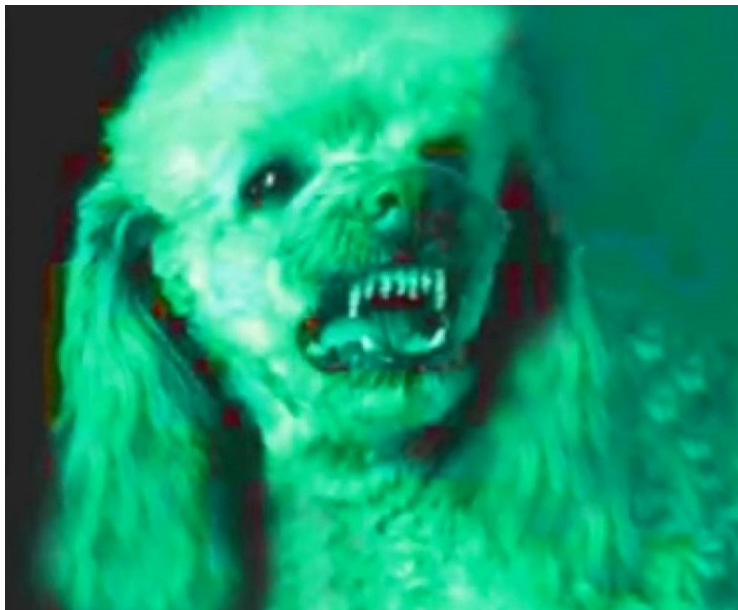
**LORDÃO:**

COMO FAZER UM JANTAR INESQUECÍVEL?



**ESTATUA ANÃO:**

SIRVA PARA VARA AQUILO ALGO QUE ELA GOSTE MESMO! VINGUE-SE DELA LORDÃO COM VENENO. TODO RITUAL TEM SEU SACRIFÍCIO...



**LORDÃO COMEÇA A OBSERVAR A CACHORRINHA DE VARA QUE FICA MIJANDO EM TUDO...FIFI PERCEBE AS INTENÇÕES DO MORDOMO...HÁ UMA CORRERIA E TERMINA A CENA....**

#### **CENA 5**

**ENQUANTO O CENARIO É ARRUMADO TIÇÃO FICA PASSEANDO E DANDO ORDENS PARA O LORDÃO E OS AJUDANTES.**



**TIÇÃO:**

NUMA GUERRA, UMA EXPLOSÃO É UMA BOMBA, NUMA ESTRADA É UM PNEU DE CAMINHÃO, NUMA CIDADE É UM BUJÃO DE GÁS, NOS HOMENS UMA EXPLOSÃO É UMA RAIVA, UM ÓDIO, UM PRAZER.... O JANTAR PROMETE!... QUE SE PROPORCIONE O MELHOR!...TUDO PODE SER A ÚLTIMA VEZ SEMPRE E POR ISSO MESMO A PERFEIÇÃO NA IMPERFEIÇÃO!... QUAL SERÁ O CARDÁPIO GASTRONÔMICO? MINHA INTUIÇÃO SENSORIAL DIZ QUE ALMÔNDEGAS COM CERTEZA NÃO!.. HAHA ALMÔNDEGAS.... VAMOS VER O QUE O PINTUDO PREPAROU PARA OS HUMANÓIDES... ESPERAMOS O GOZO E O PRAZER DA BOA COMIDA! DE NADA ME ADIANTA ESPECULAR: CADA MOLHO TEM SEU PRATO CERTO...SÓ PROVANDO PRA SABER...

**TIÇÃO COMEÇA A CANTAROLAR SOU UM BELO SIMPLES PÁSSARO LINDOOOOO, MINHAS SUAVES PENAS ALISADAS...**

**LORDÃO APARECE COM A VASSOURA E TIÇÃO VAI SAINDO DE FININHO, MAS CONTRARIADO. MESA POSTA, MUITAS PLANTAS E FLORES PELA CASA, SILL ENTRA EM CENA PELA PORTA E SE ENCONTRA COM LORDÃO VESTINDO UMA PERUCA BRANCA ESTILO LUIS XV, A PERUCA FOI CONFECCIONADA COM O PELO DO FIFI, O CACHORRO DE VARA.**

**SILL:**

INACREDITÁVEL LORDÃO! GONZALES DESAPARECEU! FUI ATÉ O ATELIER E NÃO HAVIA NINGUÉM... ESSE GRINGO FILHO DA PUTA ESTAVA NA MINHA MÃO....ELE NÃO TEM MEDO DE MIM? ELE PENSA QUE MÃO NA ORELHA É TELEFONE? PENSEI QUE FOSSE POSSÍVEL CONFIAR NUM ARGENTINO...GOSTARIA DE IMPRESSIONAR BÔRRAS COM O QUADRO NA PAREDE, FLORES, UM LINDO VESTIDO, AGORA CALMA SILL, MUITA CALMA....VOCÊ VAI TER UMA IDÉIA E UMA BOA DESCULPA PARA O BÔRRAS...E SE O VILLA FUGIU COM O QUADRO? EU QUEIMO O FILME COM O BÔRRAS...



**LORDÃO:** MADAME, NUNCA SABEMOS TUDO SOBRE AS PESSOAS..., AMANHÃ EU ENCONTRO ELE! POSSO JURAR ISSO. HOJE UM JANTAR ACONTECERÁ NESTA CASA, MADAME.

**SILL:**

CORRETO, VAMOS FOCAR POR PARTES....

**SILL CANTAROLA** VAMOS VER VAMOS VER VAMOS VER O QUE BEBER VAMOS VER VAMOS VER VAMOS VER O QUE BEBER . LORDÃO,O QUE VOCE ACHA QUE DEVEMOS SERVIR?

**LORDÃO:**

SURPREENDA-ME MADAME!!

**SILL PENSA UM POUCO CAMINHANDO...**

**SILL:**

LORDONE, VAMOS SERVIR UNS DRINQUES COM AQUELES COGUMELOS DO JARDIM, PÕE SÓ UM POUQUINHO NÃO QUERO VER NINGUÉM ALUCINANDO...O MÍNIMO, HOMEOPATIA... QUERO DEIXAR O PESSOAL MANEIRO, À VONTADE...NÃO QUERO VER REVÓLVER NA MÃO DE MACACO...E NO JANTAR, VINHO TINTO E ÁGUA.

QUANDO O FIM DE UMA HISTÓRIA CHEGA OUTRA JÁ NASCE DELA MESMA. VARA FILHA DA PUTA...COM UMA IRMÃ ASSIM QUEM PRECISA DE INIMIGO?.  
ME DIGA LORDÃO, E O JANTAR, QUAL O CARDÁPIO?

**LORDÃO:**

MADAME, O JANTAR É SINESTÉSICO, LEVAREI AS PESSOAS A EXPERIMENTAREM NOVAS DIMENSÕES GATRONÔMICAS: CHEIROS, FUMAÇAS, EXPLOSÕES DE SABORES...O CARDÁPIO SEGUE COM CANAPÉS COREANOS, SALADAS DE NOSSA HORTA, FRUTAS DO POMAR E O PRATO PRINCIPAL UMA GRANDE ALMÔNDEGA COREANA! A SOBREMESA SERÁ EM OUTRA DIMENSÃO: UM ÉTER DE SABORES NO ESPAÇO FÍSICO, UM BALÃO DE GÁS COM SABORES DE VIDAS PASSADAS...

**SILL OLHANDO A PERUCA DE LORDÃO PERGUNTA:**

**SILL:**

FOI DE UM LIVRO DE RECEITAS OU FOI DA SUA CABEÇA QUE SAIU A ALMÔNDEGA COREANA?

**LORDÃO:**

DA MINHA CABEÇA MADAME...

**SILL AINDA OLHANDO A PERUCA DE LORDÃO PERGUNTA:**

**SILL:**

POR ONDE ANDA A FIFI, LORDÃO?

**LORDÃO SILENCIA ....CONTINUA ARRUMANDO AS COISAS**

**TIÇÃO:**

FALA LORDÃO! PERDEU A LÍNGUA?

**SILL:**

LORDÃO! EU TE FIZ UMA PERGUNTA! CADE A PORRA DA FIFI?

**LORDÃO:**

ESTA LÁ FORA MADAME, BRINCANDO NO POMAR... FIZ UMA CASINHA PARA ELA LÁ...

**SILL:**

ÓTIMO! QUE ELE FIQUE POR LÁ! QUE FIQUEM HOJE OS ANIMAIS LONGE DAQUI....TIRE O TIÇÃO DA SALA...ELE FICA GRITANDO MUITO....

**TIÇÃO:**

NãAAAAAAAAAAO LORDÃO PELO AMOR DE DEUS, NUM POSSO PERDER ISSO POR NADA DESSE MUNDO!!! NÃO FALO NADA, JÁ TO QUIETO!

**LORDÃO:**

COM CERTEZA MADAME! RETIRAREI IMEDIATAMENTE ESTA AVE DA SALA....

**ENQUANTO LORDÃO EXPULSA TIÇÃO DA SALA ELE VAI FALANDO:**

**TIÇÃO:**

INGRATO! VOU CONTAR TUDO PRA POLÍCIA.....OS FEDERAIS VÃO INVADIR A TUA EDÍCULA, VASCULHAR O SEU IMPOSTO DE RENDA...VOU CONTAR SOBRE AS SUAS BROXADAS, QUE VC TINHA UM RABO DE BODE E QUE VC CORTOU.....INGRATO!, INGRATO!

**SILL:**

TÁ VENDENDO! NUM TEM CONDIÇÕES DESSA AVE FICAR AQUI HOJE...

**LORDÃO SAI COM TIÇÃO E SILL VAI PARA O QUARTO SE ARRUMAR ... PAUSA... LORDÃO ABRE A PORTA E APARECE CARREGANDO COGUMELOS GIGANTES.... A ESTÁTUA GREGA E O ANÃO DE JARDIM JÁ POSICIONADAS NA SALA COMENTAM A SITUAÇÃO:**



**ESTÁTUA GREGA:**

SÓ ISSO LORDÃO? HAHAH

**ESTÁTUA DO ANÃO:**

ISSO É SÓ PRA SILL... HAHAHA

**LORDÃO:**

QUANTO MENOS REALIDADE, MENOS SOFRIMENTO...CERTEZA QUE A NOITE CHEGUE..

**ESTÁTUA ANÃO:**

É ISSO AÍ LORDÃO, AOS AMIGOS TUDO, AOS INIMIGOS A LEI! É NÓIS PINTÃO!

**LORDÃO CAMINHA DE COSTAS INDO EMBORA QUANDO A ESTÁTUA GREGA DIZ:**

**ESTÁTUA GREGA:**

QUANDO A CASA CAI O RATO OLHA PARA TRÁS...

**LORDÃO OLHA PARA TRÁS E AS 2 ESTÁTUAS DÃO GARGALHADAS.**

**CENA 6**

**PALCO ILUMINADO E VAZIO... SILL ENTRA EM CENA BEM ARRUMADA, MAQUIADA, LINDA...QUANDO ESTA RETOCANDO A MAQUIAGEM A CAMPAINHA TOCA, LORDÃO APARECE PARA ATENDER, ELA O INTERROMPE....**

**SILL:**

DEIXA QUE EU ATENDO LORDÃO! DEVE SER O GONZALES, TEM QUE SER ELE....

**SILL ABRE A PORTA...**

**SILL:**



**BÔRRAS! QUER DIZER BÔRRAS QUERIDO! QUE PRAZER TÊ-LO EM CASA.**

**JAIRO:**

SILL QUERIDA, AS MULHERES SEMPRE NOS SURPREENDEM COM SUAS TRANSFORMAÇÕES...VOCE ESTA MAGNÍFICA! UMA PINTURA! CHEGUEI CEDO?

**SILL:**

IMAGINE SÃO SEUS OLHOS BÓRRAS! VIU! ACERTEI...VOCÊ ESTA ELEGANTÉRRIMO, AS ARTES PLÁSTICAS EXIGEM ISSO, CLASSE, BERÇO E LOGICAMENTE TODA A SENSIBILIDADE QUE É FRUTO DO MEIO...NÃO É?

**JAIRO:**

CERTAMENTE QUE SIM...QUANDO FALAMOS DE LINGUAGEM ARTÍSTICA, SIGNIFICA FALAR, OLHAR, VIAJAR DO JEITO QUE A CLASSE EXIGE...QUEM NÃO SABE APRENDE, E QUEM NÃO APRENDE NÃO VENDE...E QUANTO AO NOSSO QUADRO QUERIDA? PENSEI QUE IRIA VÊ-LO BRILHANDO NA SALA? EL RACHID ESTA PARA ME LIGAR HOJE MESMO..IMAGINE ELE CONFIRMANDO A COMPRA EM PLENO JANTAR? ISSO ME DEIXA TÃO EXCITADO QUE EU PRECISO CANALISAR ISSO DE FORMA CRIATIVA.

**SILL:**

CANALISAREMOS CRIATIVAMENTE JUNTOS BÓRRAS, SINTO UMA QUÍMICA ROLANDO ENTRE NÓS...LEVEI O QUADRO PARA UMA LIMPEZA BÁSICA E EMBALAGEM...AMANHÃ ESTARÁ AQUI...

***CAMPAINHA TOCA E LORDÃO ABRE A PORTA PARA A VARA....VARA ENTRA FALANDO AO TELEFONE....***

**VARA:**

OK, OK NÃO SE PREOCUPE, AGORA NÃO POSSO MAIS FALAR...SIM SIM BRINDAREMOS COM CERTEZA O FECHAMENTO DO NEGÓCIO....

MAS QUE COISA LINDA QUE ESTA TUDO ISSO AQUI! MINHA IRMÃ, BÓRRAS! QUE MOMENTO MÁGICO! SEU MORDOMO ESTA IMPECÁVEL, SEMPRE FIRME NÃO É LORDÃO! ***O PENIS DO LORDÃO DA UMA LEVANTADINHA*** ESTA CASA ATÉ PARECE MAIS JOVEM! ÀS VEZES DÁ PENA E DÓ DO DESTINO QUE A VIDA NOS RESERVA...MAS ENFIM COMEMOREMOS ESSE MOMENTO!

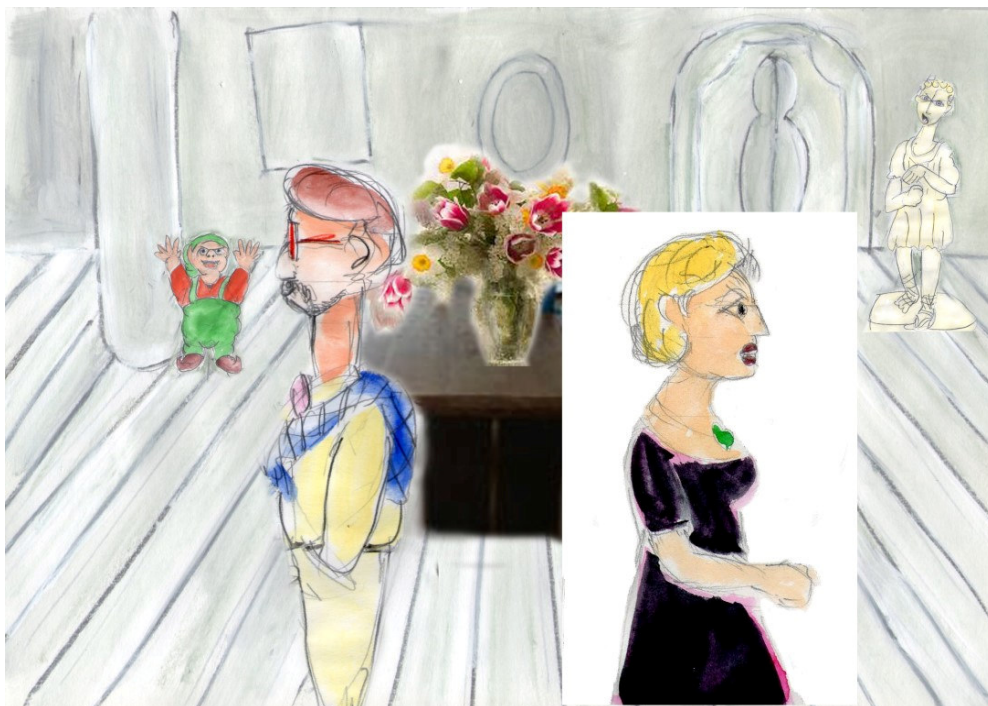
**SILL:**

NUNCA SE SABE...ÀS VEZES PARECE QUE DEUS FAZ UM TESTAMENTO PARA CADA UMA DE SUAS CRIATURINHAS....AÍ ELE FICA NERVOZINHO E FAZ UM NOVO TESTAMENTO...DEPOIS ELE DORME E MUDA IDÉIA E FAZ UM TESTAMENTO NOVO DE NOVO... PARECE QUE O DESTINO É TRAÇADO A LÁPIS... AÍ ELE PEGA A BORRACHA E APAGA TUDO...

**VARA:**

SILL, VOCE DEVIA SE CHAMAR WILL, O FUTURO, A ESPERANÇA....E A MINHA FIFI?





***VARA FICA OLHANDO A PERUCA DE LORDÃO...***

**SILL:**

A FIFI ESTA NUMA CASINHA QUE O LORDÃO FEZ PARA ELE NO JARDIM...ELE ESTÁ BRINCANDO COM O TIÇÃO....HOJE NÃO QUERO ANIMAIS AQUI...

**VARA:**

MAGNÍFICO, MELHOR ASSIM.. NA SOBREMESA IREMOS JUNTOS PARA LÁ, LORDÃO E EU, UFA! QUE CALOR QUE ME DEU....

***ELES CAMINHAM PARA UM SOFÁ E SENTAM-SE.***



**JAIRO:**

OS ANOS PASSAM E VOCÊ CADA VEZ MAIS LINDA...

**VARA:**

SÃO OS CREMES JAIRO...HAHA...SILL QUERIDA O QUE APRONTASTE PARA NÓS HOJE?

**SILL:**

DEIXEI TUDO POR CONTA DO LORDÃO.

**LORDÃO ENTRA COM OS CANAPÉS E SERVE AOS CONVIDADOS....**

**VARA:**

NOSSA QUE CAPRICO LORDÃO, CANAPÉS! DEIXE-ME PROVÁ-LOS....

**TODOS PROVAM E É CRIADA UMA EXPECTATIVA...CADA ATOR CRIA UMA EXPRESSÃO AO SABOREAR...**



**VARA:**

QUE SABOR ESOTÉRICO....ME PARECE TÃO FAMILIAR MAS NÃO SABERIA DIZER AONDE PROVEI ISSO ANTES...

**JAIRO:**

ESSE SABOR ME LEMBRA PRATOS QUE COMI NA ÍNDIA OU NA CORÉIA NÃO ME LEMBRO BEM...SÃO TANTAS VIAGENS QUE A GENTE ACABA CONFUNDINDO GATO POR LEBRE...DE QUALQUER MODO O CANAPÉ ESTA IMPECÁVEL E ESSE TERROIR DO SABOR SÓ PODERIA VIR DESTA HARMONIA ENTRE A ORIGEM DOS PRODUTOS E A MÃO DO FAZEDOR...

**SILL:**

VARA VOCÊ COME EM MUITOS LUGARES... EU ASSIM COM O BÓRRAS PREFERIMOS IGUARIAS MAIS ÍNTIMAS NÃO É QUERIDO? ESSE SABOR SÓ O LORDÃO PROPORCIONA, É COMO SE SÓ AQUI PUDESSE ESSE SABOR PARECER COM ALGO DE MUITOS LUGARES....

**JAIRO:**

SILL, VOCÊ PARECE QUE ESTA ME SEDUZINDO, NEM BEBEMOS AINDA HAHHAHA ....

**VARA:**

FAÇAMOS UM BRINDE! SILL SE ME PERMITE, LORDÃO TRAGA AS BEBIDAS...ESSE MOMENTO É O RETORNO DO MESMO NÃO É JAIRO?...

**JAIRO:**

HÁ ANOS NÃO ME CHAMAM JAIRO, QUE BOM OUVIR ISSO! VAMOS LEVANTAR A POEIRA DO PASSADO E REIFICÁ-LO VARA! ...VAMOS CURTIR ESSE MOMENTO, AO RETORNO DO MESMO!



**VARA:**

A BEBIDA CHEGOU...BRINDEMOS AO AGORA!

**LORDÃO DISTRIBUI AS BEBIDAS ALUCINÓGENAS....QUANDO TODOS IRIAM BEBER SILL INTERROMPE!**

**SILL:**

SAUDEMOS AOS ANIMAIS E AS PLANTAS QUE TANTO NOS PROPORCIONAM PRAZERES AO CORPO....



**VARA:**

À FIGURA DO PAI TEMPO, QUE TUDO DEVORA...



**JAIRO:**

À ETERNIDADE, O DESTINO DOS ARTISTAS....



**LORDÃO:**

SE ME PERMITEM SENHORES: UM BRINDE AO QUE VEMOS E O QUE NOS OLHA...

*TODOS BEBEM O DRINQUE E COMEÇAM A SOLTAR ELOGIOS SOBRE OS SABORES...OS ATORES COMEÇAM A OLHAR AS COISAS DE MANEIRA NOVA E MÁGICA.... A ESTÁTUA DO ANÃO DECIDE MUDAR DE LUGAR E O JAIRO PERCEBE O MOVIMENTO....A ESTÁTUA GREGA FALA PARA O ANÃO:*

**ESTATUA GREGA:**

SE TÁ LOCO DUNGA? VOLTA PRA CÁ...

**ESTATUA DO ANÃO:**

PRECISO FICAR NUMA POSIÇÃO MELHOR...NUM POSSO PEDER ISSO PUR NADA...

*SILL COMEÇA A BATER ASAS E OLHAR PARA CIMA...VARA COMEÇA A OLHAR A PRÓPRIA MÃO...*

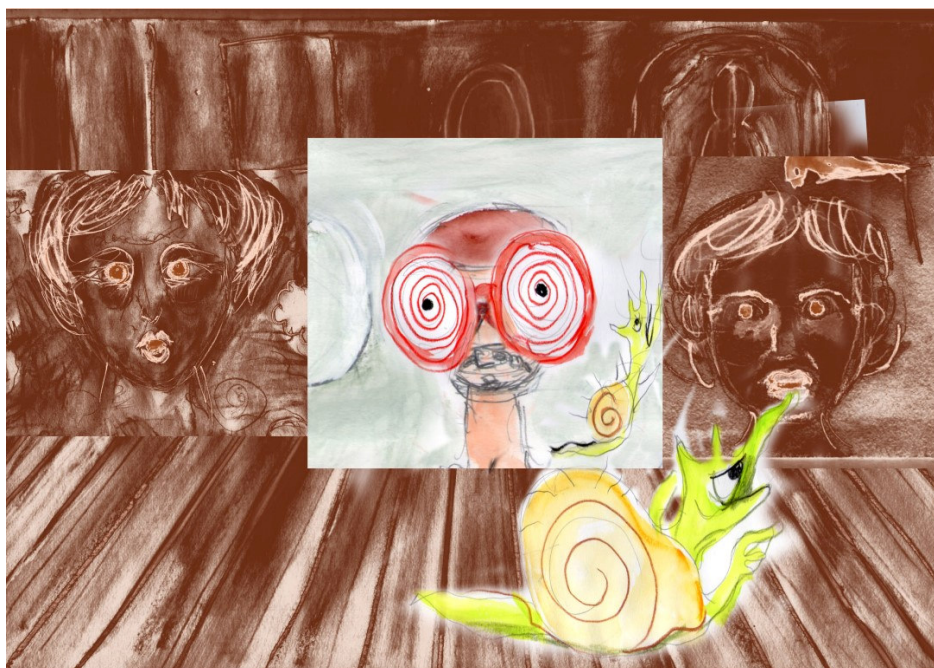
**JAIRO:**

A ESTÁTUA ANDOU... O ANÃO SE DESLOCOU...O GREGO GESTICULOU PARA O ANÃO.....

**VARA PEGA A MÃO DO JAIRO FICA OLHANDO E COMEÇA A LAMBER...**

**JAIRO:**

OS CARAMUJOS ESTÃO SUBINDO A COLINA....ELES TEM PELOS NAS COSTAS **OLHANDO PARA A CABEÇA DE VARA...**



**VARA OLHA PARA BÓRRAS**

**VARA:**

JAIRO GUSMÃO BÓRRAS...O PEGADOR DA FILOSOFIA...PORQUE VOCÊ VIROU MULHER?! **VARA CONTINUA A LAMBER...**

**SILL CONTINUA BATENDO ASAS.....**

**SILL:**

MEU NERVO! SALVE TRAVE SORVE SERVE VERSO CHEGANDO AVE AMEAÇA POMARES SUMO SURTO  
VENTRE.... SALVE TRAVE SORVE SERVE....

**LORDÃO:**

MADAME, COM LICENÇA, SERVIREI O JANTAR...

***VARA ESTA PARANÓICA, ELA ACHA QUE É A PRÓPRIA IRMÃ.***

**VARA:**

LORDÃO, LORDÃO VENHA AQUI URGENTE! NÃO! NÃO SAIA DAQUI! VENHA AQUI PRECISO TE AVISAR!  
ELES QUEREM TE ROUBAR DE MIM....IMPERILEIS JURIDEMOCRIDICO DESPORITÁRIO GOVERNULAR...

***VARA SE AGARRA AO LORDÃO***

**LORDÃO:**

DONA VARA, NÃO ESTOU ENTENDENDO...





**VARA:**

CONPESP CONDEPHAAT VÃO TOMBAR O IMÓVEL...É SÓ CHAMÁ-LOS QUE NINGUÉM DERRUBA ESSA CASA NUNCA MAIS....EU CONFIO EM VOCÊ...VARA NÃO PODE SABER DE JEITO NENHUM...SCHIIII!!! IMPERILEIS...IMPERILEIS...! SE ELAS TOMBAREM, VOCE NUNCA IRÁ MORAR COMIGO...MINOPOLITIRITÁRIOS ASSASSINOS...VAMOS MATAR A VARA! VAMOS MATAR A VARA, LORDÃO!

**VARA SE AJOELHA E COMEÇA A ACARICIAR LORDÃO QUE JÁ DA UMA LEVANTADINHA**

**LORDÃO:**

MADAME! NÃO SE PREOCUPE COM "VARA"...VAMOS JANTAR COM CALMA....ESTÁ TUDO BEM....

**JAIRO CONTINUA OBSERVADO AS ESTÁTUAS QUE FICAM FAZENDO ESTRIPULIAS PARA ELE... SILL PARA DE BATER ASAS E FICA TENTANDO PEGAR UMA TAÇA MAS NÃO CONSEGUE ENCONTRAR O FOCO ... O CELULAR DE JAIRO TOCA E É O EL RACHID, O COMPRADOR DO QUADRO...**

**JAIRO:**

ALÔ, EL RACHID? **JAIRO FICA OUVINDO A VOZ VIAJANDO NA MAIONESE; SE DIRIGE A SILL E AVISA: É O ÁRABE QUE EU TINHA TE FALADO ELE ESTA AQUI DENTRO...EU ESTOU VENDO ELE GESTICULANDO COMO UM PEQUENINO SER....ELE COMPROU OS ANTÚRIOS.....ELE QUER SEUS DADOS....**



**SILL:**

DADO DEU DEI DEUS DAVA DALVA DIVA DUDA DUCO DAKO DEKO DIKO VINHO VINHA VARA VERA VIRA FUI ...

**JAIRO:**

NÃO ESTOU MAIS VENDO O SENHOR EL RECHID...EL RACHID, O SENHOR ESTA DIMINUINDO EM PONTOS E PONTOS, MICROPONTOS...SÃO VAGALUMES!!! OS VAGALUMES ESTÃO AQUI!!!

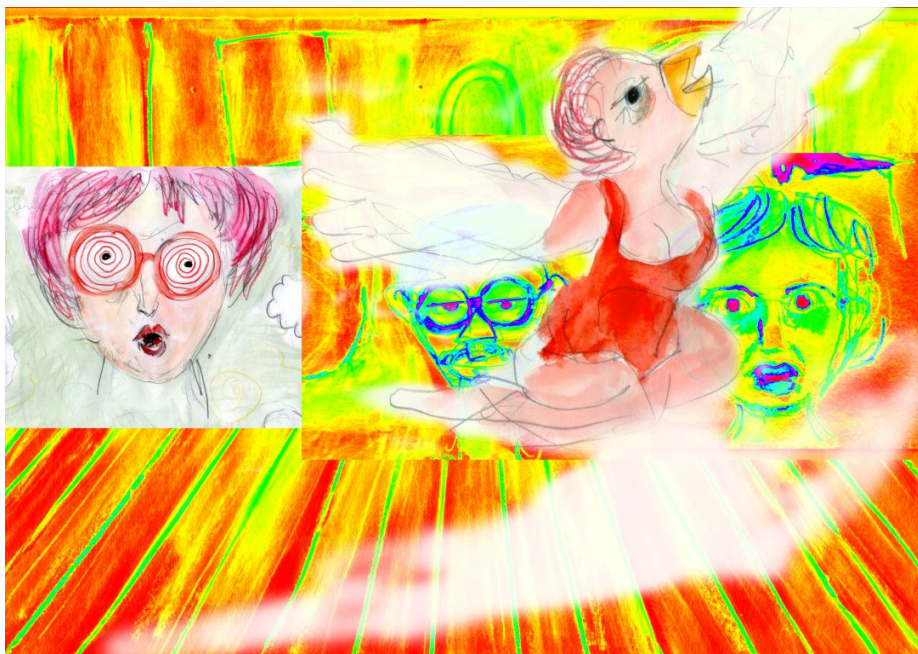
***O LORDÃO ESTA COM UM ISQUEIRO ACENDENDO AS VELAS DOS CANDELABROS.***

**SILL:**

SURTO SALTO SOLTE SILO SALA SELO SONO SELA SOLA SOMA SUMA VISA VEZES VOZES VOO SOO SUMO SALMO SOMOS COMO TOMO VAMO SAMO SUMO SALVO VALSA SALSA SELVA VERSO SERVO SORVO SIRVO SILVO SORTE SARTRE SOPA SEPA SAPO PASSO PISO SUMO...

**JAIRO:**

EL RACHID É UM VAGALUME...É VERDADE EL RACHID? ESTOU VENDO UM BURACO FUNDO... UMA LUZINHA APARECEU....UMA LUZINHA APAGOU... **ELE COMEÇA A CHORAR...**A LUZINHA ACENDEU....RACHID CADE VOCÊ? RACHID!



**ESTATUA GREGA:**

LORDÃO O PESSOAL TA PASSANDO MUITO MAL....QUANDO É QUE A TRIPE VAI PASSAR?....

**LORDÃO:**

O ANTÍDOTO TÁ NA SALADA...COMENDO A SALADA AOS POUCOS VAI PASSANDO.....ACHO QUE EU EXAGEREI UM POUCO....QUERO EXPLODIR TUDO.... MAS É IMPORTANTE A CONSCIÊNCIA.....

**ESTATUA DO ANÃO:**

CONSCIÊNCIA O CARALHO! DEIXA OS CARAS VIAJAR....OLHA A PATROA....

**LORDÃO:**

SENHORES, POR FAVOR DIRIJAM-SE A MESA...A SALADA SERÁ SERVIDA.....

**LORDÃO POSICIONA OS CONVIDADOS EM SEUS LUGARES E SERVE AS SALADAS...CADA UM VAI BRINCANDO DA SUA LOUCA MANEIRA COM A SALADA ATÉ QUE LORDÃO PERCEBE QUE NINGUÉM ESTA COMENDO A SALADA; JAIRO COM A LÍNGUA ENROLADA DIZ:**

**JAIRO:**

EU SOU UM FALSO HOMOSEXUAL....MINHA CARREIRA DENTRO DAS ARTES PLÁSTICAS DEPENDIA DE UMA ADESÃO GAY...ESSE MEIO GAY É MUTO CORPORATIVOQIWISSS...

**JAIRO NÃO CONSEGUE FALAR A PALAVRA CORPORATIVISTA DIREITO E FICA ENROLANDO A LÍNGUA ATÉ QUE COMEÇA A CHORAR....**

**VARA, QUE AINDA PENSA QUE É A PRÓPRIA IRMÃ, COMEÇA A JOGAR FOLHAS DA SALADA EM JAIRO E DIZ:**

**VARA:**

CHEGA DE CHUVA!!! PLÁSTICOS E CEMITÉRIOS, MATÉRIAS INERTES E SUBSTÂNCIAS QUE CAMINHAM!!! VARA VOCÊ (*DIRIGINDO-SE A SILL*) NÃO VAI CONSEGUIR ROUBAR LORDÃO DE MIM....

**SILL:**

EU TE AMO LORDÃO... (*SILL ABRAÇA JAIRO*)...

**VARA:**

LARGA O LORDÃO, VARA!!



**NESTE MOMENTO COMEÇA: GONZALES APARECE NO CANTO DO PALCO COM OS DOIS QUADROS TENTANDO ENTRAR MAS ESTA UMA CONFUSÃO LA DENTRO QUE ELE RESOLVE DAR A VOLTA E ENTRAR PELA PORTA SEM AVISAR...UMA BRIGA ENTRE TODOS JUNTOS, O SOLO DE GUITARRA DA MÚSICA “ POJAMA PEOPLE” DO FRANK ZAPPA E A CHEGADA DE LORDÃO COM UMA ALMÔNDEGA GIGANTE DA CARNE DO FIFI, CACHORRO DE VARA....ESSA ALMONDEGA TEM UM PAVIO ACESO QUE FARÁ O PRATO EXPLODIR; DE REPENTE TODOS FICAM OLHANDO O PAVIO CHEGAR AO FIM E UMA ENORME EXPLOSÃO OCORRE....UMA GRANDE FUMAÇA SE ERGUE E TODOS APARECEM CHAMUSCADOS DE CARVÃO...SILL CAMINHA DE QUATRO ATRÁS DE UMA GARRAFA DE BEBIDA QUE ESCORREGOU PELO CHÃO NO MOMENTO DA EXPLOSÃO. VARA DESAPARECE EMBAIXO DO PANO DA**



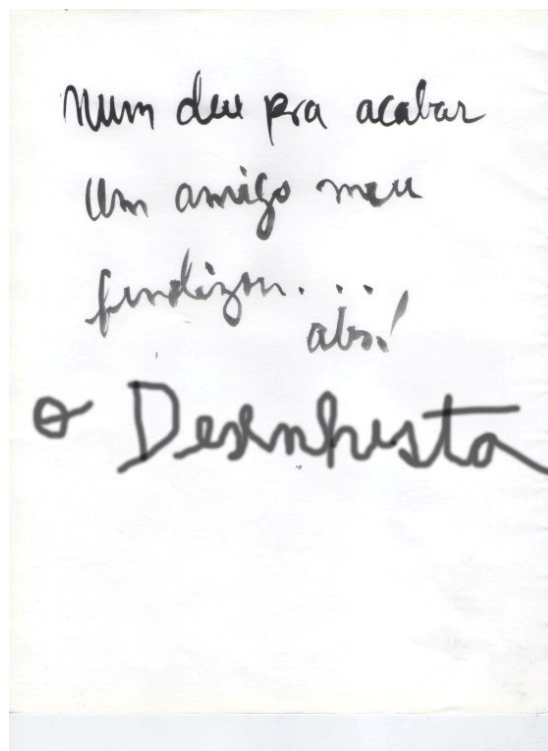
**MESA...JAIRO CAMINHA COMO UMA MÚMIA COM OS BRAÇOS PRA FRENTE...A PORTA DE ENTRADA SE ABRE E APARECE GONZALES COM OS 2 QUADROS DOS ANTÚRIOS...ELE FICA EMBASBACADO COM A SITUAÇÃO...JAIRO SEM QUERER RETIRA A TOALHA DA MESA E EM BAIXO ESTÁ TIÇÃO TREPANDO COM A VARA...AS ESTÁTUAS GREGA E DO ANÃO SENTAM-SE À MESA E COMEÇAM A JANTAR VENDO TODA A LOUCURA ACONTECER...NESSA HORA UMA EXPLOÇÃO DO OUTRO LADO OCORRE E UMA ONDA DE FUMAÇA SE ESPALHA...LORDÃO FURA UMA DAS TELAS DOS ANTÚRIOS COM A PICA DELE E O QUADRO FICA TRIDIMENSIONAL... NESSA HORA JAIRO VÊ O QUADRO COM AQUELA PERFURAÇÃO E SE ESPANTA; ELE SE APROXIMA DA OBRA DIZENDO ACHEI RACHID ACHEI RACHID...MAGNÍFICO.....GONZALES ESTÁ TODO CHAMUSCADO, FICA TENTANDO ARRANCAR O PINTO DO LORDÃO DO QUADRO DIZENDO ESSA OBRA É MINHA.....JAIRO E GONZALES SE ENGALFINHAM....SILL COM A BEBIDA NA MÃO ESTA COM O ANÃO COMENDO ELA GRITA: LORDÃÃÃOOO!!!!**

**CAI O PANO.....**

**ÚLTIMA CENA**



TIÇÃO ENTRA NO PALCO COM AS CORTINAS FECHADAS... CAMINHA COM OS "BRAÇOS" PARA TRÁS  
BALANÇANDO A CABEÇA...



TIÇÃO:

ESTA PEÇA FICOU A DESEJAR...OS ATORES NÃO DERAM TUDO DE SI...O QUE PODERIA SER UMA CATARSE, VIROU UMA CATÁSTROFE....NADA SE RESOLVEU E TUDO TERMINOU NUMA ORGIA INDECENTE ENTRE ESTÁTUAS, ANIMAIS E SERES HUMANOS - AQUELE MOMENTO ENTRE VARA E MIM É ALGO MAIS PROFUNDO...VEJAM BEM, O AUTOR QUIS ENCAIXAR O NOSSO MOMENTO INTIMO NA PEÇA NUMA ESPÉCIE DE LICENÇA POÉTICA EQUIVOCADA...



SE A TOALHA DA MESA NÃO SE LEVANTASSE...NÃO TINHA NECESSIDADE...É O QUE EU DIGO! , LORDÃO NÃO TEVE PULSO! ERROU NA DOSE DO COGUMELO, NINGUÉM QUIS SALADA, EXPLODIU O JANTAR, NÃO SALVOU A CASA, PREJUDICOU A VENDA DO QUADRO! LORDÃO É UM VERDADEIRO MR, UM MAL RESOLVIDO....VEJAM! AGORA ELE ESTA COMENDO A IRMÃ DA PATROA....



***A CORTINA SE ABRE: VARA ESTA DEITADA ENFAIXADA NA PERNA E NO BRAÇO NUMA CAMA MEIO ALTA SENDO COMIDA PELO LORDÃO....ELA FICA GEMENDO AO CELULAR DIZENDO:***

**VARA:**

AIAI...É PROBLEMÁTICO EU SEI AIAI...NÃO É ISSO! É QUE EU ESTOU NA FISIOTERAPIA AIAI...VAMOS AGUARDAR MEU RETORNO AIAI...NÃO SE PREOCUPE....O NEGÓCIO TÁ DE PÉ...A MINHA POSIÇÃO EU JÁ DEI...AIAI OK AGUARDAREMOS O BRINDE FINAL DA VENDA DA CASA.....

***LORDÃO VAI TERMINANDO A TREPADA ENQUANTO VARA FICA OBSERVANDO UMA ESTÁTUA COM A PERUCA DA FIFI.....***

**VARA:**

LORDÃO QUE DESAMPARO O MEU, COMO É QUE A FIFI ESCAPOU DA COLEIRA E FOI PARA A RUA? NESSA CIDADE TÃO VIOLENTA....E JUSTO NESSE DIA GLORIOSO..



**LORDÃO:**

DONA VARA, A VIDA É UM RISCO....COM CERTEZA ENCONTRAREMOS FIFI....

**SILL ENTRA COM JAIRO BÓRRAS...OS 2 ESTÃO ENFAIXADOS....VARA NEM LIGA PARA OS 2...ELA ESTA ENTRETIDA COM A PERUCA...**

**JAIRO:**

É DIFÍCIL EXPLICAR PARA ELE O QUE É UM VAGALUME....EU DISSE QUE É UMA METÁFORA OCIDENTAL DA REALIDADE...TO FAZENDO O QUE POSSO....FIZEMOS A VENDA MAS PERDEMOS O CLIENTE...

**SILL:**

SIM, SIM....VAMOS NOS DESCULPANDO AOS POUCOS....VARA! VARINHA! VARÃO! CONSEGUI O DINHEIRO PARA COMPRAR SUA PARTE DA CASA IRMÃ!!!.....NÃO É INCRÍVEL!!!

**VARA:**

AH! QUE ÓTIMO! FINALMENTE VC CONSEGUIU GANHAR ALGUMA COISA...SÓ QUE EU NÃO QUERO VENDER....FECHAREI O NEGÓCIO COM A CONSTRUTORA ASSIM QUE ME RECUPERAR DO ACIDENTE E ENCONTRAR A MINHA FIFI....

**LORDÃO:**

MADAME SILL, ACIONEI O CONPESP E O CONDEPHAAT...ELES VIRÃO AQUI HOJE MESMO FORMALIZAR O TOMBAMENTO DO IMÓVEL, DAQUI PARA FRENTE O JARDIM E A CASA SÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO!

**SILL:**

UAU! COMO VOCÊ SOUBE DISSO LORDÃO? LORDÃO VOCÊ ME DEIXA LOUCA!!! TIROU UMA ENCRENCA ENORME DA MINHA VIDA! AGORA TENHO DINHEIRO SOBRANDO...VAMOS CELEBRAR ABRINDO UMA GARRAFA AGORA PINTUDO! UAU!!!!

**LORDÃO:**

MADAME MESMO ME CONTOU ONTEM DURANTE O JANTAR!!!

**VARA:**

NÃÃÃÃÃÃÃOOOOOOO!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! SILL EU VENDO A MINHA PARTE DA CASA PRA VOCÊ MEU BEM!

**SILL:**

AGORA QUEM NÃO QUER VARA SOU EU, VAMOS PRESERVAR A CASA E ESSE JARDIM CHEIO DE DENGUE E COGUMELO!!!

**VARA:**NÃÃÃÃÃÃÃOOOOOOOO!!!!!!!!!!!!

**A CAMPAINHA TOCA, TODOS EM SILÊNCIO OLHAM PARA A PORTA... GONZALES PÕE A CABEÇA PRA DENTRO E DIZ PARA AS PESSOAS:**

**GONZALES:**

MADAM SILL, PERDÓN, NO QUIERO MOLESTAR, NO SABÍA QUE IBA A ENCONTRAR ESTE CLIMA....MADAM, TE AMO, PERO...Y LOS TREINTA MIL QUE ME DEBES?

**SILL:**

VILLA QUERIDO! CABRÓN!

**TIÇÃO:**

**DIRIGINDO-SE PARA A PLATÉIA:**

PUTZ! NUM É QUE A PORRA DEU CERTO? VAMOS CONTINUAR A LUTA!  
PÕE TUDO LORDÃO!, PÕE TUDO NO MEU NOME! UAHÁHÁHÁ



**FIM SP 02.03.2013**  
**Desenhos finalizados em agosto 2014**  
Ricardo Bezerra

## Gou Gou



### Personagens:

Gou Gou : o velho avaro

Flatione: funcionário da igreja

Cósmica: irmã de Gou Gou

Evangelina: filha de Cósmica

Deixa e Não Deixa: os dois funcionários do céu

### **Cena 1.**

*Cadeiras e uma mesa com os pés elevados do chão por tocos de madeira e latas. Sobre a mesa um telefone. As cadeiras são baixas em relação a mesa. Do outro lado da sala, uma cama suspensa por tocos e latas também e um enorme armário. Gou Gou entra vestido de roupa árabe com uma pequena caixinha entre as mãos. Vai até sua cama e esconde a pequena caixinha embaixo do colchão. Sai de cena e retorna de toquinha e pantufas para dormir ...Musica inicial tematiza o sonho de Gou Gou. Seres do sonho de Gou Gou entram e dançam no palco....*

### **Dorme Gou Gou**

Dorme gougou dorme  
 deixe as coisas fáceis para nós  
 o tão sonhado brilho  
 fale sonhe sonhe fale  
 vem gou gou todos nós somos você  
 conte-nos, aonde escondes?

Não sei não

Não sei não

Respire com calma

Não se afobes

Se comes e agitas

Não é só na barriga que habitas

Teus desejos e glotonices

Nos diga, aonde escondes?

Não sei não

Não sei não

A madrugada avança

E no frio se encontra

Um nadinha do que é

O quente aonde fica?

Dentro de sua casa

Aponte-nos para onde escondes.

Não sei não

Não sei não

Se não há esse acordo

Para nós pacientes

Uma raiva brota acolá

Diga logo bolinha avarenta

De toquinha e pantufinha

Aonde esconde a pôrra?

Não sei não

Não sei não

Sabe sim! Sabe sim! **Sabe sim!**

*Gou Gou desperta do pesadelo; olha ao redor e sente arrepios....ele se levanta da cama, vai até a porta, verifica se está trancada, olha atrás das coisas. Se dirige a cama e puxa, olhando para os lados, uma caixinha que estava embaixo do colchão. Ele abraça efusivamente a caixinha...Põe a mão no peito e verifica que a chave ainda se encontra com ele...dirige-se ao armário e o abraça também verificando se não houve nenhuma violação...ele se acalma e na felicidade do seu estado começa a beliscar-se e a morder-se de prazer e, seguro de si novamente, cai no sono....*

Flatione: Seu Gou Gou acorda!! Seu Gou Gou acorda!! O senhor me desculpe mas eu não venho chamar mais o senhor....

*Gou Gou redesperta assustado e vai abrir a porta. Espera Flatione, um momento, não saia daí.*

Flatione: Estou batendo na porta há mais de 10 minutos! Achei que o senhor tinha morrido. Quase desisti da entrega.

Gou Gou: Desculpe-me, sonhei de novo com fantasmas....entre entre. É comum assim se repetir sonhos? Pesadelos? Que bom que estou vivo ainda.

Flatione: Vivo e acordado por mim mesmo. Trouxe o vaso com a terra da igreja. Deixo lá fora?

Gou Gou: Não, Não. Vamos colocar aqui dentro. O que vou plantar prefere sombra no começo...

*Flatione sai e retorna com um tambor enorme cheio de terra. Gou Gou se belisca de excitação.*

Flatione: O que o senhor vai plantar? Pelo tamanho deve ser uma árvore!

Gou Gou: é mais ou menos isso.

Flatione: O padre pede uma colaboração para a igreja.

Gou Gou: Já não estou ajudando tirando essa terra que está entulhando os fundos da igreja? Doarei este tambor de terra, assim que transplantar minha muda.

Flatione: Sr Gou Gou, este tambor já é da igreja.

Gou Gou: então rezarei com fervor em nome da igreja. Tem casamento essa semana?

Flatione: tem um amanhã, mas o Buffet tá fraco, só vai ser coxinha e bolinha de queijo.

Gou Gou: Pouco com Deus é muito. Irei cumprimentar as coxinhas. Será que a noiva é gostosa? Como você pode ver, meus bolsos estão vazios e a sua gorjeta fica para outra, Flatione ...

Flatione: imaginei isso... entendo que o senhor é uma pessoa de poucas posses, mas porque não trabalha?, o senhor ainda tem forças...

Gou Gou: sou engenheiro aposentado e vivo com uma renda mínima. Gasto pouco : Almoço grátis no culto Hare Krishna 3 vezes por semana, jantar grátis no templo Budista nos fins de semana. Na igreja quando tem casamentos, até bebida alcoólica eu tomo. Na Sinagoga sábados é um bom dia também, nos demais dias como miojo e manga do vizinho. O trabalho é algo que não me atrai.



Flatione: O senhor andou sumido uns tempos.

Gou Gou: Fui ao Egito por 15 dias.

Flatione: Fazer o quê?

Gou Gou: Andar de camelo...

Flatione: Gostaria de ser cara de pau como o senhor. Adeus seu Gou Gou, boa sorte nesta empreitada!

Gou Gou: Agradeça ao padre e diga que passo lá para rezar. Peça a ele para separar rebarbas de hóstias que apanho depois.

*Gou Gou fecha a porta e, alegre se belisca. Apanha um regador enorme e a caixinha embaixo do colchão e conversa consigo mesmo.*

Gou Gou:

A realidade

Sempre é mais ou menos

Do que nós queremos.

Só nós somos sempre

Iguais a nós próprios. (Fernando Pessoa).

Ele está aqui, um feijão mágico, não é Mudads? Hehe Hoje é um dia muito especial! Chega de viver nesse mundo incompleto...

*Gou Gou planta e rega. Ele vai se vestir com as roupas religiosas dos lugares onde almoça e janta sem pagar. Enquanto ele cruza o cenário com roupas diferentes aproveita e rega o vaso. Nessa sequência a música é tocada com os versos abaixo:*

### **Rega planta**

Com espada e regador Um soldado do tesouro

Vai Gou Gou , vai Gou Gou este mundo é todo seu

Cuide dela com carinho pois o mundo é um moinho

Planta rega espera ela brotar

Dedos muito perto doce sempre incerto

Vai Gou Gou , vai Gou Gou faro fino e olho vivo

Mordem beliscam todo mundo quer comer

Que coisinha que vai ser e que nome ela vai ter

Pense no futuro junte ouro puro

Vai Gou Gou Vai Gou Gou só você tem o poder

Morda belisque faça ela crescer também

Vai Gou Gou vai Gou Gou esse mundo é todo seu

Sonhas vivas Budas muito gordos

Tranque a porta olhe a janela

Agora sim do sonho para vida

E com sorte da vida para a morte.

## **Cena 2**

*Enquanto Gou Gou lê um Livro sobre o Egito a campainha toca e é sua irmã Cósmica. Gou Gou atende... Cósmica tem 45 anos aproximadamente e veste uma roupa discreta. Ela ri de tudo o que seu irmão diz; para ela, ele é um piadista.*

Gou Gou: Cósmica irmã, que surpresa!

Cósmica: Gou Gou querido, estava passando e resolvi visita-lo. Andas sumido esses dias...Arrumou pensão nova?

Gou Gou: Sumido é o nome do gato do vizinho, tenho saído pouco, sente-se.

Cósmica: Hahahahaa, Gou Gou, ainda está com a mesa assim?

Gou Gou: Pode ser que a enchente aconteça de novo....

Cósmica: hahahahaha mas já fazem 2 anos que aconteceu....

Gou Gou: É que pretendo me desfazer de todos meus bens então me desanima reformar....Sobre isso e outras coisas, teremos em breve uma conversa. Vamos aguardar um pouco....

Cósmica: E este vaso? *Cósmica se levanta e vai até o vaso.* Tem alguma coisa plantada?

Gou Gou: A semente esta plantada, Vamos aguardar um pouco...Não quero dizer nada antes de acontecer...

Cósmica: Adoro a palavra "acontecer". "Ele faz e acontece!" Aconteceu de me apaixonar....Já a palavra "ocorrer" eu não gosto...

Gou Gou: Acontecer vem do latim *contigescere* atingir, chegar, encontrar, resultar. Coisas planejadas ou não podem se tornar realidades no tempo e no espaço. Acidentes acontecem...escorregar numa casca de banana é um acontecimento...

Cósmica: Haahahaha, Agora verei as coisas de outro modo...Gou Gou querido só passei aqui para lhe dar um beijinho e dizer que você esta lendo demais essa filosofia egípcia...leia amenidades, essas leituras sobre místicas antigas podem desbotar sua pele.... Jo me voy porque nem água pelo visto tem....

Gou Gou: Minhas leituras desbotam menos que os clareamentos que vc anda fazendo. Estou estudando uma transformação na minha vida. *Gou Gou dá um beliscão na irmã e se despedem....*

*Gou Gou veste seu pijama e dorme. Durante a noite despona uma cabeça no vaso. É a cabeça de um lagarto, um bicho viscoso com asa e rabo. Essa é a cria de Gou Gou, seu filho.*

Lagarto: Papai, Papai acorda! Tô com fome... Buá buá buá

Gou Gou: Nasceu! Meu filho nasceu!

Lagarto: nasci mas não saí! Preciso deixar o vaso.

*Gou Gou retira o lagarto do vaso e abraça efusivamente.*

Gou Gou: Meu filhinho , seu papi se chama Gou Gou . *Gou Gou começa a beliscar e apertar o lagarto.*

Lagarto: Ai Ai ! que beliscão chato! E eu papi, como me chamo?

Gou Gou: Teremun, amado por seu pai. Anda pro papai ver. *Teremun caminha malandramente...*

Teremun: Preciso mamar..aonde está mamãe?

Gou Gou: Sua mãe é a terra deste vaso, filho. Você nasceu de uma sementinha. E foi tudo tão perfeito!

Teremun: Papi, o que vamos comer?

Gou Gou: comeremos miojo e manga. Depois passearemos na praia e à tarde sua tia Cósmica e sua filha Evangelina vem nos visitar...

Teremun: Oba, Oba, Oba adoro visitas...*Teremun saltita pela casa, pula na cama e se dirige ao armário de Gou Gou.* E aqui papi, o que tem? Comida?

Gou Gou: Não filhinho,não é comida...Este armário e você são as coisas mais importantes da minha vida. Aqui está o meu prazer, o fruto de todas as minhas economias e o sentido da minha vida. *Gou Gou se dirige à platéia:* Riam-se todos, gastem seus dinheiros pois a hora em que se alegram, para mim é só tristeza. Todo mundo senta pra comer todo mundo senta pra beber, compram roupas, celulares, relógios. Cada mercadoria é um buraco, uma brecha no seu muro, um tijolo fora do lugar. Da fronteira rompida no buraco cavocado 2,3,4 moedas se vão e do brilho do ouro das moedas aos poucos se esvai... uma nevoa surge, uma bruma, uma nuvem,

2,3,4 nuvens e o céu carregado leva para longe o sol. Meu armário é minha saída para luz do dia. Não gosto nem que olhem pois olhar é alojar na mente de outrem a imagem preciosa que só a mim pertence. FECEM OS OLHOS TODOS VOCÊS. FECEM Um olhar a mais é um dinheiro a menos. Venha filhinho, veja você mesmo, ninguém nunca olhou...

*Gou Gou vira o armário para a platéia e abre suas portas com a chave em seu peito. Uma luz dourada irradia de dentro do armário repleto de barras de ouro!*

Teremun: UAU Papito! Eu fiquei tonto...que coisa magnífica! Eu quero plá mim!

Gou Gou: Criança esperta! Puxou papai! Eu te criei com todo meu amor e carinho. Você tem uma responsabilidade muito grande na minha vida e na minha morte. Deixei em testamento que você fará a viagem para levar o armário em minha nova morada no céu! O dia da minha morte já está anunciado. É semana que vem, ia cair num sábado mas joguei pra segunda feira. Você amarrará o armário junto com você e levará para este endereço aqui no céu. Vamos fazer os testes de fixação amanhã, você é forte e não terá muitos problemas, quanto mais alto menos gravidade...as asas fecham e abrem suavemente e o peso das coisas desaparece a medida que se distanciar do mundo. Ninguém pode saber disso, entende filho?

*Gou Gou fecha e tranca a porta.*

Teremun: Sim sim é um segredo nosso. Não se preocupe papai, minhas asas já estão batendo... o senhor me explicou direitinho... tudo está tão rápido...

Gou Gou: Tia Cósmica cuidará de você. Deixei em testamento a casa e tudo dentro dela para vocês. Quando você partir deste mundo, estarei te esperando na minha casinha no céu. "*fui*mos quod estis. *Sumus quod eritis*". Não escolhi que as coisas fossem assim, é o combinado da sementinha, quando uma nasce outra tem de

morrer. Agora vamos comer e passear, temos uma semana cheia de alegrias! Vamos ao templo Hare Krishna almoçar e dançar, é tudo de graça!

Teremun: OBA!

Gou Gou: Filhinho, tome este primeiro presente e aprenda a lição número 1 de Gou Gou: Gire sempre qualquer moeda 20 vezes na mão antes de gastá-la. Isto vai te ajudar a ser como eu.

Teremun: Obrigado Papi! Depois de girar eu posso gastá-la?

Gou Gou: Não, esta é só para treinar, ela não possui mais valor.

*Gou Gou e Teremun saem de cena para o quarto se trocar. Música e balé em cena...*

### **A educação do lagarto**

Que dupla se formou que graça que ficou

Hoje em dia coisa rara de se ver

Educar o filho e respeitar o pai

vai colher o que plantar

Assim que sempre foi, assim que deve ser

Ensinar aprendendo e aprender ensinando

Papai alimenta educa e ama

filhinho come brinca e acaba cochilando

Vamos ver que efeitos podem ter

Na cabeça e no corpo do menino

Quando chegar *memento mori* de papito

Nada é simples no psicologismo.

*Carpe diem* a alegria de Gou Gou

mima paparica sem medida

Não há ouro que pague partir sábado

deixar filhote e morrer sem despedida

Agora entre nós, o menino não é bonito

O problema não é meu eu sei

Vamos ver se o coração é generoso

Mas cara de monstro e rabo ele tem também



**Cena 3**

*Gou Gou e Teremun entram pela porta vestidos de Hare Krishna cantando e dançando.*

Teremun: Que legal que foi papi!

Gou Gou: Papai agora tomará banho para receber sua tia Cósmica. Depois você tomará sozinho porque não é mais um bebê.

Teremun: oba!

*Gou Gou sai de cena e Teremun fica observando a casa com seus móveis elevados do chão e particularmente tenta abrir o armário de todas as maneiras utilizando talheres, o rabo dele, etc. Teremun pega o telefone e disca...*

Teremun: Alô! Quem fala? Hum Hum Hum hahahaha!

*Gou Gou entra em cena...*

Gou Gou: filhinho quem era?

Teremun: É um trote.. Papi não é de nada, só come marmelada. Hehehe

Gou Gou: Agora é você, vem cá safadinho, não foge de mim...

*Gou Gou persegue Teremun até pegá-lo e sapecar-lhe uns beliscões.*

Teremun: Ai Ai, tá bom, vou tomar um banho agora mesmo...

*Gou Gou se dirige até sua cama e apanha um envelope com o testamento. No momento em que coloca o testamento sobre a mesa o telefone toca, Gou Gou atende mas ninguém responde na linha, a ligação cai. Batem na porta, Gou Gou atende...*

Gou Gou: Cósmica querida exultante, Evangelina minha querida, com vc cresceu! *Evangelina tenta se desvencilhar dos beliscões do seu tio.*

*Evangelina tem uns 20 anos é tipo loura tingida burra, gosta pouco de estudo e sabe ser sedutora fazendo o tipo distraída. Veste roupas menos discretas que a mãe...*

Cósmica: Hahaha, Olá maninho que pressa é essa de nos encontrar. Saudades de beliscar-nos?

Evangelina: Oi tio.

Gou Gou: Minhã querida irmã, sábado que vem eu morrerei e gostaria de deixar este testamento registrado no cartório hoje mesmo.

*Cósmica fica paralisada e de repente desaba numa risada estrondosa.*

Cósmica: Uahahahaá. Gou Gou você hoje esta inspiradíssimo. Cada dia que passa suas histórias me surpreendem mais.

*Nesta hora entra Teremum de toalha na cintura....*

Cósmica: O que é isso?

Teremum: Papai, onde deixo a toalha?

Evangelina: Papai?

Gou Gou: Esta é a outra notícia. Este é meu querido filho Teremum.

Teremum: Olá tia, oi prima!

Evangelina: Que legal, não sabia que tinha um primo.

Cósmica: Uahahahááá! Ai ai pára Gou Gou você está me dando dor de barriga de tanto rir...Não é nada com você criatura, é que seu pai é uma caixinha de surpresas.

Gou Gou: Cósmica você parece um saco de risadas..... Sentemos a mesa, precisamos conversar.

*Teremun e Evangelina vão para debaixo da cama de Gou Gou que se transforma numa cabaninha com o lençol cobrindo...*

Cósmica: tem um cafezinho?

Gou Gou: infelizmente você me pegou desprevenido, estou sem pó nenhum em casa.

Cósmica: E as mangas? Posso?

Gou Gou: são para Teremun, ele está em fase de crescimento. Tem água, quer?

Cósmica: Ah, é verdade nesta fase as crianças comem muito...Obrigada, água agora não.

Gou Gou: Querida irmã, Teremun é fruto de uma semente que eu comprei no Egito há pouco tempo. Você sabe do meu fascínio pela cultura egípcia e lá é comum esses dragõezinhos levarem pertences pessoais para o morto no céu. No meu caso, são pequenos bibelôs, roupas e cuecas, coisas amenas mas que tenho um apego muito forte...

Cósmica: Você levará cuecas para o céu? Uahahaháá´

Gou Gou: Não só cuecas.....Cósmica, deixarei a casa para você e também para Teremun. Cuide dele como um filho seu. Você é minha única parente viva, só posso pedir isso a você.

Cósmica: De fato meu instinto maternal me impede de abandonar um bebê como esse num orfanato, talvez não aceitassem...Ele precisará se adaptar aos poucos

a nossa família. Estou emocionada, a casa e a criança serão as primeiras coisas que receberei de você em toda minha vida.

Gou Gou: Não seja sentimental Cósmica. Que bom que deu certo. Agora é aguardar estes últimos dias e viver uma nova vida além da morte....Não vejo a hora de novos ventos soprando em minha cara. Morrer na minha filosofia é sonhar, é a *saída para a luz do dia*, como esta escrito no Livro Dos Mortos.

*Cósmica ouve o discurso com a mão sobre as mão de Gou Gou. De repente desaba na gargalhada.*

Cósmica: hahaha, só você mesmo Gou Gou. Hei Evangelina , pare com essa brincadeira com a criança, ela acabou de nascer...Saíam já daí de baixo. Gou Gou querido, aguardarei sua morte em casa com Teremun. Me avise, caso mude os planos.....

Gou Gou: Vamos cartório antes que feche...

*Todos saem.*

#### **CENA 4**

*O dia chegou. Gou Gou de toquinha e pantufa se prepara para a última noite na terra. Nesta noite Teremun dormiu na titia... A música começa, na meia luz os lençóis de Gou Gou começam a flutuar sinalizando que sua alma parte.*

**Gou Gou parte**

O tempo vai passando

Momento vai chegando

Gou Gou a todos avisou

E tudo planejou

Agora livre do mundo

Para contar sozinho seu dinheiro

Sem ter que gastar e disfarçar

Que nada tem e quer

Gou Gou relaxa o corpo

Cobre-se com o pano do lençol

Que emprestou do hospital

Deita Gou Gou e sonha

Cerrando os olhos um medo abate

Na mente a dúvida

De que não passa na prova do juízo

Gou Gou pecou pecou?

No embate o olho pestaneja

A mente flutua e aos poucos

O corpo fica e a alma sai

Ele parte e espera o filho

Vai Gou Gou vai Gou Gou

Teremun foi bem criado

Logo mais a carga chega

Por um preço bem barato

*Enquanto a música toca os objetos vão saindo de cena e substituídos por um banco, uma mesa e duas cadeiras. Sentados nela 2 funcionários: o Deixa e o Não Deixa. Ao fundo, a porta do céu. Gou Gou se aproxima e de pantufa e gorro os cumprimenta.*

Deixa: Senhor Gou Gou, fez boa viagem?

Não Deixa: O tempo passa voando ...Não teve turbulências?

Gou Gou: Fiz ótima viagem! Pareceu um sonho maravilhoso. Agora que cheguei, é como se esta casa já fosse minha...

Deixa: Devagar com esse andor, Leonor. Bem.... vamos ao seu caso: O Sr pleiteia morar aqui no céu. O Sr acha que tem condições espirituais para tal projeto?

Gou Gou: Sim.

Não Deixa: Qual foi a sua maior virtude Sr Gou Gou?

Gou Gou: Nunca enchi o saco de ninguém; vivi de modo simples e econômico. Não jogo papel no chão nem chuto cachorro.

Não Deixa: Bonita a fala Sr Gou Gou, mas conhecemos o Sr. e “vivi de modo simples e econômico”, no seu caso é Avareza. Não é Deixa?

Deixa: Avareza é complicado, num é dos piores mas tá na lista...Se fosse luxúria hehe, se num sentava nem no banco hehe.

Não Deixa: Hehe.. a questão da avareza é a opção pelo material em detrimento do espiritual. O Sr pensa mais em dinheiro ou em Deus?

Gou Gou: Realmente, estando na terra e não pensar em dinheiro e riqueza é complicado, diria impossível. Olhar um altar de igreja cheio de ouro, dá o que pensar... Frequentei igrejas para comer e fazer amigos.

Deixa: Fazer amigos é positivo.

Não Deixa: Frequentava para almoçar e jantar de graça.

Gou Gou: Ao frequentar conheci a alma humana e dela me distanciei novamente. Criei um filho que hoje mora com minha irmã.

Deixa: O Ecumenismo é positivo e pode ser um atenuante. E o filho, o Sr. adotou numa creche?

Gou Gou: Não, ele foi criado em laboratório. Porque faz perguntas? Não é Deus, o que vê e tudo sabe?

Deixa: Não somos Deus Sr. Gou Gou. Hum...esse filho não ajuda nada. O que você acha Não Deixa?

Não Deixa: Eu não deixo mas foda-se. Fica de quarentena...assina aqui, deixa uma cervejinha e entra..

Gou Gou: Muito obrigado, preferiria aguardar aqui.

Deixa: aguardar o o quê?

Gou Gou: A chegada do meu armário, posso?

Deixa: Aqui não consta nenhum despacho de armário em seu nome...

Gou Gou: Teremun já deve estar chegando...

Deixa e Não Deixa: TEREMUN! Não diga?

Gou Gou: Pois é, o filho que criei.

Deixa: Mas que coincidência! Vai me dizer que foi o Mudads que te vendeu a semente?

Gou Gou: Foi! Paguei a vista.

Deixa: Putz, seu Gou Gou, é melhor o Sr se sentar que a notícia não é boa. O Sr. é o terceiro caso só nesta semana de 'ex-pessoas' que foram roubadas assim...

Não Deixa: O verdadeiro nome de Teremun é Onuris. Ele é sócio de Mudads...Aquele barbudo de turbante...o senhor foi ludibriado...Mudads vende a semente, Onuris desencilhe, incha, nasce e em vez de levar as coisa para o Sr. ele



leva para o Mudads e, depois dividem meio a meio. Aí Onuris encolhe de novo, e por ai vai...

*Gou Gou cai de joelhos.*

Não Deixa: Ajoelha e reza. Às vezes é melhor abaixar a cabeça e chorar....

Gou Gou: Nãããããooooo! Fui traído meu Deus. Como é possível que aquela criança tão fofa possa ser um bandido.

Deixa: Não se sinta culpado, por mais que eduquemos nossos filhos, eles é que decidem seus próprios destinos...

Não Deixa: Você nunca teve filhos. Teve?

Gou Gou: Preciso voltar urgente...Não vou morrer sem resolver isso. O que dá para fazer?

Não Deixa: O problema é que o Sr já está morto. A boa notícia é que céu é um espelho da Terra...Dá para voltar, mas é “por fora”. É feita uma requisição-arquivo para entrada no chamado processo Lázaro. Agente resolve isso para você sem problema, a contraparte é que o Sr vai depositar numa conta bancaria nossa na terra, metade da grana que consta no armário...

Gou Gou: Metade!! Tem ladrão no universo inteiro...Não acredito que vou perder metade da minha fortuna...isto é muito doloroso para mim. Como descobriram minhas economias no armário?

Deixa: Cuecas é que não tinha lá dentro! Hehehe. O Sr. num passaria na alfândega com uma armário desses sem molhar a mão de alguém. O tributo aqui é alto, entrar no céu custaria o próprio armário.

Não Deixa: No inferno a entrada é grátis.

Gou Gou: Menos pior perder metade do que perder tudo. Aonde eu assino?

Não Deixa: Ótimo seu Gou Gou... assine aqui! resolva suas coisas mas corra porque o Sr. vai ser enterrado amanhã!

*Enquanto Gou Gou retorna, Teremun faz e recebe telefonemas...O armário está aberto com o ouro iluminando Teremun...*

Teremun: 1 quatro queijos e uma calabresa. Isso, isso! Light 2 litros...Eu passo aí e pego...

*Teremun desliga o telefone. O Telefone toca novamente.*

Teremun: Alô! Mudads! Tudo certo, o tiozinho subiu...Me espera que eu tô chegando aí...Num tinha muita coisa não *Teremun olhando para o armário aberto*:...era aposentado...tinha um cofre com moedas de ouro, anel de formatura, colar da mãe...derretendo tudo num da nenhum lingote. Vou despachar antes sua parte para você não ficar no desespero. Depois eu sigo. Vou tomar um banho de mar por uns dias. O Brasil? É, é aquela coisa futebol, praia, chopp, cafezinho...é é...depois agente se fala...Fica tranquilo...Abs.

*Teremun desliga o telefone.*

Teremun: Bunda mole. Fica sentado lá que nem um paxá...Chega! Vou correr pro abraço! Que se foda egípcio do caralho.

*Evangelina chega de biquíni e kit praia...*

Evangelina: Vamos dragão, botar fogo no lingote?

Teremun: hehehe! Agente vai pro Guarujá acampar. Depois a gente pega a Rio-Santos e vai embora...

Evangelina: Protetor solar e cerveja, pra que mais? Hehehe

*Gou Gou retorna para terra e para cama no momento em que Teremun foge com o armário e sua nova companheira Evangelina. Os 2 puxam o armário com uma corda quando são interpelados por Gou Gou. Ele se ergue como um fantasma...*

Gou Gou: Filhinho!

Teremun: Papi!!!, o que faz aqui? Já estava subindo o armário...

Evangelina: Titio, Meus sentimentos...Eu Eu já tava de saída...

Gou Gou: Vá para casa querida...

*Evangelina sai de cena correndo...*

Gou Gou: Esqueci uma coisa meu filho...

Teremun: O quê pai?

Gou Gou: de te dar um beijo filhinho.

Teremun: Deixe de besteira papi,venha cá.

*Gou Gou se dirige-se ao filho e, ao beijá-lo, apunhala o peito de Teremun que cai quase morto.*

Gou Gou: ***Draco dormiens nunquam titillandus***, "Nunca cutuque o dragão adormecido." Quis me roubar, quase deu...mas errou: quem erra deve, quem deve paga, quem paga paga na hora, talvez agora nos encontremos no inferno, infeliz...

Teremun: Velho avarento do caralho!

Gou Gou: Agora te belisco, te belisco e você não reclama...

Teremun: De que adianta o ouro se ninguém sabe que você tem?

Gou Gou: O ouro talvez seja o verdadeiro Deus.

## **CENA 5**

### **A desolação de Gou Gou**

Gou Gou desolado abatido e inconformado

O ser humano não presta na sua avidez

Não se pode querer simplesmente beliscar

A bunda daquela gostosa?

Qualquer pensamento o perturba

Inseguro sobre tudo que acreditou

Mesmo o céu que era ideal

Para Gou Gou não vale um real

Voce rega cria e cuida

Pensa que é uma flor

Mas nasce uma serpente

Nem pisar no chão Gou Gou sabe mais

Um novo plano há de criar

Pois virtude é imaginar

Que se pode transformar o barro mole

Num pote nas mãos do oleiro

*Cena final, Gou Gou está desolado olhando seu armário aberto com metade da fortuna. Flatione bate na porta.*

Flatione: Sr Gou Gou cheguei.

Gou Gou: Flatione, que bom que você apareceu! Precisava muito falar com você. Um momento. *Gou Gou tranca o armário e abre a porta.*

Flatione: Só se fala do senhor na missa. O milagre veio porque o senhor trouxe a terra da igreja pra cá...O padre tá vendendo cada saquinho por R\$ 20,00.

Gou Gou: Em outros tempos exigiria pelo menos 10% de comissão por saquinho. E o cabrito que mandei para o churrasco?

Flatione: O pessoal comeu tudo. Disseram que parecia lagarto, hehe cada gente ignorante...O Sr sumiu, por onde andou?

Gou Gou: Fiz um retiro espiritual. Essa experiência iluminou meu caminho. O mundo é justo Flatione?

Flatione: Não Sr.

Gou Gou: “Veja você: uns tem tanto dinheiro, comida, mulheres, cachorros... outros tem um cachorrinho, uma galinha, mas a maioria sem nenhum cachorro pra chutá, um bife, um quintalzinho”

Flatone: É verdade Sr Gou Gou. O Sr esta iluminado. Pretende constituir família?

Gou Gou: Casar? Gosto de buceta mas me resolvo na punheta.

Flatone: Sr Gou Gou, estamos falando de amor!

Gou Gou: Voce sabe Flatone que casamento depois de um ano é toma lá da cá. Sou um ermitão celibatário. As grandes questões da humanidade é que me afligem Flatone. Sou um expressionista, vejo o mundo através das minhas aflições interiores. Para modificar o mundo preciso primeiro modificar a mim mesmo e as pessoas que me cercam. Vamos reparar parte das injustiças do mundo tirando de quem tem e dando para quem não tem. Você será o primeiro agraciado deste meu levante, Flatone.

Flatone: O que faremos Sr. Gou Gou?

Gou Gou: Assaltaremos o Banco internacional hoje às 10 horas da noite. Você será agraciado com a fortuna que merece.

Flatone: Eu nunca assaltei um banco. Como faremos isso?

Gou Gou: Com calma, planejamento e técnica. Serão 187 lingotes de ouro, o suficiente para encher 4 armários desses... Sinto a força da certeza correr em minhas veias.

Flatone: Este ouro tem dono?

Gou Gou: Para um banco não importa o dono do ouro...Para nós sim! Se o ouro é fruto da terra é da terra que pertence, não é este o nosso planeta? Não quero mais morrer. Atualmente tenho pavor disso... Flatione, *quando me dispo à noite e me deito na cama, e estico as minhas canelas, e me cubro com lençol branco, por vezes estremeço involuntariamente, e me vem à mente a idéia de que sou um cadáver e me enterro a mim mesmo. Mas então cerro rapidamente meus olhos para fugir a esse pavoroso pensamento e salvar-me na terra dos sonhos. (Heine, p.80)* A terra dos sonhos chama-se Eldorado, Flatione. Meu projeto agora é chegar na cidade perdida e viver a imortalidade. Vamos devolver este ouro para os índios da Amazônia. Depois disso viveremos pelados numa tribo indígena da Amazônia e quem sabe até, casarmos lá.

Flatione: O senhor é um sábio Gou Gou! O que é assaltar um banco, comparado a fundar um banco?

*Gou Gou dá beliscões em Flatione.*

Gou Gou: Pegue as cordas e as pás Flatione, vamos começar a cavar...

*A peça termina com a música final:*

### **O Nirvana de Gou Gou**

Gou Gou se iluminou

Da avareza se livrou

Teve idéias novas

no final ate casar pensou

Mas a gente nunca sabe

O que a alma nos reserva

Vamos ver vamos ver

O que Gou Gou vai ser

Virou mito e peregrino

Um herói da Amazônia

Buscando a cidade perdida

E todo ouro do mundo

Nunca mais se viu

Mas muito se falou

Que Gou Gou agora é Deus

No coração verde do planeta

Vai Gou Gou Vai Gou Gou

Este mundo é todo seu

Vai Gou Gou Vai Gou Gou

Este mundo é todo seu



<FIM>



SP, agosto de 2013